



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
CURSO DE MESTRADO EM FILOSOFIA**

JONATHAN VISCONTI BERTAMONI

**BREVIÁRIO HISTÓRICO-FILOSÓFICO: UMA ANÁLISE DOS ELEMENTOS
FILOSÓFICOS DA SEGUNDA TÓPICA DE FREUD**

**CHAPECÓ
2023**

JONATHAN VISCONTI BERTAMONI

**BREVIÁRIO HISTÓRICO-FILOSÓFICO: UMA ANÁLISE DOS ELEMENTOS
FILOSÓFICOS DA SEGUNDA TÓPICA DE FREUD**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em Filosofia sob a orientação da Profª Dra. Joice Beatriz da Costa.

CHAPECÓ

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Av. Fernando Machado, 108 E

Centro, Chapecó, SC - Brasil

Caixa Postal 181

CEP 89802-112

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

, Jonathan Visconti Bertamoni

BREVIÁRIO HISTÓRICO-FILOSÓFICO: UMA ANÁLISE DOS
ELEMENTOS FILOSÓFICOS DA SEGUNDA TÓPICA DE FREUD /
Jonathan Visconti Bertamoni . -- 2023.

93 f.

Orientadora: Doutora Joice Beatriz da Costa

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Filosofia,
Chapecó, SC, 2023.

1. Filosofia. 2. Psicanálise. 3. Sigmund Freud. I. ,
Joice Beatriz da Costa, orient. II. Universidade Federal
da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JONATHAN VISCONTI BERTAMONI

**BREVIÁRIO HISTÓRICO-FILOSÓFICO: UMA ANÁLISE DOS ELEMENTOS
FILOSÓFICOS DA SEGUNDA TÓPICA DE FREUD**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em Filosofia defendido em banca examinadora em 17/04/2023.

Aprovado em: 17/04/2023

BANCA EXAMINADORA:



Prof^a Dra. Joice Beatriz da Costa. – UFFS
Presidente da banca/orientador



Prof. Dr. Rafael Werner Lopes – Faculdade Atitus

Membro titular externo

Documento assinado digitalmente



THIAGO SOARES LEITE

Data: 20/06/2023 12:01:53-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Thiago Soares Leite - UFFS

Membro titular interno

Prof. Dr. Elsio Corá – UFFS

Membro suplente interno

Chapecó, SC, abril de 2023.

Os singelos apontamentos que aqui foram erigidos, dedico, fundamentalmente, aos alicerces que a mim foram substanciais no crescimento do desejo de engendrar caminhada nos estudos infindáveis da psicanálise. Se faz mister mencioná-los: Professora Msc. Taíza Gabriela Zanatta Crestani e Professor Msc. Sandro Rodrigo Steffens, que souberam, na graduação, transmitir-me o fascínio pela matéria, ensinando com total desvelo e sensibilidade os conhecimentos psicanalíticos. Do mesmo modo, aos queridos colegas de graduação, clínica e estudos: Luiz Felipe Marques Santana e Caroline Kochenborger, os quais foram sempre indispensáveis no dia a dia da busca pelo saber psicanalítico.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais: John Carlos Bertamoni e Sueli Visconti Bertamoni, que deram e significaram minha vida muito mais do que apenas uma vez.

Ao meu filho amado, Gustavo Müller Bertamoni, que ilumina minha existência e por sua presença faz-me perseverar.

À minha namorada, Mara Rúbia Camara, companheira de dias inenarráveis, que sempre soube ser a palavra e o sentimento de amor que a mim alimenta.

A Simone Aparecida Felin, que com sensibilidade indizível, na condição de minha chefe imediata e, apesar disso, não poupou esforços em dar-me condições de terminar o presente estudo, fornecendo-me amparo em todos os momentos, incentivando-me na conclusão, com o claro e benéfico intuito de proporcionar-me crescimento pessoal.

Como explicar que o homem, um animal tão predominantemente construtivo, seja tão apaixonadamente propenso a destruição? Talvez porque seja uma criatura volúvel, de reputação duvidosa. Ou talvez porque seu único propósito na vida seja perseguir um objetivo, algo que, ao ser atingido, não é mais vida, mas o princípio da morte.

Dostoiévski (2009, p.26-27)

RESUMO

O presente estudo visa elucidar a presença e o impacto dos elementos filosóficos no constructo da segunda tópica freudiana. A investigação parte de uma interrogação filosófica fundamental: "Existem elementos filosóficos na segunda tópica freudiana?" e desenvolve-se numa análise profunda e sistemática através dos capítulos estipulados. No primeiro capítulo, acerca da "Pré-História à Gênese da Psicanálise em Sigmund Freud", é traçada a evolução da psicanálise desde suas origens até sua formulação por Freud, fornecendo um contexto histórico vital para a investigação. Posteriormente, no capítulo seguinte, qual seja "A Topografia, Metapsicologia e Teoria Estrutural como Maturação da Psicanálise", são discutidos os desenvolvimentos centrais que marcaram a maturação da psicanálise como disciplina, destacando a topografia, metapsicologia e a teoria estrutural. Em seguida, o capítulo sobre as "Influências Filosóficas no Pensamento Freudiano de Immanuel Kant, Arthur Schopenhauer, Friedrich Wilhelm Nietzsche", detalha como as ideias de Kant, Schopenhauer e Nietzsche influenciaram a concepção freudiana, proporcionando um melhor entendimento das bases filosóficas em sua teoria. No capítulo correspondente às "Demarcações das Teorias Freudianas", é realizada uma análise minuciosa das teorias freudianas, evidenciando a diversidade e a singularidade das propostas do autor. Finalmente, no último capítulo, em Elementos Filosóficos na Constituição da Segunda Tópica: A Filosofia do Id, Ego e Superego, é feito um exame detalhado dos componentes filosóficos que se entrelaçam com as estruturas do id (*Das Es*), ego (*Ich*) e superego (*Über-Ich*) na segunda tópica freudiana. Em conjunto, esta dissertação representa um esforço acadêmico para entender e esclarecer a intersecção entre a filosofia e a psicanálise no trabalho de Freud, fornecendo uma perspectiva rica e multifacetada sobre a complexidade e a profundidade da segunda tópica freudiana.

Palavras-chave: Sigmund Freud. Psicanálise. Filosofia.

ABSTRACT

The present study aims to elucidate the presence and impact of philosophical elements in the construct of the second Freudian topic. The investigation starts from a fundamental philosophical question: "Are there philosophical elements in the second Freudian topic?" and develops in a deep and systematic analysis through the stipulated chapters. In the first chapter, about the "Prehistory to the Genesis of Psychoanalysis in Sigmund Freud", the evolution of psychoanalysis is traced from its origins to its formulation by Freud, providing a vital historical context for the investigation. whether "Topography, Metapsychology and Structural Theory as the Maturation of Psychoanalysis", the central developments that marked the maturation of psychoanalysis as a discipline are discussed, highlighting topography, metapsychology and structural theory. Freudian Thought of Immanuel Kant, Arthur Schopenhauer, Friedrich Wilhelm Nietzsche", details how the ideas of Kant, Schopenhauer and Nietzsche influenced the Freudian conception, providing a better understanding of the philosophical bases in his theory. In the chapter corresponding to "Demarcations of Freudian Theories", a detailed analysis of Freudian theories is carried out, highlighting the diversity and uniqueness of the author's proposals. Finally, in the last chapter, in Philosophical Elements in the Constitution of the Second Topic: The Philosophy of the Id, Ego and Superego, a detailed examination is made of the philosophical components that intertwine with the structures of the id (Das Es), ego (Ich) and superego (Über-Ich) in the second Freudian topic. Taken together, this dissertation represents a scholarly effort to understand and clarify the intersection between philosophy and psychoanalysis in Freud's work, providing a rich and multifaceted perspective on the complexity and depth of Freud's second topic.

Keywords: Sigmund Freud. Psychoanalysis. Philosophy.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	DA PRÉ-HISTÓRIA À GÊNESE DA PSICANÁLISE EM SIGMUND FREUD....	13
3	TOPOGRAFIA, METAPSICOLOGIA E TEORIA ESTRUTURAL COMO MATURAÇÃO DA PSICANÁLISE.....	23
4	INFLUÊNCIAS FILOSÓFICAS NO PENSAMENTO FREUDIANO	35
4.1	SIGMUND FREUD (1856-1939) E IMMANUEL KANT (1724-1804).....	35
4.2	SIGMUND FREUD (1856-1939) E (ARTHUR SCHOPENHAUER 1788-1860) ...	42
4.3	SIGMUND FREUD (1856-1939) E FRIEDRICH WILHELM NIETZSCHE (1844- 1900).....	45
5	AS DEMARCAÇÕES DAS TEORIAS FREUDIANAS.....	52
5.1	A PRIMEIRA TÓPICA E A DELIMITAÇÃO DO INCONSCIENTE.....	52
6	ELEMENTOS FILOSÓFICOS NA CONSTITUIÇÃO DA SEGUNDA TÓPICA: A FILOSOFIA DO ID, EGO E SUPEREGO	58
6.1	<i>DAS ES</i> OU O ID	59
6.2	<i>ICH</i> OU O EGO.....	63
6.3	<i>ÜBER-ICH</i> OU SUPEREGO.....	67
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
	REFERÊNCIAS.....	82

1 INTRODUÇÃO

A Segunda Tópica Freudiana foi responsável por fortalecer os conceitos de grande importância teórica no desenvolvimento da psicanálise, sendo utilizada e adaptada por diversos teóricos dessa área e considerada muito importante até os dias atuais. Sendo assim, a teoria da segunda tópica se trata de uma extensão e complementação da teoria topográfica¹ que Freud (1900) abordada em *A Interpretação dos sonhos, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, repetir, recordar e elaborar, artigos sobre a metapsicologia e Além do princípio do prazer*. Sua filosofia, nesse período, se baseou em explicar questões não respondidas anteriormente, como o enigma das psicoses e dilemas clínicos na aplicação da psicanálise. Além disso, pôde dividir os mecanismos psíquicos de maneira dinâmica, mostrando limitações mais vagas entre eles e conseguindo esclarecer, ou auxiliar a compreensão das diversas questões acerca da mente humana², algo que será abordado ao longo deste trabalho.

A história de Freud não é conhecida por nós apenas por suas contribuições teóricas, é possível observar, a partir de sua biografia, traços de sua história que nos permite acompanhar o caminho traçado por ele até se tornar o dito pai da psicanálise.

Este estudo desenvolve-se diante de uma investigação acerca das influências filosóficas presentes na conceituação da Segunda Tópica Freudiana, contemplando aspectos de vida do psicanalista que influenciaram seu pensamento e, conseqüentemente, impulsionaram o desenvolvimento da psicanálise. O presente trabalho, inicialmente, pautou-se no interesse pela trajetória pessoal e profissional de Freud, estabelecendo uma relação de sua teoria com a filosofia. Para tanto, divide-se em quatro capítulos:

1. Primeiramente, trataremos uma reconstrução histórica da vida do autor e seus aspectos particulares como cidadão vienense no século XIX, partindo de Ernest Jones³, companheiro de Freud nos estudos da psicanálise e amigo. Desse modo, consideramos uma biografia fidedigna, haja vista ter

¹ A primeira tópica de Freud refere-se à divisão do aparelho psíquico entre as instâncias: consciente, pré-consciente e inconsciente.

² Em Freud, os aspectos que regem nossa mente, a realidade psíquica, referem-se ao trabalho realizado pelo aparelho psíquico (inconsciente).

³ Membro da Sociedade Psicanalítica de Viena, fundada por Freud.

sido autorizada pelo criador da psicanálise. O contexto histórico, sociopolítico e científico da época é também contemplado, considerando o cenário da *Belle Époque*, o qual gerou as ideias que viriam compor o pensamento Freudiano. Aqui também é descrito seus primeiros trabalhos como neurologista e psiquiatra, contatos e colaborações com mentores, colegas e amigos⁴, assim como o progressivo distanciamento deles ao ponto que suas teorias foram solidificando-se. Tal percurso foi realizado a partir das considerações Freudianas em *As neuropsicoses de defesa, da Correspondência completa entre Sigmund Freud e Wilhelm Fliess* editado por Masson (1986) e alguns fragmentos da Autobiografia⁵ de Freud (1923-1925/1961a).

2. O segundo capítulo analisaremos a caracterização e evolução topográfica do primeiro modelo de aparelho psíquico proposto pela psicanálise em *A interpretação dos sonhos*, passando para os *Ensaio de Metapsicologia*⁶ que buscavam a sistematização do funcionamento dos processos inconscientes. Articulando alguns dos principais textos psicanalíticos de 1900 a 1923 em que Freud incorpora gradualmente novos conceitos⁷ para a psicanálise com base em suas experiências clínicas, as quais demandavam novas explicações para os fenômenos que ocorrem na cena inconsciente do psiquismo, culminando na concepção estrutural da segunda tópica.⁸ Essa evolução teórica expressa-se nas articulações feitas a partir de fragmentos de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Recordar, repetir e elaborar, Além do princípio do prazer* e a transcrição de sua conferência intitulada *Cinco lições de psicanálise* ao fim do capítulo.
3. O terceiro capítulo, apresentará a elaboração da segunda tópica Freudiana, na estruturação do aparelho psíquico entre as três instâncias conhecidas atualmente como Id, Ego e Superego. Ao longo deste escrito será possível identificar o desenvolvimento da teoria Freudiana mediante as

⁴ Em especial Jean-Martin Charcot, Josef Breuer e Wilhelm Fliess.

⁵ Trata-se de um relato de Freud acerca de seu desenvolvimento intelectual e suas contribuições para o surgimento da psicanálise. (FREUD, 1923 - 1925)

⁶ Apresentam o início de uma estruturação dinâmica do aparelho psíquico. (FREUD, 1900)

⁷ Complemento ao mecanismo dos sonhos; distinção e etiologia do luto e melancolia; função do recalque; pulsões e seus destinos; dinâmica do inconsciente.

⁸ A segunda tópica do aparelho psíquico refere-se a uma reformulação estrutural e dinâmica do inconsciente, em que Id (Isso), Ego (Eu) e Superego (Supereu) interagem entre si nos processos psíquicos.

insuficiências da prática clínica e possibilitará demonstrarmos algumas influências filosóficas centrais que foram decisivas nesta categorização. Este estudo cita influências de Sade (1795/1995), Nietzsche (1995, 1978/1996, 1887/1999, 1886-/2002, 1889/2006), Goethe (2000), Groddeck (1909/2001, 1921/2008, 2011) entre outras personalidades que marcaram as elaborações de diversos conceitos fundamentais à psicanálise e ao Freud. As obras em destaque deste capítulo são: *A filosofia na alcova* de Sade (1795/1995), *Genealogia da Moral* de Nietzsche (1887/1999), e *El yo y el ello y otras obras* de Freud (1923-1925/1961a, 1927-1931/1961b).

4. Finalmente, o quarto capítulo foi desenvolvido a partir de uma análise mais aprofundada dos filósofos que influenciaram o pensamento Freudiano, seja nos modelos filosóficos vigentes em sua época, ou nas críticas a eles, com o intuito de tentar reconstruir as manifestações filosóficas que ecoam e servem, talvez, como pano de fundo à filosofia da segunda tópica de Freud.

Filósofos como Immanuel Kant, Arthur Schopenhauer, Friedrich Nietzsche, Fiódor Dostoiévski e Johann Wolfgang Von Goethe estão presentes não só na constituição filosófica do pensamento de Freud, mas na construção da sua teoria psicanalítica. Terminologias, conceitos, convergências e divergências se desenvolvem neste capítulo a fim demonstrar algumas das possíveis aproximações e distanciamentos entre psicanálise e filosofia, estabelecendo paralelos.

As obras que serão notórias nestes paralelos são, as três críticas do filósofo Kant, a saber: *Crítica da Razão Pura* (1781/2015) a *Crítica da Razão Prática* (1788/2003), a *Crítica da faculdade do juízo* (1790/1993) que mesmo não sendo citadas em si baseia toda a formulação do pensamento científico⁹ que Freud está inserido. Como Crítico de Kant encontramos *O mundo como vontade e representação I e II* de Schopenhauer (1788-1860/2005). Toda a obra e impressão e sumo dos pensamentos de Nietzsche (1889/2006, 1995, 1978/1996, 1886/2002, 1887/1999) e, por fim, os paralelos com os escritos de Freud, na proximidade destes

⁹ Gay (2012), argumenta que Freud desenvolve sua obra no apogeu do pensamento científico-empirista. Zilles (2009) pontua que Freud se dedica ao estudo da medicina em um momento histórico que, nas universidades, predominava o protagonismo da ciência natural como solução para todos os problemas. Neste sentido, o pensamento científico em que Freud se insere, principalmente no que tange a medicina, é na primazia da observação de casos semelhantes e não apenas dos fenômenos.

dois últimos autores, encontrar-se-á o escrito fundamental de Assoun *Freud e Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças* de 1989/1991.

No que concerne a Freud, as obras essenciais utilizadas neste trabalho são *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-25/1961a), *A interpretação dos sonhos* (1900/2001), *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outras obras* (1932-36/1964) e *Além do princípio do prazer, A psicologia das massas e a análise do eu* (1920-22/1992a), todas traduzidas diretamente do alemão por José L. Etcheverry¹⁰.

Além das obras supracitadas, outras de Sigmund Freud *O Delírio e os Sonhos na Gradiva, Análise da Fobia de um Garoto de Cinco Anos e Outros Textos: O delírio e os sonhos na Gradiva e outros textos* (1906-1908 [1909]/1982e), *Neurastenia e neurose de angústia* (1894 [1895] 1982f); *Sexualidade na etiologia das neuroses* (1893-1995 [1898]/ 1982g); *Psicopatologia da vida cotidiana* ([1900-1] 1893-1999/1982h), *Atos obsessivos e práticas religiosas* ([1907] 1906-08/1982i); *Memórias de Infância de Leonardo da Vinci* (1910/1982j); *A dinâmica da transferência* ([1912] 1911-13/1982k); *O Inconsciente* ([1915] 1911-13/1982l); *Lições Introdutórias à Psicanálise* (1915-7 [1916-7]- 1915-16/1982m); *Psicanálise e Teoria da Libido. Dois artigos da enciclopédia* (1922 [1923] 1920-22/1982n); *Dostoiévski e o parricídio* (1927 [1928]1996; 1927-31/1982o); *Novas lições introdutórias à psicanálise* (1932 [1933] 1932-36/1982p), apontam vestígios ao longo do estudo, visto que muitos textos iniciais são retomados e desenvolvidos em obras subsequentes, não havendo uma ruptura entre eles, mas uma sequência.

¹⁰ Segundo José L. Etcheverry, o texto de Freud vinha em primeiro lugar na sua tradução, orientando-se pelo significante e não pelo significado, desta forma Etcheverry tem uma tradução literal das palavras de Freud, fazendo mais justiça ao seu pensamento original.

2 DA PRÉ-HISTÓRIA À GÊNESE DA PSICANÁLISE EM SIGMUND FREUD

A vida e obra de Freud (1856-1939/2013) permanecem indivisíveis desde o momento de sua concepção até os dias atuais. Como uma das figuras históricas mais influentes na cultura do pensamento ocidental, conseqüentemente, Freud também caiu no imaginário popular. Devido a isso, faz-se necessário um resgate histórico no que confere à evolução do pensamento Freudiano e suas influências, desde seu trabalho como neurologista e psiquiatra até a concepção da psicanálise, com suas bases e conceitos norteadores.

Antes de tudo, apesar da figura mítica intrincada no imaginário popular, é importante reforçar que Freud era um homem de sua época, assim como suas ideias ao longo de seu percurso teórico. Sendo assim, a psicanálise não é uma ciência *Ex nihilo nihil fit*¹¹, passando por diversas alterações desde os primeiros esboços e elaborações Freudianas. Freud (1856-1939) nasceu como cidadão do Império Austríaco, o qual onze anos depois tornou-se a coligação precursora de uma Europa unificada, o Império Austro-Húngaro, liderado pelo imperador Francisco José¹² e tendo sua capital em Viena como epicentro cultural. Marchon (2016) defende a ideia de que para além do berço da psicanálise, a cidade de Viena era também o centro do “novo urbanismo, da música atonal, das artes plásticas que caminhavam do “déco” ao expressionismo [...] uma mola propulsora do belo e do moderno” (MARCHON, 2016, p. 21-22). Foi nesse cenário que o Imperador Austro-Húngaro implementou políticas revolucionárias que já estavam sendo articuladas na segunda metade do século XIX. Suas decisões permitiram a ascensão social e posteriormente política da comunidade judaica, à qual pertencia o “pai da psicanálise”:

No seu desejo de unir forças para fortalecer a Coroa, o imperador decreta, em 1869, a emancipação dos judeus. Esse fato beneficiou Freud diretamente, pois se essa emancipação tivesse demorado mais, ele não poderia ter estudado medicina e estaria condenado ao confinamento dos guetos judaicos. Essa abertura à comunidade semita propiciou que se formasse uma brilhante elite judaica no Império Austro-Húngaro, ansiosa por uma atuação significativa em todas as áreas que lhe foram franqueadas (as carreiras tanto militares quanto políticas ainda lhe eram vetadas). No entanto, se a emancipação abriu a porta para a integração econômico-social dos judeus o anti-semitismo, nunca totalmente extinto, se encarregava de ‘pô-los em seu lugar’. (MENDES, 2006, p. 25)

¹¹ Expressão latina para o princípio metafísico em que “nada surge do nada”.

¹² Franz Joseph I (1830-1916), imperador da Áustria e rei da Hungria.

Mendes¹³ (2006) complementa que o antissemitismo da época era atribuído aos judeus tanto pelo proletariado quanto pela pequena e média burguesia à crescente inflação e especulação financeira. Esse ódio comum às classes promoveu escolhas governamentais de políticos antissemitas durante décadas em Viena. Devido a isso, a cena vienense não era tão interessante ao judeu Sigmund Freud, fazendo com que empregasse seu tempo em atividades intelectuais ao invés dos cafés e festas badaladas da sociedade boêmia da *Belle Époque*¹⁴.

Uma anedota da época dizia que a primeira geração de emigrantes judeus era de vendedores ambulantes, a segunda de banqueiros e industriais, a terceira de médicos, advogados e artistas. Pois o característico impulso a destacar-se, a ser melhor que os demais, fazia com que em pouco tempo os descendentes dos emigrantes dominassem também nas profissões liberais e nas artes. (SOUZA, 1990, p. 140)

A partir disso, os estudos iniciais de Freud sobre medicina ocorreram de maneira pouco ortodoxa, ele se manteve preso nesses estudos três anos a mais do que preciso, sendo visto por seus colegas como atrasado, apesar de ter suas razões para tal demora. Já que, era nesses setores que gostaria de passar a sua vida

Freud admitiu para si mesmo que desenvolveu de maneira negligente os estudos próprios da carreira médica, não perdendo oportunidade para deter-se naquilo que lhe interessava, bem como para esquadrihar os campos vizinhos. (JONES, 1879-1958/1989, p. 49)

Ao completar seu terceiro ano na Universidade, sobre no qual Freud (1873 [1941]/1992e, p. 9), Carta sobre o bacharelado (para Emil Fluss), deixou o seguinte comentário:

[...] em meus primeiros anos de universidade, tive que experimentar a peculiaridade e a estreiteza de meus dons me negavam qualquer sucesso em muitas das disciplinas científicas nas quais me apressei em meu ardor juvenil. Assim aprendi a discernir a verdade da admoestação de Mefistófeles: 'Em vão vagueareis de ciência em ciência, cada um só aprende o que pode aprender'. Finalmente, no laboratório de fisiologia de Ernst Brücke encontrei paz e plena satisfação, assim como as pessoas que

¹³ Eliana Rodrigues Pereira Mendes é psicóloga e psicanalista, membro do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG). Possui artigos publicados em livros e revistas nacionais e internacionais. Dentre eles: Os últimos 50 anos da psicanálise, Trauma e identidade brasileira e o artigo citado, Sigmund Freud e as interseções entre psicanálise e cultura. Nesse artigo, Mendes aborda o impacto cultural da época provocado pela invenção da psicanálise, suas consequências atuais e o cenário sociopolítico que influenciou Freud em suas descobertas.

¹⁴ Período histórico-cultural europeu que durou de 1871 com o fim da Guerra Franco-Prussiana até 1914 com o início da Grande Guerra, marcada por grandes avanços científicos e tecnológicos.

pude respeitar e tomar como modelos: o próprio Mestre Brücke e seus assistentes Sigmund Exner e Ernst Fieischl von Marxow. (Tradução nossa)¹⁵

Após algum tempo, durante cinco meses, Freud trabalhou na clínica de Meynert¹⁶, sendo dois deles na enfermaria masculina e três na feminina, constituindo a sua principal experiência psiquiátrica. Freud viu esse período como satisfatório e fez diversas amizades, destacando-se em relação aos seus colegas ao ser escolhido como porta-voz quando “os Sekundärärzte¹⁷ em conjunto fizeram um protesto junto às autoridades quanto às acomodações no Instituto de Patologia.” (JONES, 1879-1958/1989, p. 77)

Freud tentou outras áreas como dermatologia e Rino laringologia, mas se sentiu desajeitado e inapto para aqueles campos de atuação. Conseguiu estabelecer-se como médico em atendimento particular e obteve uma vaga no hospital geral, tentando desviar da ideia de exercer a sua área de interesse, a neurologia, que na época não era uma área vista com bons olhos pela sociedade. O objetivo de Freud em sua profissão “não era apenas o prestígio profissional que o cargo trazia, mas as perspectivas bem maiores de ter assegurada uma prática médica que o deixaria em condições de se casar.” (JONES, 1879-1958/1989, p. 81).

O interesse pela psicopatologia de Freud foi iniciado, manifestado e aprofundado entre os anos de 1883 e 1887, o sistema nervoso era um campo que lhe interessava, já que havia realizado estudos nessa área, porém, em maio de 1883, ao ser nomeado Sekundärärzte do setor de Meynert, Freud conseguiu ter um maior acesso às questões voltadas para as perturbações cerebrais.

O início do trabalho em laboratório e estudos em recém-nascidos também fortaleceu o seu interesse nesse campo, manifestando o desejo de se especializar na neurologia. Freud realizou estudos sobre paralisções faciais e perturbações mentais, mas nunca realizou a publicação dos resultados obtidos.

¹⁵ [...] en mis primeros años de universidad hube de hacer la experiencia de que la peculiaridad y estrechez de mis dotes me denegaban cualquier éxito en muchas de las disciplinas científicas sobre las que me había precipitado en mi ardor juvenil. Así aprendí a discernir la verdad de la admonición de Mefistófeles: 'En vano rondará usted de ciencia en ciencia, cada quien sólo aprende lo que puede aprender'. Al fin, en el laboratorio de fisiología de Ernst Brücke hallé sosiego y satisfacción plena, así como las personas a quienes podía respetar y tomar como modelos: el propio maestro Brücke y sus asistentes Sigmund Exner y Ernst Fieischl von Marxow.

¹⁶ Theodor Meynert (1833-1892), psiquiatra e médico-chefe do hospital psiquiátrico de Viena (ROUDINESCO; PLON, 1998).

¹⁷ Algo semelhante a um médico interno.

Os experimentos laboratoriais focados no sistema nervoso e atividades cerebrais foram vastos, sendo alguns sucedidos e outros completamente descartados, como afirma Jones (1879-1958/1989), Freud demonstrou ser um bom clínico, um histologista de grande destreza e um pensador. Fisiologia nunca foi uma área em que mostrou sucesso, mas todo o seu trabalho e todos os processos pelos quais passou, tanto na vida pessoal quanto na acadêmica o formou como um neurologista de grande sucesso, um trabalhador operoso, um grande pensador e um grande introdutor nos estudos da mente humana e questões psicológicas.

O marco inaugural no distanciamento do determinismo fisiológico sobre as questões psíquicas no pensamento Freudiano deu-se em seu contato com Jean Martin Charcot¹⁸ na Salpêtrière¹⁹, onde Freud encantou-se com os estudos relacionados à hipnose, e, principalmente aos fenômenos histéricos.

Consequentemente, os conceitos de Charcot tiveram grande influência no processo de desenvolvimento da posterior prática psicanalítica. Porém, no meio científico, a hipnose acabou se tornando menos eficaz no mesmo período, devido a limitação do estudo da hipnose nos pacientes histéricos, a diferenciação entre grande e pequeno hipnotismo, a hipótese sobre os três estágios da “grande hipnose” e a caracterização desses estágios por fenômenos somáticos (FREUD, 1886-99/1982a). A fim de manter sua defesa quanto a eficácia da hipnose, Freud (1886-99/1982a, p. 74), complementou sua afirmativa declarando que:

[...] tudo isso se perdeu na estima de seus contemporâneos quando Bernheim, um discípulo de Liébeault, começou a construir a doutrina do hipnotismo em uma base psicológica mais ampla e a fazer da sugestão o núcleo da hipnose. (Tradução nossa)²⁰

Na exemplificação mediante da defesa do uso da hipnose, o uso da técnica por Charcot e a sua capacidade de realizar um certo controle através da indução no paciente hipnotizado. No texto de Freud (1886-99/1982a), Charcot explica o processo reproduzindo-o, induzindo artificialmente o paciente à paralisia. Para promover isso, ele precisa de um paciente que já se encontre num estado histérico; requer ainda o estado de hipnose e o método da sugestão. Ele hipnotiza

¹⁸ Jean Martin Charcot (1825-1893), médico e neurologista francês, expoente na história da histeria, hipnose e nas origens da psicanálise (ROUDINESCO; PLON, 1998).

¹⁹ Hospital francês onde Freud recebeu mentorias de Charcot. Seu nome refere-se a seu antigo propósito como depósito de pólvora.

²⁰ “[...] todo ello perdió en la estima de los contemporáneos cuando Bernheim, discípulo de Liébeault, comenzó a edificar la doctrina del hipnotismo sobre una base psicológica más amplia y a hacer de la sugestión el núcleo de la hipnosis”.

profundamente um paciente desse tipo e então golpeia seu braço levemente. O braço pende; fica paralisado e exhibe precisamente os mesmos sintomas que ocorrem na paralisia traumática espontânea. O golpe também pode ser substituído por uma sugestão verbal direta.

A atração de Freud (1886-99/1982a) pelos métodos da hipnose também pode ser comparativa à sua visão incrédula e descontente com os métodos utilizados pelos neuropsiquiatras contemporâneos. Sendo assim, buscou aplicar a hipnose com as suas pacientes que sofriam de histeria para observar os resultados.

Vale lembrar que todo o processo de inicialização do método da hipnose no tratamento da histeria foi motivado a partir dos relatos feitos à Freud por Josef Breuer²¹, seu amigo e futuro mentor e colaborador, acerca de seu trabalho com Bertha Pappenheim²², paciente que conhecemos como Ana O.

As sementes do interesse pelo hipnotismo despertadas pelo relato de Breuer ficaram plantadas no jovem Freud e motivaram-no a aprender com Charcot a ciência do hipnotismo, experiência que ele repetiu em 1889 por uma segunda vez na França, agora em Nancy, onde pontificavam os mestres Liebault e Bernheim, com os quais Freud aprendeu e ficou altamente impressionado com as experiências da “psicose pós-hipnótica” que lhe permitiram verificar que, mesmo em estado consciente, as pessoas executavam ordens absurdas que provinham dos mandamentos neles implantados durante o transe hipnótico. (ZIMERMAN, 1999, p. 22)

Apesar de o caso de Ana O. ter sido crucial tanto para Breuer quanto para Freud (1893-1895/1992), na epistemologia das neuroses, a maior contribuição talvez tenha vindo da própria paciente, ao solicitar que falasse livremente durante o tratamento, termo utilizado por ela como “cura pela palavra”, o que posteriormente influenciaria Freud na conceituação da associação livre na práxis psicanalítica. Tais situações em Ana O. pavimentaram a criação do método catártico descrito por Breuer e Freud (1893-1895/1992). Segundo Azevedo e Amaral (2021, p. 98), o método catártico:

consistia em fazer com que ideias inacessíveis à consciência do indivíduo viessem à tona por meio da hipnose, incentivando-o, também, a ‘descarregar’ o afeto ligado a elas por meio da fala. Dessa forma, o afeto que estava suprimido poderia ser ab-reagido – isto é, o afeto correspondente ao trauma seria ‘reagido’ energeticamente ou descarregado por meio da motricidade ou da linguagem – e os sintomas, eliminados.

²¹ Josef Breuer (1842-1925), médico austríaco e “inventor do método catártico para o tratamento da histeria.” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 93)

²² Bertha Pappenheim (1860-1936), paciente mencionada como Anna O. em *Estudos sobre a histeria*, colaboração de Freud e Breuer. Futuramente Bertha tornou-se ativista em causas humanitárias, principalmente de cunho feminista. (ROUDINESCO; PLON, 1998)

As divergências etiológicas entre Breuer e Freud (1893-1895/1992), acerca da histeria já eram visíveis na mesma época em que são publicados os *Estudos sobre a Histeria* de 1895. Paim e Ibertis (2006) descrevem que para Breuer a histeria surge a partir de uma ou mais experiências traumáticas ocorridas em estados "hipnóides", não necessariamente induzidos em uma terapêutica, podendo ser manifesto como devaneios diurnos. Neste estado de consciência, não há associação causal entre o fluxo de acontecimentos, os quais são relegados para um "segundo estado de consciência", em outras palavras, o conceito de inconsciente em Breuer (1893-1895/1992).

Freud (1893-1895, 1992) não discorda inteiramente da existência de tal estado de consciência, mas sustentava que os fenômenos causas da histeria estavam relacionados ao conteúdo do trauma, as situações em si, em geral associados a questões da sexualidade, os quais eram recalçados para evitar o desprazer da rememoração.

Estas diferenças passam a ser substanciais para o avanço do pensamento Freudiano, evidenciando a necessidade do abandono da hipnose e posteriormente do método catártico a partir da associação livre, uma vez que as defesas do recalque também passaram a abranger os casos obsessivos e psicóticos como foram descritos em *As neuropsicoses de defesa* de (1893-1899/1962, p. 49-50):

Certamente não posso afirmar que o esforço voluntário para forçar algo desse tipo para longe de seus próprios pensamentos constitua um ato patológico; nem posso dizer se esse esquecimento deliberado é alcançado, ou de que maneira é alcançado, naquelas pessoas que permanecem saudáveis sob as mesmas influências psíquicas. Só sei que nos pacientes por mim analisados, esse esquecimento não foi alcançado, mas levou a várias reações patológicas que provocaram histeria, ou uma representação obsessiva, ou psicose alucinatória. (Tradução nossa)²³

Nesse período, Freud (1893-1899/1962, p. 164) adotou como a única posição etiológica frente à histeria a teoria da sedução, afirmando que

[...] esses traumas sexuais correspondem à primeira infância {frühen Kindheit} (o período da vida antes da puberdade) e seu conteúdo deve

²³ "No puedo aseverar, por cierto, que el empeño voluntario por esforzar a apartarse de los propios pensamientos algo de este tipo constituya un acto patológico; tampoco sé decir si ese olvido deliberado se logra, o de qué manera se logra, en aquellas personas que permanecen sanas ante las mismas influencias psíquicas. Sólo sé que en los pacientes por mí analizados ese olvido no se logró, sino que llevó a diversas reacciones patológicas que provocaron una histeria, o una representación obsesiva, o una psicosis alucinatória".

consistir em uma irritação real dos órgãos genitais (processos semelhantes ao coito). (Tradução nossa)²⁴

Tal afirmativa só foi abandonada por Freud (1886-1899/1982a) em uma carta para seu amigo e colega otorrinolaringologista Wilhelm Fliess²⁵, ao reconhecer o valor da fantasia como estatuto da realidade psíquica, articulando as ideias que dariam lugar ao conceito do Complexo de Édipo²⁶.

Após sua cisão com Breuer e Freud (1893-1895/1992) encontraram não só um amigo em Fliess, mas também um confidente e importante interlocutor na evolução de suas teorias que aos poucos estavam dando forma à psicanálise. O que faz desse amigo outro grande contribuinte no trabalho intelectual de Freud, considerando seus interesses para além das ciências biológicas.

As semelhanças de vida dos dois homens, mas também as diferenças de suas concepções possibilitaram a sua identificação recíproca sem o risco da apropriação das ideias um do outro. Estavam, porém, em posições assimétricas. Freud mergulhado nas incertezas de sua psicologia nascente necessitava de um mestre, de alguém que, reconhecido por suas qualidades científicas, lhe proporcionasse proteção e segurança. Fliess era autoconfiante, comunicativo, intuitivo e dotado de certezas inexpugnáveis, características que o colocavam nesta posição de maestria ideal. Freud lhe atribuía extraordinária capacidade intelectual, pois ele podia elevar suas investigações acerca da sexualidade do plano biológico ao cósmico e a formular segundo leis gerais, matemáticas e deterministas. (DRAWIN; MOREIRA; CÂMARA, 2020, p.10)

Durante esse contato pré-psicanálise, Breuer e Freud (1893-99/1992) passou a elaborar um esboço do aparelho psíquico intitulado *Projeto para uma psicologia científica*, em que propunha explicar o funcionamento normal e patológico a partir de uma base neural. Breuer e Freud (1893-99/1992) passa a não se utilizar em sua obra o que foi elaborado no Projeto, tendo em vista que a constatação de sua existência se dá a partir de sua publicação em 1950 como um registro histórico da progressão teórica de Freud.

A proposta inicial do Projeto é fornecer uma psicologia científico-naturalista, segundo a qual os processos psíquicos normais e patológicos seriam explicados a partir de dois postulados principais: a 'quantidade' (Q) e o 'neurônio' (N). Ele desenvolve a idéia (*sic*) de um 'aparelho neuronal', cujo

²⁴ “[...] estos traumas sexuales correspondan a la niñez temprana {frühen Kindheit} (el período de la vida anterior a la pubertad), y su contenido tiene que consistir en una efectiva irritación de los genitales (procesos semejantes al coito).”

²⁵ Wilhelm Fliess (1858-1928), médico alemão e teórico da relação naso-genital (ROUDINESCO; PLON, 1998).

²⁶ “O complexo de Édipo é a representação inconsciente pela qual se exprime o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo.” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 166)

funcionamento e estrutura seriam determinados, inicialmente, pelo 'princípio de inércia', isto é, por uma tendência a descarregar toda a quantidade que alcançasse o aparelho. O objetivo manifesto é explicar todos os processos psíquicos mecanicamente, mas, em algumas ocasiões, na impossibilidade de cumprir essa meta, Freud recorre a justificativas biológicas. (SIMANKE; CAROPRESO, 2005, p. 86)

O apreço e respeito pelo amigo manteve-se exponencial na medida em que cada um galgava os degraus das próprias teorias. Fliess (1892-99) com suas teorias naso-genitais²⁷ atreladas às convenções rígidas da comunidade médica e científica vitoriana, ao ponto que Freud em suas autoanálises que datam do período de 1897 a 1900, deparava-se com pequenos fragmentos que constituem os conceitos da psicanálise, até então não nomeada, sugerida como filosofia. (FREUD, 1886-1899/1982a)

Observo que, pela via tortuosa da clínica médica, você está alcançando o seu ideal primeiro de compreender os seres humanos enquanto fisiologista, da mesma forma que alimentam secretamente a esperança de chegar, por essa mesma trilha, a minha meta inicial da filosofia. Pois era isso o que eu queria originalmente, quando ainda não me era nada clara a razão de eu estar no mundo. (FREUD, 1886-1899/1982a, p. 159, tradução nossa)

Ainda sobre a autoanálise, Freud reconhecia a importância de um interlocutor em tal empreitada, tendo em vista que Fliess ocupava o valor desse Outro para Freud. Foi essa característica tão cara à Freud que concedeu à psicanálise não só o estatuto de uma práxis científica, como também de uma terapêutica. Na carta de 14 de novembro de 1897, Freud (1886-1899/1982a, p. 310) lhe endereça:

[...] minha própria auto-análise continua interrompida. Apercebi-me da razão. Só posso me analisar com o auxílio de conhecimentos objetivamente adquiridos (como uma pessoa de fora). A verdadeira auto-análise é impossível, caso contrário não haveria doença neurótica. (Tradução nossa)

Foi a partir de suas autoanálises que Freud foi capaz de observar e reforçar ainda mais sua teoria de que “o pai quem representava para o filho os princípios de negação, contenção, restrição e autoridade; o pai representava o princípio da realidade e a mãe, o princípio de prazer.” (JONES, 1989, p. 20). A partir disso, as bases para o Complexo de Édipo estavam sedimentadas, atreladas à constatação

²⁷ Em 1897 Fliess, publicara *As relações entre o nariz e os órgãos genitais femininos, apresentadas segundo suas significações biológicas*, vistas hoje como uma pseudociência, onde o autor relatava a sensibilidade e alteração de algumas partes do nariz feminino durante a menstruação, correlacionando o sangramento e congestão.

do valor da fantasia como evidência da sexualidade infantil, não só nos relatos de seus pacientes, mas ao reconhecer esse valor em seu próprio tecido fantasístico:

Uma única idéia (*sic*) de valor geral despontou em mim. Descobri, também em meu próprio caso, o fenômeno de me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um acontecimento universal do início da infância. Cada pessoa da platéia (*sic*) foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada uma recua, horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do estado atual. (FREUD, 1886-1899/1982a, p. 273, tradução nossa)

Apesar da menção ao Édipo, até então atrelado à peça de Sófocles, o grau de estatuto conceitual na psicanálise viria muito tempo depois em *A dissolução do Complexo de Édipo*, em que Freud (1923-1925/1961a) discorre sobre o valor da fantasia edípica durante a primeira infância, afirmando seu caráter transicional no desenvolvimento psicosexual do sujeito que antecede um período de latência onde a energia libidinal se deslocaria para elementos sociais e acadêmicos, antes de retornar com veemência na puberdade, fase genital. Neste trabalho, Freud (1923-1925/1961a) reitera que a escolha objetual do sujeito, assim como a identificação, será eleita a partir das configurações da dinâmica familiar, exemplificando até então que o destino comum para o menino de “objeto de amor” a figura da mãe e a internalização da identificação atrelada à figura paterna. Tais processos ocorreriam na menina de forma semelhante, tendo o pai como destino amoroso e a mãe como o modelo performático adotado de forma inconsciente. Isso só foi possível de observar a partir do que Freud denominou de complexo de castração, presente na cena inconsciente do teatro edípico. Devido à interdição do genitor futuramente identificatório, o sujeito se vê obrigado a renunciar seu desejo para preservar a si mesmo, podendo assim concretizar tal união em suas escolhas amorosas futuras.

Todo o percurso de Freud no que viria se tornar a psicanálise deu-se a partir do caráter transferencial de sua relação com seus mentores até então mencionados. Devido a isso, é um equívoco afirmar que psicanálise e suas descobertas sejam a obra de um único homem. Suas influências e vivências serviram de matéria prima para a manufatura de sua teoria, visto que Freud atribuía a descoberta do inconsciente aos poetas e filósofos, creditando-se à formulação do método científico para estudá-lo.

Suas percepções durante o período de sua autoanálise dariam forma à obra inaugural da psicanálise na virada do século, *A Interpretação dos sonhos*. Freud

(1900, 2001a), passa a propor um novo aparelho psíquico constituído por memórias, as quais não possuem um status factual, mas fictício, devido ao carácter fantasístico de nossa realidade psíquica. O psicanalista francês Lacan (1995) discorre acerca da malha que chamamos de verdade, o qual é tecido por linhas de ficção. Esta constatação em Freud lança as bases do inconsciente.

3 TOPOGRAFIA, METAPSICOLOGIA E TEORIA ESTRUTURAL COMO MATURAÇÃO DA PSICANÁLISE

Neste capítulo será abordada a evolução teórica da psicanálise desde sua inauguração oficial em *A interpretação dos sonhos*, passando pelos ensaios metapsicológicos de Freud, até culminar em sua Teoria Estrutural do aparelho psíquico. Para o embasamento teórico, foram utilizados os seguintes autores: Zimmerman (1999, 2007), Netto e Cardoso (2012), Oliveira (2015a), e por fim Freud (1900-1916/1982d), que corresponde à maior parte do conteúdo exposto.

A psicanálise surgiu no período em que a medicina se respaldou apenas em conceitos biológicos, não se importando com campos como a psicologia, que era de responsabilidade quase que total da filosofia. Focando então na psiquiatria, ela era respaldada como uma vertente da neurologia, ou seja, estudava os campos biológicos do cérebro, sendo os nomeados neuropsiquiatras. A partir de Freud este cenário passa a experimentar uma mudança radical, assim como o avanço contemporâneo da industrialização. Apesar de *A interpretação dos sonhos* não ter sido um sucesso de vendas em seu lançamento, suas ideias mostraram-se tão polêmicas quanto sua trajetória teórica até então. Freud (1900/2001), discorrendo sobre o conteúdo do “sonho manifesto”, dizia que esse sonho é um modo disfarçado e censurado da manifestação dos desejos inconscientes, afirmando que todo sonho, e sintoma, tem um umbigo que conduz ao desconhecido do inconsciente.

A questão basilar à psicanalítica e a fundamentação de seus conceitos, torna-se, também, necessária ao desenvolvimento da teoria sendo que

Os elementos de base a partir dos quais se elabora uma teoria são os conceitos; estes, por sua vez, referem-se, sob a forma da generalidade, a fenômenos ou a processos que têm algo em comum, discernível em cada ocorrência singular por um procedimento de abstração, que precisamente afasta o que é incomensurável e extrai de uma multiplicidade o fator invariante. A teoria psicanalítica não se desvia desta característica universal: em diferentes níveis de distanciamento da experiência, os conceitos por ela articulados denotam aspectos relevantes do seu campo de referência, o funcionamento psíquico do ser humano tal como aparece à luz da situação analítica. É o caso quer de noções abrangentes, como ‘transferência’ ou ‘inconsciente’, quer de outros cuja esfera de sentido é mais restrita, como ‘neurose obsessiva’ ou ‘fase oral’. Ocorre que os conceitos não têm apenas uma função denotativa; a Psicanálise nos ensina que a vida psíquica contém uma rica textura de fantasias, e que essas fantasias possuem uma dimensão plástica. O processo primário opera sobre fragmentos de imagens, recompondo-as e organizando-as de modo a que formem ‘cenas’, isto é, situações nas quais personagens interagem, opõem-se, fazem coisas uns aos outros. Nossos sonhos de todas as noites o mostram com clareza. A hipótese que

proponho é que, sob a dimensão abstrata dos conceitos, sujeita às regras do pensamento racional – que a Psicanálise designa como ‘processo secundário’– continua a pulsar o lado plástico, sensorial, cênico, que ancora as produções do secundário no terreno movediço do processo primário. (MEZAN, 2010, p. 06)

Notadamente, as máximas Freudianas, conceitos e observações são discutidos até os dias de hoje, a exemplo de que: os sonhos são realizações de desejos inconscientes, assim como formulações abstratas e fenomênicas do aparato psíquico.

De posse de suas conceituações e utilizando-se de novas diretrizes em sua inédita proposta de aparelho psíquico constituído por memórias, Freud (1900-1915/1982c) elabora um esquema topográfico permitindo uma compreensão diferente da dinâmica dos processos inconscientes. O modelo topográfico surgiu para determinar os locais da consciência, auxiliando o estudo e a técnica com seus pacientes. A estes diferentes lugares ele denominou: Consciente, Pré-Consciente e Inconsciente, sendo que o paradigma técnico passou a ser: tornar consciente o que está no inconsciente.

Este trajeto do material inconsciente para o consciente se daria com sucesso a partir do processo de transferência construído dentro da experiência analítica entre paciente e terapeuta. A transferência²⁸ evidenciada por Freud ao longo de seu trabalho com pacientes históricas, passa a ser um conceito extremamente fundamental para a técnica psicanalítica, como uma mola propulsora no motor da análise. Suas características e eficácia distanciaram Freud do exercício sugestivo da hipnose. Mesmo reconhecendo a hipnose como um método capaz de remover as resistências inconscientes de seus pacientes, a reincidência das mesmas retornava a partir de um tempo, evidenciando que “[...] o paciente não esquece mais o que experimentou nas formas da transferência e tem para ele uma força de convicção maior do que qualquer coisa adquirida de outra forma”. (FREUD, 1937-1939/1975, p. 177, tradução nossa)²⁹. Como já mencionado anteriormente, o caráter transferencial entre Freud e seus mentores foi o que permitiu sua autoanálise e, conseqüentemente, a cientificidade do método psicanalítico. Considerando que o

²⁸ “Processo constitutivo do tratamento psicanalítico mediante o qual os desejos inconscientes do analisando concernentes a objetos externos passam a se repetir, no âmbito da relação analítica, na pessoa do analista, colocado na posição desses diversos objetos” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 766-767).

²⁹ “[...] el paciente no olvida más lo que ha vivenciado dentro de las formas de la transferencia, y tiene para él una fuerza de convencimiento mayor que todo lo adquirido de otra manera”.

manejo transferencial como a única forma (em análise) de transpassar as resistências do paciente, a principal intenção até então de tal operação era trazer o material inconsciente ao consciente pelo veículo libidinal, descarregando parte da energia na dinâmica econômica de prazer-desprazer do aparelho psíquico.

As considerações de Freud sobre a transferência são relatadas por Zimmerman (1999) como um processo gradual de obstáculo para o necessário. Freud depara-se com as insinuações da transferência no relato de Breuer a respeito do abandono de sua paciente Anna O. que lhe conferia sentimentos afetuosos. A resposta contratransferencial de Breuer em repassar o caso para Freud denota a responsabilidade de tal fenômeno frente um tratamento terapêutico. Essa situação chegou a Freud como um obstáculo, ao ponto que em 1905 com sua paciente Dora³⁰, em um relato póstumo, a aplicação do método psicanalítico mostrou-se ineficaz devido ao fato de manejo na transferência negativa de Dora. A maturação do valor transferencial na análise veio a Freud apenas em 1909 no caso do Homem dos Ratos, abrangendo ainda mais sua clínica das histéricas para as neuroses obsessivas. (ZIMERMAN, 1999)

As articulações em torno da questão libidinal no inconsciente em sua metapsicologia mostram-se um passo importante nos pilares da evolução da psicanálise, momento em que se percebe a necessidade de postular bases sistematizadas no funcionamento e execução dos fenômenos inconscientes. Antes mesmo em os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1901-1905/2001b) aborda a distinção entre o aspecto instintual animal e a *trieb* (pulsão)³¹, condição inerente à sexualidade humana permeada pela cultura. Netto e Cardoso (2012, p. 530) discorrem sobre o conceito de pulsão:

A pulsão sexual, diferentemente do instinto sexual, não se limita às atividades repertoriadas da sexualidade biológica, mas constitui o fator primordial que impulsiona toda a série de manifestações psíquicas, estando, portanto, no fundamento do aparelho psíquico e de seu funcionamento. Freud inaugura, assim, uma nova e revolucionária compreensão da sexualidade humana.

Quanto às questões metapsicológicas das pulsões, Freud (1915-1916/1963) aborda em *A pulsão e seus destinos* que o objetivo primário e final da pulsão é a

³⁰ Ida Bauer (1882-1945), paciente nomeada por Freud como Dora em seu relato intitulado *Fragmento da análise de um caso de histeria*, seu primeiro caso exclusivamente psicanalítico. (ROUDINESCO; PLON, 1998)

³¹ “Carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente”. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 628)

obtenção do prazer a partir da descarga de energia no aparelho psíquico, o qual estava excitado a ponto de gerar desprazer. Utilizando-se de uma analogia para retratar o processo do aparelho psíquico, o trabalho realizado pela pulsão no inconsciente assemelha-se com o que acontece com o sistema nervoso, dizendo que

O sistema nervoso é um aparelho ao qual cabe a função de livrar-se dos estímulos que chegam, de reduzi-los ao mínimo possível; Em outras palavras: é um dispositivo que, se possível, gostaria de ser mantido livre de qualquer estimulação. (FREUD, 1915-1916/1963, p. 115, tradução nossa)³².

Oliveira (2015a, p. 10) complementa que:

A tese de Freud é que não apenas a meta da pulsão é a satisfação, mas que essa satisfação já foi obtida um dia, em nossa 'pré-história' individual. A busca de satisfação procura reeditar uma satisfação primária, e a busca desta satisfação se repete continuamente através dos objetos que se oferecem como substitutos da coisa (*Ding*), esta (*sic*) perdida pelo simples fato de que nunca foi tida. (Grifo no original)

Outro aspecto basilar abordado em seu artigo complementar intitulado *Repressão, é a verdrangung* (recalque)³³ como um dos destinos da pulsão. O conceito de recalque abrange um significado específico das resistências. Neste caso, o recalque é um agente que barra, impede a pulsão de alcançar sua meta final de satisfação, fazendo com que a pulsão ao chocar-se com a parede do recalque volte a atuar no circuito inconsciente, para então voltar sob a pele de outras representações na tentativa de emergir a consciência. Freud (1915-1916/1963) elabora que o que foi recalcado sempre retorna, não se extingue sem alcançar a meta. Tais conteúdos pulsionais são de ordem traumática, imbuídos pela fantasia particular de cada sujeito, fazendo com que o recalque seja não só uma simples resistência, mas uma defesa necessária ao aparelho psíquico.

Para que o disfarce das pulsões barradas pelo recalque seja bem-sucedido, Freud (1915-1916/1963) recorre aos conceitos de *condensação* e *deslocamento*. Estes conceitos referem-se às roupagens tomadas pelas pulsões recalçadas, em que os elementos condensados abrangem os aspectos comuns e análogos entre o conteúdo manifesto e latente, ao ponto que o deslocamento representa puramente a censura do conteúdo latente, tendo seu sentido manifesto adulterado por elementos

³² "El sistema nervioso es un aparato al que le está deparada la función de librarse de los estímulos que le llegan, de rebajarlos al nivel mínimo posible; dicho de otro modo: es un aparato que, de ser posible, querría conservarse exento de todo estímulo.

³³ "Processo que visa a manter no inconsciente todas as idéias e representações ligadas às pulsões e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer." (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 647)

ausentes originalmente. Freud (1915-1916/1963) apresenta um exemplo de *condensação* em uma histeria de conversão:

O conteúdo representacional da agência representativa da pulsão foi radicalmente retirado da consciência; Como formação substitutiva — e ao mesmo tempo como sintoma — existe uma inervação hiperintensa — somática em casos típicos —, ora de natureza sensitiva, ora de natureza motora, ora como excitação, ora como inibição. O lugar hiperinervado revela-se, a um exame mais atento, como uma parcela do agenciamento representativo da pulsão reprimida que atraiu para si, por condensação, toda a catexia. (FREUD, 1915-1916/1963, p. 192, tradução nossa)³⁴.

Ao fim do mesmo ensaio, aborda o deslocamento em um contexto de fobia:

O afeto desaparecido volta a transformar-se em angústia social, em angústia de consciência moral, em censuras sem medida; a representação rejeitada é substituída por um substituto por deslocamento, muitas vezes por deslocamento ao insignificante, ao indiferente. (FREUD, 1915-1916/1963, p. 152, tradução nossa)³⁵.

Em seus dois textos metapsicológicos seguintes Freud (1915-1916/1963) retomam e discorrem sobre o conceito de *inconsciente*, de forma sistemática, passando a adotar os seguintes símbolos: consciente (Cs), pré-consciente (Pcs) e lcs, assim como a interação entre estes sistemas topográficos. No outro texto, Freud (1915-1916/1963) remonta e expande a compreensão da *realidade onírica*, considerando o intervalo de quinze anos entre a obra inaugural da psicanálise e o ensaio em questão. Os aspectos referentes aos mecanismos de condensação e *deslocamento* foram incorporados no que tange a manifestação dos sonhos.

Em *Luto e Melancolia* Freud (1914-16 [1917] /1982d) aborda as semelhanças e diferenças entre o processo de luto e a melancolia. Naquela época o conceito de melancolia³⁶ era tão plural quanto os termos que utilizamos como depressões nos tempos atuais. Freud passa a articular que o processo de luto (assim como na melancolia) era experimentado pelo sujeito a partir da compreensão de uma perda externa permeada por um investimento libidinal. No luto, tais perdas poderiam estar

³⁴ El contenido de representación de la agencia representante de pulsión se ha sustraído radicalmente de la conciencia; como formación sustitutiva — y al mismo tiempo como sintoma — se encuentra una inervación hiperintensa — somática en los casos típicos —, unas veces de naturaleza sensorial y otras de naturaleza motriz, ya sea como excitación o como inhibición. El lugar hiperinervado se revela, a una consideración más atenta, como una porción de la agencia representante de pulsión reprimida que ha atraído hacia sí, por condensación, la investidura íntegra.

³⁵ El afecto desaparecido retorna mudándose en angustia social, en angustia de la conciencia moral, en reproches sin medida; la representación rechazada se reemplaza mediante un sustituto por desplazamiento, a menudo por desplazamiento a lo ínfimo, a lo indiferente. En la mayoría de los casos hay una tendenciosa inequívoca a la producción intacta de la representación reprimida.

³⁶ Para Stein (1976), a melancolia é uma experiência existencial da finitude, primordial para a possibilidade de um genuíno pensamento filosófico.

relacionadas à escolha objetal amorosa assim como de outra natureza, contanto que o objeto perdido fosse externo. Em sua descrição da melancolia, Freud aborda o caráter enigmático tanto para o psicanalista quanto para o próprio paciente, afirmando que “*No luto, o mundo tornou-se pobre e vazio; na melancolia, isso acontece comigo mesmo.*” (FREUD, 1917/2001c, p. 243, tradução nossa)³⁷. Sobre o escopo enigmático da melancolia:

[...], mas não podemos discernir com precisão o que foi perdido, e com maior razão ainda podemos pensar que o paciente também não consegue captar em sua consciência o que perdeu. Esse caso poderia ocorrer mesmo quando a perda que causou a melancolia já fosse notória para o paciente: quando ele sabe quem perdeu, mas não o que perdeu nele. (FREUD, 1917/2001c, p. 243, tradução nossa)³⁸

A perda sabida do que não se sabe na melancolia, reflete-se na perda do próprio Eu experimentada de forma existencial no sujeito. Devido às semelhanças entre luto e melancolia em relação aos impasses no sujeito e seu desejo, a melancolia está mais aliada ao não exercício ou a ineficácia de um processo de luto, fazendo com que o sujeito não experimente o luto como a perda de um objeto externo, mas como a perda de si em um luto narcísico.

Outra consideração que levaria a uma nova compreensão dos fenômenos ocorridos no aparelho psíquico viria em 1920 em *Além do princípio do prazer*, em que Freud (1920-1922/1992a) reformula o conceito *pulsional* para os aspectos de *Eros* e *Tânatos*, diferenciando as pulsões de vida e pulsões de morte. Até então a compreensão das pulsões orbitava em torno dos aspectos construtivos e de autopreservação. Ainda assim, em seu cerne, “O princípio do prazer parece estar diretamente a serviço das pulsões de morte.” (FREUD, 1920-1922/1992a, p. 61, tradução nossa)³⁹. Este trabalho inaugurou o conceito de *pulsão de morte* evidenciando que há algo que não se cansa de reincidir na cadeia associativa e atuante dos pacientes, algo da ordem do caos, destrutiva, fora das leis que até então regiam a economia psíquica: o princípio da *compulsão à repetição*. Devido à descoberta desse novo elemento, a psicanálise avança aos saltos em direção às novas estruturas. Freud (1920-1922/1992a), cita um exemplo da cena cotidiana infantil ao discorrer sobre o fenômeno da *compulsão à repetição*.

³⁷ En el duelo, el mundo se ha hecho pobre y vacío; en la melancolía, eso le ocurre al yo mismo.

³⁸ [...] pero no atinamos a discernir con precisión lo que se perdió, y con mayor razón podemos pensar que tampoco el enfermo puede apresar en su conciencia lo que ha perdido. Este caso podría presentarse aun siendo notoria para el enfermo la pérdida ocasionadora de la melancolía: cuando él sabe a quién perdió, pero no lo que perdió en él.

³⁹ El principio de placer parece estar directamente al servicio de las pulsiones de muerte.

As manifestações de uma compulsão à repetição (que descrevemos como ocorrendo nas primeiras atividades da vida mental infantil, bem como entre os eventos do tratamento psicanalítico) apresentam em alto grau um caráter instintual e, quando atuam em oposição ao princípio de prazer, dão a aparência de alguma força ‘demoníaca’ em ação. No caso da brincadeira, parece que percebemos que as crianças repetem experiências desagradáveis pela razão adicional de poderem dominar uma impressão poderosa muito mais completamente de modo ativo do que poderiam fazê-lo simplesmente experimentando-a de modo passivo. (FREUD, 1920-1922/1992a, p. 35, tradução nossa)⁴⁰.

Anteriormente em *Recordar, repetir e elaborar* de 1914/2001d, Freud apresenta a importância do *fenômeno da repetição* no trabalho analítico, trazendo que “[...] o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu ou reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o. Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber o que está repetindo. (FREUD, 1914/2001d, p. 151-152, tradução nossa)⁴¹

Tais características sintomáticas permitiram a futura elaboração da *compulsão à repetição* como arauto da pulsão de morte, sendo que “As pulsões de vida constituiriam a força de ligação em jogo no aparelho psíquico, em oposição à pulsão de morte, que seria a força de desligamento” (CAMPOS, 2013, p. 14). Ainda, em Freud, o exemplo prático entre as operações inconscientes no modelo topográfico e metapsicológico surgem no texto *Além do princípio do prazer* fazendo menção ao que já havia sido abordado em *Recordar, repetir e elaborar*:

É certo que grande parte do ego é, ela própria, inconsciente, e notavelmente aquilo que podemos descrever como seu núcleo; apenas pequena parte dele se acha abrangida pelo termo ‘pré-consciente’. Havendo substituído uma terminologia puramente descritiva por outra sistemática e dinâmica, podemos dizer que as resistências do paciente se originam do ego, e então imediatamente perceberemos que a compulsão à repetição deve ser atribuída ao reprimido inconsciente. Parece provável que a compulsão só possa expressar-se depois que o trabalho do tratamento avançou a seu encontro até a metade do caminho e que afrouxou a repressão. (FREUD, 1914/2001d, p. 19-20, tradução nossa)⁴²

⁴⁰ Las exteriorizaciones de una compulsión de repetición que hemos descrito en las tempranas actividades de la vida anímica infantil, así como en las vivencias de la cura psicoanalítica, muestran en alto grado un carácter pulsional y, donde se encuentran en oposición al principio de placer, demoníaco. En el caso del juego infantil creemos advertir que el niño repite la vivencia displacentera, además, porque mediante su actividad consigue un dominio sobre la impresión intensa mucho más radical que el que era posible en el vivenciar meramente pasivo.

⁴¹ “[...] el analizado no recuerda, en general, nada de lo olvidado y reprimido, sino que lo actúa. O reproduce como recuerdo, sino como acción; lo repite, sin saber, desde luego, que lo hace”.

⁴² Es que sin duda también en el interior del yo es mucho lo inconsciente: justamente lo que puede llamarse el núcleo del yo; abarcamos sólo una pequeña parte de eso con el noifibre de preconsciente. Tras sustituir así una terminología meramente descriptiva por una sistemática o dinámica, podemos decir que la resistencia del analizado parte de su yo; hecho esto, enseguida advertimos que hemos de adscribir la compulsión de repetición a lo reprimido inconsciente. Es probable que no pueda exteriorizarse antes que el trabajo solicitante de la cura haya aflojado la represión.

Estas constatações de Freud permitiram o avanço evolutivo da psicanálise como uma práxis, para além de seu propósito original na clínica da histeria. Suas percepções e reformulações sistemáticas do aparelho psíquico concluíram que o sistema topográfico, a partir de suas elaborações metapsicológicas, não comportava em totalidade a realidade experimentada em sua clínica das neuroses. Esta fase é denominada como Segunda Tópica Freudiana ou Teoria Estrutural, marcada pela elaboração do inconsciente como uma estrutura composta por diversas demandas, funções e proibições, e sua interação entre essas demandas inconscientes e conscientes, e a forma que ocorriam de maneira sistemática. Sendo assim, Freud (1923-1925/1961a) estruturou o que conhecemos hoje como ego, superego e id.

Na obra de Freud 'O ego e o id (1923)', ele concebeu a estrutura tripartite, composta pelas instâncias do id (com as respectivas pulsões), do ego (com o seu conjunto de funções e de representações) e do superego (com as ameaças, castigos etc.). O paradigma técnico da psicanálise foi formulado por Freud como: 'onde houver id (e superego), o ego deve estar'. (ZIMERMAN, 1999, p. 24)

O advento do período estrutural no pensamento Freudiano com suas instâncias do id, ego e superego permanece ao longo de todo o percurso da produção científico-literária de Sigmund Freud, ganhando contornos mais definidos ao longo do tempo. "A percepção tem, para o Eu, o papel que no Id cabe ao instinto. O Eu representa o que se pode chamar de razão e circunspeção, em oposição ao Id, que contém as paixões." (FREUD, 1923-1925/1961a, p. 27, tradução nossa,⁴³). Sendo assim, o Eu (ego) assume o princípio da realidade no sentido perceptivo, do apreensivo acessível no que tange ao consciente, ao ponto que o Id (ou isso) refere-se ao *princípio do prazer, do circuito pulsional à meta* ou ao *recalque*. Já o superego representa o princípio da lei, a moral, instaurado no psiquismo a partir das interdições da figura paterna no período edipiano do desenvolvimento psicosexual infantil.

O Superego conservará o caráter do pai, e quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o Superego terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa. (FREUD, 1923-1925/1961a, p. 36, tradução nossa)⁴⁴.

⁴³ Para el yo, la percepción cumple el papel que en el ello corresponde a la pulsión. El yo es el representante de lo que puede llamarse razón y prudencia, por oposición al ello, que contiene las pasiones.

⁴⁴ El superyó conservará el carácter del padre, y cuanto más intenso fue el complejo de Edipo y más rápido se produjo su represión (por el influjo de la,autoridad, la doctrina religiosa, la enseñanza, la lectura), tanto más riguroso devendrá después el imperio del superyó como conciencia moral, quizá también como sentimiento inconsciente de culpa.

As descobertas de Freud e o desenvolvimento psicanalítico também permitiram que outros autores contribuíssem com novos avanços, recuos e transformações, tendo as noções Freudianas como base principal dos dados acerca da prática psicanalítica, relacionando os conceitos com a técnica e sua ética. A partir de 1906, ao fundar a Sociedade Psicanalítica de Viena, Freud (1906-1908/1982e) decidiu instruir novos psicanalistas por meio de conferências e compartilhamentos de trabalhos mútuos, reunindo-se com um seleto grupo de brilhantes colaboradores de áreas diversas, para além da medicina, permeando também o campo das artes, sendo alguns deles Karl Abraham, Sándor Ferenczi, Otto Rank, Wilhelm Steckel, Hanns Sachs, Carl Gustav Jung e Alfred Adler.

Um marco importante para a expansão do reconhecimento da psicanálise como ciência no século XX foram as conferências de Freud, em 1909 na Clark University, Estados Unidos (EUA), onde recebeu honrarias junto de Jung, Ferenczi, Jones e Brill. Na ocasião, Freud legou suas cinco lições de psicanálise, importantes para o estabelecimento de padrões éticos, conceituais e técnicos para na devida execução da psicanálise, sendo elas deveras importante para a estruturação e a qualificação científica da abordagem Freudiana. (CHINALLI, 2010)

Na primeira lição é possível interpretar como ponto de partida a forte relação de Freud com a exatidão das memórias infantis, não crendo que tais memórias poderiam ser um material concreto e sim uma imagem mnêmica, tratando-se de traços dos desejos fantásticos da infância, então, o que deveria ser observado seria o contexto que despertou tais desejos. Citando o seu texto, pode-se ampliar esse entendimento onde Freud (1900/2001a) declara que:

[...] nem sempre era um único acontecimento que deixava atrás de si os sintomas; para produzir tal efeito uniam-se na maioria dos casos numerosos traumas, às vezes análogos e repetidos. Toda essa cadeia de recordações patogênicas tinha então de ser reproduzida em ordem cronológica e precisamente inversa - as últimas em primeiro lugar e as primeiras por último - sendo completamente impossível chegar ao primeiro trauma, muitas vezes o mais ativo, saltando-se sobre os que ocorreram posteriormente. (FREUD, 1900/2001a, p. 11, tradução nossa)⁴⁵

Freud (1909-1937-1939/1992j) inicia a segunda lição propondo a importância do domínio sobre os próprios idiomas, ou seja, da maneira em que o locutor se

⁴⁵ [...] no siempre era una vivencia única; las más de las veces habían concurrido a ese efecto repetidos y numerosos traumas, a menudo muchísimos de un mismo tipo. Toda esta cadena de recuerdos patógenos debía ser reproducida luego en su secuencia cronológica, y por cierto en sentido inverso: los últimos primero, y los primeros en último lugar; era de todo punto imposible avanzar hasta el primer trauma, que solía ser el más eficaz, saltando los sobrevenidos después.

comunica, assim como a atenção às lembranças, tendo em vista que o conhecimento, dependendo do contexto, pode ser absorvido pelo inconsciente. Freud já considerava as resistências do analista, estabelecendo possíveis saídas, não necessariamente como uma regra, mas traz ao entendimento que “À várias dessas soluções para rematar satisfatoriamente conflito e neurose, as quais, em determinados casos, podem combinar-se entre si.” (FREUD, 1909-1937-1939/1992j, p. 24, tradução nossa)⁴⁶. Sendo assim, após a execução do processo terapêutico

Ou a personalidade do doente se convence de que repelira sem razão o desejo e consente em aceitá-lo total ou parcialmente, ou este mesmo desejo é dirigido para um alvo irrepreensível e mais elevado (o que se chama `sublimação' do desejo), ou, finalmente, reconhece como justa a repulsa. (FREUD, 1909-1937-1939/1992j, p. 24, tradução nossa)⁴⁷

A terceira lição remonta à importância dos chistes e atos falhos na performance discursiva dos pacientes. Assim como os sonhos era uma forma extremamente efetiva de adentrar o inconsciente, Freud (1909-1937-1939/1992j) resgata os atos falhos e chistes como autênticas manifestações inconscientes, reiterando a observação indiscriminada da escuta, em que para o psicanalista “não existe nada insignificante, arbitrário ou casual nas manifestações psíquicas. Antevê um motivo suficiente em toda parte onde habitualmente ninguém pensa nisso.” (FREUD, 1909-1937-1939/1992j, p. 33, tradução nossa)⁴⁸. Tais manifestações apareceriam em análise no processo de transferência utilizando-se da regra da associação livre:

[...] é que o doente, influenciado pela resistência disfarçada em juízos críticos sobre o valor da ideia, retém-na ou de novo a afasta. Para evitá-la põe-se previamente o doente a par do que pode ocorrer, pedindo-lhe renuncie a qualquer crítica; sem nenhuma seleção deverá expor tudo que lhe vier ao pensamento, mesmo que lhe pareça errôneo, despropositado ou absurdo e, especialmente, se lhe for desagradável a vinda dessas ideias à mente. Pela observância dessa regra garantimo-nos o material que nos conduz ao roteiro do complexo reprimido. (FREUD, 1909-1937-1939/1992j, p. 28, tradução nossa)⁴⁹

⁴⁶ De tales tramitaciones adecuadas al fin, que llevan conflicto y neurosis a un feliz término, las hay varias, y en algunos casos es posible alcanzarlas combinadas entre sí.

⁴⁷ La personalidad del enfermo puede ser convencida de que rechazó el deseo patógeno sin razón y movida a aceptarlo total o parcialmente, o este mismo deseo ser guiado hacia una meta superior y por eso exenta de objeción (Jo que se llama su SIlblimación), o bien admitirse que su desestimación es justa.

⁴⁸ Para él no hay en las exteriorizaciones psíquicas nada insignificante, nada caprichoso ni contingente; espera hallar una motivación suficiente aun donde no se suele plantear tal exigência.

⁴⁹ [...] el enfermo, bajo el influjo de las resistencias, que se disfrazan en la forma de diversos juicios críticos acerca del valor de la ocurrencia, se reserva o hace a un lado la ocurrencia percibida. El modo de protegerse de ello es prever esa conducta y pedirle que no haga caso de esa crítica. Bajo total renuncia a semejante selección crítica, debe decir todo lo que se le pase por la cabeza, aunque lo considere incorrecto, que no viene al caso o disparatado, y con mayor razón todavía si le resulta

A quarta lição está voltada para o caráter libidinal das repressões e conteúdos inconscientes que regem a vida diurna dos sujeitos. Freud (1909-1937-1939/1992j) aborda que na época de sua colaboração com Breuer havia notado a importância do fator sexual no trabalho com histéricas, fatores estes que Freud defende na conferência ao discorrer sobre a veemência de elementos eróticos sobre outros conteúdos psíquicos. Também reitera a necessidade de se tomar notas das situações vivenciadas na prática clínica. Freud defendeu que nem tudo deveria ser anotado e nem em anotações tão longas. Tomar notas acerca dos pontos que se busca esclarecimento favorece o entendimento acerca das questões dos pacientes.

Na quinta e última lição Freud (1909-1937-1939/1992j) costura o papel fundamental da fantasia nos componentes eróticos dos sintomas neuróticos. Ao mesmo tempo, discorre sobre as críticas feitas à psicanálise, atribuindo tal recusa à exclusividade investigativa do inconsciente, dificilmente percebida na vida cotidiana como outros processos investigativos no tratamento dos doentes; e “[...] a falta de hábito de contar com o rigoroso determinismo estrito e sem exceções da vida mental.” (FREUD, 1909-1937-1939/1992j, p. 34, tradução nossa)⁵⁰. Além disso, articula que a descoberta do fator transferencial é o que evidencia e comprova o que viria a ser as pulsões e a carga erótica da neurose.

Senhoras e senhores. Não lhes falei até agora sobre a experiência mais importante, que vem confirmar nossa suposição acerca das forças instintivas sexuais da neurose. Todas as vezes que tratamos psicanaliticamente um paciente neurótico, surge nele o estranho fenômeno chamado `transferência', isto é, o doente consagra ao médico uma série de sentimentos afetuosos, mesclados muitas vezes de hostilidade, não justificados em relações reais e que, pelas suas particularidades, devem provir de antigas fantasias tornadas inconscientes. (FREUD, 1909-1937-1939/1992j, p. 47, tradução nossa)⁵¹.

Estas lições remontam às primeiras conferências de Freud como psicanalista, ocorrendo com certa frequência a partir disso, considerando que tenha sido o salto da psicanálise de Viena para o restante do mundo ocidental. A trajetória do desenvolvimento no pensamento Freudiano na concepção da psicanálise foi deveras

desagradable ocupar su pensamiento en esa ocurrencia. Por medio de su obediencia a ese precepto nos aseguramos el material que habrá de ponernos sobre la pista de los complejos reprimidos.

⁵⁰ “[...] la falta de hábito de contar con el determinismo estricto y sin excepciones de la vida anímica”.

⁵¹ Señoras y señores: Les he mantenido en reserva la experiencia más importante que corrobora nuestro supuesto sobre las fuerzas pulsionales sexuales de la neurosis. Siempre que tratamos psicoanalíticamente a un neurótico, le sobreviene el extraño fenómeno de la llamada trasferencia, vale decir, vuelca sobre el médico un exceso de mociones tiernas, contaminadas hartas veces de hostilidad, y que no se fundan en ningún vínculo real; todos los detalles de su emergencia nos fuerzan a derivarlas de los antiguos deseos fantaseados del enfermo, devenidos inconscientes.

longo, deixando valiosos conceitos e lições que estabeleceram as bases sólidas para a prática da psicanálise desde seus contemporâneos até os dias de hoje, expandindo e formulando novas vertentes de sua abordagem após sua criação. Como todo artifício influente na cultura humana, a psicanálise, ao menos em partes, foi forjada com suor, lágrimas e sangue.

4 INFLUÊNCIAS FILOSÓFICAS NO PENSAMENTO FREUDIANO

Neste capítulo serão feitos alguns apontamentos sobre as principais influências para o pensamento Freudiano, como Freud se assemelha e se distancia de autores filosóficos importantes e quais as características que a psicanálise herda de tais autores e de suas elaborações filosóficas.

Na origem de toda nova construção histórica, identifica-se uma ruptura com o conceito histórico-filosófico vigente, onde este já não responde suficientemente às ânsias filosóficas da sociedade, e surge a necessidade da criação de um novo paradigma, sustentado, não poucas vezes, sobre o alicerce do que já foi estabelecido. Para o pensamento Freudiano, temos como principal fonte a filosofia alemã dos séculos XVIII e XIX, de onde Freud sorve de conceitos emoldurados, principalmente, por Immanuel Kant, Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche.

4.1 SIGMUND FREUD (1856-1939) E IMMANUEL KANT (1724-1804)

Inicialmente, o idealismo alemão em voga nas duas primeiras décadas do século regeu o pensamento filosófico na cultura alemã. O sistema universitário foi construído sob as bases ideológicas de Johann Gottlieb Fichte, Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling e George Wilhelm Friedrich Hegel, onde a metafísica idealista⁵² prosperava. Neste ínterim, a chamada filosofia natural atrelada a Schelling tinha por modelo o autor Johann Wolfgang von Goethe, de quem Freud era um profundo apaixonado, alinhando-se ao romantismo alemão do qual a medicina possuía adeptos.

Em 1822, houve a fundação da Sociedade dos Cientistas Médicos Alemães, que deu início à transição da metafísica idealista ao domínio das Ciências experimentais. Inicialmente mal-recebidas, as ciências experimentais vão ter seu apogeu a partir da segunda metade do século e vão influenciar não somente a

⁵² Caracteriza a conceituação do idealismo alemão dos sucessores de Kant, citados anteriormente neste parágrafo. Neste sentido o mundo seria concebido através daquilo que é compreensível e perceptível à consciência humana e a realidade é uma manifestação mental. Fichte prioriza a consciência como criadora da realidade. Schelling, traz a conceituação do *absoluto* (*Deus*) e de que, todas as coisas estariam unidas neste, não podendo ser concebido pelo intelecto, mas apenas pela arte, Schelling também é considerado um idealista estético pois acreditava que na arte o natural e o transcendental poderiam ser conciliados. Já “Hegel é idealista porque parte do pressuposto que a realidade absoluta, o fundo do Ser é, em definitivo, a Ideia, o Espírito.” (FERRO; TAVARES, 1995, p. 26)

produção intelectual, mas a vida cotidiana da sociedade alemã. Quando Freud inicia sua formação acadêmica em 1887, é fortemente influenciado pela ambiguidade da ciência natural como verdade científica e o que foi chamado de neokantismo⁵³. É possível perceber que Freud desenvolve suas teorias e seu próprio aparato de pensamento filosófico sob a dúvida do que seria ciência. (ROCHA, 2004)

Freud sempre recusou o título de filósofo e seu objetivo com a psicanálise era demarcá-la como uma ciência, não uma filosofia. Essa necessidade particular da demarcação dos limites é consequência da imaterialidade da ciência psicanalítica, manifestada em um meio médico/biológico. De formação médica, dedicando seus estudos à pesquisas acadêmico-científicas, Freud desenvolveu pesquisas experimentais no Laboratório de Fisiologia da Universidade de Viena onde se familiarizou com os métodos de investigação e produção científica de sua época (PRUDENTE; RIBEIRO, 2005). O pensamento Freudiano, posteriormente nomeado de psicanálise, sofreu muitas resistências no meio intelectual e social do século XIX, sendo descrito por Freud como “[...] alvo, por motivos afetivos, das mais violentas perseguições por parte daqueles que nem se deram ao trabalho de estudá-lo.”⁵⁴ (FREUD, 1913/2001e, p. 182, tradução nossa), crítica direta aos seus colegas de profissão.

A psicanálise sempre foi pontuada por seu autor como uma ciência natural, “A psicologia também é uma ciência natural. O que mais pode ser?”⁵⁵ (FREUD, 1940/2001f, p. 284, tradução nossa). Freud compreende a ciência da natureza como aquela que deriva da experiência, negando uma autoridade primária a ela, da qual a conclusão de um estudo é arbitrariamente mediada pela experiência. Frente aos fenômenos patológicos não palpáveis, Freud define, em 1890/2001g, no texto *Die Gesundheit*⁵⁶, o psíquico como um ente natural. Isso significava que a psicanálise tinha o intuito de se basear em estudos científicos e buscava objetos circunscritos, porém a filosofia buscava captar a totalidade do ser e do real. Tal definição permite o

⁵³ Movimento filosófico desenvolvido especialmente na Alemanha (embora também no resto da Europa) de meados do século XIX até aproximadamente 1920, e caracterizado por um retorno à Kant, com maior ênfase na reflexão a respeito do conhecimento científico.

⁵⁴ “[...] fue objeto, por razones afectivas, de la más violenta hostilización por parte de quienes ni se habían tomado el trabajo de estudiarlo.”

⁵⁵ “La psicología es también una ciencia natural. ¿Qué otra cosa puede ser?”

⁵⁶ Inicialmente este texto é datado de 1905 “v. VII, n. 8, Tratamento psíquico (ou anímico) (1905)”. Sabe-se agora que, na verdade, essa foi a terceira edição, embora os organizadores do trabalho tenham deixado de fornecer tal indicação, algumas informações e comentários adicionais sobre essa descoberta na introdução do editor [inglês] ao grupo de ensaios de Freud sobre o hipnotismo e a sugestão.

abandono de uma designação anatômica do psíquico para a construção do psíquico como uma manifestação dos processos da experiência, e demarca os primeiros passos ao que depois se conhecerá como metapsicologia.

Além destas definições circunscritas pelo autor de modo manifesto, a fim de afastar a psicanálise de um sistema filosófico e aproximá-la de um método aplicado, Freud tem por característica ser um leitor ávido, e entre leituras e influências de seu pensamento teórico é possível notar nuances que remetem a autores relevantes da filosofia, demonstrando proximidade e simpatia por esta arte primeira.

Entre as questões da cientificidade encontram-se os estudos de Kant, propondo a impossibilidade de cientificidade aos fenômenos psicológicos por estes não apresentarem características possíveis de exploração científica, como dados empíricos passíveis de abordagem matemática. Portanto, a psicologia não seria científica, visto que seus objetos de estudo não podem ser analisados e observados espacialmente, restando uma avaliação temporal dos processos, onde restaria a observação e descrição de fenômenos externos, portanto ao máximo se aproximando do conhecimento científico, porém sem adentrá-lo (LEARY, 2006).

Kant é considerado um dos mais importantes autores do que chamamos de filosofia moderna, com contribuições fundamentais no campo da epistemologia⁵⁷, ao que foi chamado de *idealismo transcendental* mesclando o empirismo⁵⁸ e o racionalismo⁵⁹. Suas três críticas, obras fundamentais do campo filosófico, contribuem de forma decisiva para o pensamento ocidental. De forma breve, a *Crítica da razão pura* (1781/2015), discute a problemática do conhecimento na reunião das teorias empirista e racionalista, a primeira, pauta o saber mediado pelas sensações e a segunda pontua o conhecimento percebido pelo pensamento, é desta síntese que Kant formula o *idealismo transcendental*⁶⁰. Kant, em sua segunda obra, a *Crítica da razão prática* (1788/2003) o filósofo discute a moral e como esta pode

⁵⁷ Estudos epistemológicos se relacionam ao campo da Organização do Conhecimento. Quando falamos distinção entre realismo e antirrealismo ou idealismo nos referimos ao campo de pesquisa da epistemologia. Immanuel Kant tem vasta contribuição no que concerne à definição de uma terceira via para a dicotomia. (WEISS; BRÄSCHER, 2014, p. 56)

⁵⁸ “[...] concepção que fundamenta nosso conhecimento, ou o material com o qual ele é construído, na experiência através dos cinco sentidos”. (HONDERICH, 1995, p. 226)

⁵⁹ O racionalismo é a "posição epistemológica que vê no pensamento, na razão, a fonte principal do conhecimento". (HESSEN, 1987, p. 60)

⁶⁰ “Denomino transcendental todo o conhecimento que em geral se ocupa não tanto com os objetos, mas com nosso modo de conhecimento de objetos na medida em que este deve ser possível a priori. Um sistema de tais conceitos denominar-se-ia filosofia transcendental.” (KANT, 1987, p. 26, grifo do autor)

ser possível, de um viés universal, é neste trabalho que tomamos conhecimento do que Kant chama de *imperativo categórico*⁶¹. Já em sua terceira crítica, *Crítica da Faculdade do Juízo* (1790/1993), se discutiu os limites do nosso conhecimento, levando em conta não somente a faculdade da razão, mas também a memória e os sentimentos.

Freud era profundamente influenciado pelo pensamento Kantiano em decorrência de sua formação científica, onde tais teorias estavam em voga, reconhecendo o conhecimento através do pensamento de que existem limites ao que se pode conhecer, e tais limites são impostos pela compreensão dos fenômenos⁶², logo aquilo que está para além desta compreensão não pode ser conhecido cientificamente, o que Kant denomina como metafísica⁶³, privilegiando a coisa em si⁶⁴ e não a representação da coisa⁶⁵. Neste sentido, três ideias encontram-se no âmago da metafísica: *A alma, Deus e o mundo*, não sendo objetos do conhecimento científico e sim do metafísico, dividindo a filosofia em dois polos diversos⁶⁶. Portanto, Freud vem da epistemologia Kantiana, baseada no conceito de *representação*, onde os fenômenos se apresentam à nossa consciência de dupla forma e formamos representação destes fenômenos de acordo com condições que devem ser dadas pelo objeto para seu conhecimento, sendo as condições o tempo e

⁶¹ Ver página 71.

⁶² Segundo o Dicionário de filosofia, na filosofia de Kant, o termo “fenômeno” adquire um sentido particular, por oposição a “númeno”. O “númeno” designa a coisa em si, tal como existe fora dos quadros do sujeito. Quanto ao “fenômeno”, designa o objeto de nossa experiência, ou seja, aquilo que aparece nos quadros que lhe conferem as formas a priori da sensibilidade e as leis do entendimento. (JAPIASSÚ, MARCONDES, 2008)

⁶³ Em Kant, podemos falar de metafísica em sentido amplo e em sentido estrito. O primeiro é composto por uma parte crítica (responsável por realizar a crítica da razão) e por um sistema da razão pura (ciência do conhecimento racional a priori constituído através de conceitos). (VASCONCELOS, 2020, p. 283). O segundo é formado pelo “sistema da razão pura quanto a seus objetos” (sua classificação irá depender do uso da razão e do objeto ao qual ela se dirige, por exemplo: uma metafísica da natureza e uma metafísica da moral). (TREVISAN, 2014, p. 107)

⁶⁴ A coisa em si, designa aquilo que existe por si só e não independente da percepção do sujeito que a torne objeto. “Parte do idealismo transcendental de Kant, que afirma o acesso apenas aos objetos do sentido, isto é, os fenômenos e, conseqüentemente, o conhecimento seguro e possível está no nível empírico, pois as coisas em si não podem ser açambarcadas pela faculdade humana de conhecer, já que são independentes das exigências possibilitadoras dos objetos serem conhecidos, tese desenvolvida e justificada, especialmente, na “Estética Transcendental” e “Analítica Transcendental”. (CONTERATO, 2017 p. 40)

⁶⁵ A representação da coisa vincula-se aqui sobre os efeitos que os fenômenos da coisa em si afetam o sujeito, transformando-se então em objeto. “Se a representação contém apenas o modo como o sujeito é afetado pelo objeto, então é fácil compreender não apenas como ela é conforme ao objeto, a saber, como um efeito é conforme a sua causa, mas também como essa determinação de nossa mente pode representar algo, isto é, ter um objeto”. (KANT, 2012, p. 43)

⁶⁶ Os dois polos diversos, se referem a diferença entre o que é científico e metafísico e que muitas vezes se embaraçam. Neste sentido a diferença reside na coisa em si e na representação da coisa.

o espaço: se o objeto está fora de algum destes ele não é passível de representação.

A noção de representação tem sido empregada, em termos gerais, para designar a forma sob a qual algo se apresenta, como distinta da simples apresentação de alguma coisa; enquanto tinha a ver com uma atitude cognoscitiva, a dita noção se referia à maneira segundo a qual um sujeito, ou um meio de representação, capta algo que se lhe apresenta. (ARNAO, 2008, p. 189)

Portanto, a noção de representação traz consigo a amálgama da problemática do conhecimento, dos limites entre o sujeito e o objeto e abre espaço de “uma pergunta pela natureza para uma pergunta pelo próprio sujeito que conhece, se internaliza no sujeito e nas operações do entendimento” (ARNAO, 2008, p. 190), é a partir de então que começam a se desenhar, na filosofia moderna, o que viria a ser conhecido como disciplina psicológica. Nesta elaboração nota-se a distinção entre mente-mundo “as *representações* da mente se referem a e, por consequência, *adquirem seu conteúdo a partir da* realidade que representam. [...] Neste contexto, a filosofia privilegiou a noção de representação como um tipo de relação especular [...]”. (ARNAO, 2008, p. 190, grifo do autor)

Também o conceito de *representação* e *coisa* permeia toda a produção psicanalítica, onde podemos pontuar o primeiro como similar às formações do inconsciente (sonhos, lapsos, chistes, sintomas) sendo representações da coisa, o inconsciente. Assim, a psicanálise responde à dificuldade do inconsciente e das neuroses serem estudadas sem serem confrontadas pelo paradigma estabelecido na psiquiatria e na psicologia clássica. Ainda a noção de representação na teoria Kantiana, é complexa e difusa. Presente na *Crítica da Razão Pura*, Kant (1781/2015) e pontuado como uma noção indefinível conceitualmente.

Por um lado, na Lógica de Jäsche, Kant sustenta que a noção de representação está sempre pressuposta no processo de exposição das estruturas do conhecimento. Por outro lado, tanto na Dissertação de 1770 quanto na *Crítica da Razão Pura* não se encontra uma tentativa de explicação ou de determinação conceitual de modo satisfatório desta noção [...]. (CUNHA, 2021, p. 4)

Neste sentido, a representação na obra freudiana se relaciona a representação da palavra diferente da representação da coisa e a ligação da representação ao afeto, ou seja, o que é dito, fantasiado, sonhado, chistoso e revelado pelo ato falho é uma representação do inconsciente que na análise será representada pela palavra, representações de representação que denunciam uma

cadeia afetiva inconsciente. No texto *Projeto de uma Psicologia* (1895/1975), Freud apresenta o conceito de *Das Ding*, onde postula que o outro surge como uma coisa que gera representações, permitindo ao homem conhecer o mundo. Nesse viés, percebe-se a nuance do pensamento kantiano, onde Freud deriva de suas noções para pautar o conhecimento como científico: “O objetivo deste projeto é [...] apresentar os processos psíquicos como estados quantitativamente comandados de partes materiais verificáveis, e fazê-lo de tal forma que esses processos se tornem intuitivos e livres de contradição”⁶⁷ (FREUD, 1886-1899/1982a, p. 339, tradução nossa).

Freud (1887-1904/1982b), em cartas a Fliess, se demonstra profundamente angustiado com a escrita deste artigo, pois se afasta de seu objetivo inicial, que era entender a defesa patológica, e se vê imerso em contradições filosóficas. Existe uma inquietação de Freud em relação ao pensamento Kantiano, quando este percebe uma intermitência da lógica da representação no que ele descreveu como formações do inconsciente, que aparecem de forma diversa e que não necessitam de uma coisa, a exemplo do sonho, que se aproxima de uma alucinação, que não necessita de um objeto coisa postulado no tempo e no espaço.

Neste teor, Freud parte do suposto especulativo onde sua metapsicologia não busca a explicação da causa, mas gera soluções meramente hipotéticas e provisórias à uma ciência que ainda não possui mecanismos empíricos de análise, mas que tão logo a tenha possa ir abandonado o campo da especulação. Estas especulações permeiam toda a teoria psicanalítica com elaborações entre o normal e patológico, inconsciência e consciência.

Constata-se, com isso, a dificuldade de Freud de afastar a metafísica do que ele chamou de metapsicologia, e permanecer no que ele denominou ciências naturais. Para Freud, a metafísica e a metapsicologia estão igualmente dispostas, sem níveis hierárquicos na busca científica.

É inegável a influência de Kant sobre o pensamento não só freudiano, mas ocidental. Sendo assim, durante o estudo das teorias formuladas por Freud, repara-se não só a influência deste filósofo, mas de seus críticos e adeptos.

⁶⁷ “El propósito de este proyecto es [...] presentar procesos psíquicos como estados cuantitativamente comandados de unas partes materiales comprobables, y hacerlo de modo que esos procesos se vuelvan intuitivos y exentos de contradicción”.

Fulgencio (2007a) em seu artigo denominado *Fundamentos kantianos da psicanálise freudiana e o lugar da metapsicologia no desenvolvimento da psicanálise*, objetiva esclarecer que Freud constrói a psicanálise ou o que chamava de psicologia científica baseado no modelo kantiano de pesquisa para as ciências naturais o que vai além de confluências teóricas pontuais.

Já Loparic (2003, p. 244), no escrito *De Kant a Freud: um roteiro*, analisa um a questão da solubilidade dos problemas filosóficos e contribui com Fulgencio no que se relaciona ao método da pesquisa científica em sua metapsicologia “Procedendo assim, ele constituiu a psicanálise como uma psicologia empírica, organizada com a ajuda de uma *metafísica metafórica* da natureza de tipo kantiano”.

Freud adentra o campo da metafísica e no que se aproxima ao saber especulativo em Kant, embrenhando-se no paradoxo da causa primeira, em uma regressão infinita da causa da causa, já que para a elaboração da manifestação de um fenômeno psíquico segue-se uma causa e desta outra causa (FULGENCIO, 2007b, p. 67).

Kant dirá que há duas possibilidades efetivas a serem consideradas como causas originais ou incondicionadas: a ideia de átomo, que constitui um ponto de vista mecânico, e a ideia de força, que constitui um ponto de vista dinâmico (...). [Este] suporia que os fenômenos e os movimentos deveriam ser explicados em função de forças motrizes, agindo na matéria e no encontro entre os corpos. Não se trata, nesse ponto de vista, de supor infinitas forças, (...), mas sim de considerar apenas duas forças básicas: as de atração e as de repulsão. (FULGENCIO, 2007b, p. 68)

Neste sentido Loparic (2003, p. 245) ilustra pontos importantes de concordância entre Kant e Freud, mas se preocupa em salientar a diferença que considera essencial entre eles:

Enquanto Kant considera contraditória qualquer tentativa de naturalizar por completo a consciência de si, Freud se satisfaz em constatar o fracasso dessa tentativa. Ainda que atribua o surgimento do Projeto a um ataque de insônia, ao longo da sua obra Freud defendeu a posição de que, mesmo considerando indecidível a questão de saber se o inconsciente é físico ou psíquico, não há nenhuma razão de princípio para excluir a possibilidade de, no futuro, a ciência da consciência, tanto teórica quanto moral, ser formulada em termos meramente físicos, possibilidade explicitamente excluída por Kant.

Ainda, segundo o filósofo canadense Brook (2003) correlação entre os dois é o reconhecimento da aproximação do modelo kantiano da mente composta por razão, entendimento e sensibilidade ao do aparelho psíquico freudiano da segunda tópica, constituído, respectivamente, pelas instâncias psíquicas Superego, Eu e Id.

Além disso, Longuenesse (2017) em seu livro *I, Me, Mine: Back to Kant and Back Again*, desenvolve, em seu sétimo capítulo a analogia do *Ich* de Freud com a *unidade transcendental da apercepção*, demarcando o *Eu* freudiano próximo ao conceito do *Eu penso* em Kant, neste sentido, aproximações conceituais.

Assim como, para Kant, o uso do *Eu* no *Eu penso* estaria conectado à consciência de uma unidade de conteúdos mentais ordenada por regras lógicas, a saber, à consciência de que se está engajado em uma atividade, que o indivíduo considera como própria, de ligação de representações de acordo com regras, o conceito freudiano de *Eu* também consistiria em uma organização de eventos mentais cujos conteúdos apresentariam um tipo específico de unidade, na medida em que os últimos seriam estruturados conforme regras lógicas elementares, levando em conta que o *Eu* é governado pelo princípio de realidade e opera por processos psíquicos secundários, segundo a terminologia psicanalítica de Freud. (FILLA, 2019, p. 31)

4.2 SIGMUND FREUD (1856-1939) E ARTHUR SCHOPENHAUER (1788-1860)

Podemos identificar uma aproximação nos conceitos de Freud com o filósofo alemão Arthur Schopenhauer, no sentido de que tanto o filósofo como Freud entendem “[...] os impulsos inconscientes na gênese da ação humana, a preponderância da sexualidade na psique e a força da corporeidade na constituição das representações” (PASTORE, 2014, p. 151), porém, ao passo que Schopenhauer estende seus conceitos para uma verdade universal e existencial, Freud se preocupa, em primeira instância, com o cosmo psíquico, dessa forma focando em metapsicologia, ao contrário da metafísica do filósofo, onde Mezan (1998, p. 78) aponta que “esses saberes não comportam uma redução recíproca, e nada há de ameaçador quando uma dessas disciplinas se debruça sobre a outra criando um jogo de perspectivas. No mínimo, é enriquecedor”.

Crítico de Kant, Schopenhauer está presente no desenvolvimento teórico-filosófico de Freud no que tange a ideia de *Vontade e representação*⁶⁸. Nas palavras do próprio Schopenhauer (2005, p. 370), “*a Vontade em si é absolutamente livre e se autodetermina por inteiro, não havendo lei alguma para ela*”, trazendo à luz uma de suas principais características, que é sua predominância ante a razão, pois é soberana desta. Mann (1951/1992, p. 78) nos elucida sobre a criação do conceito de “*Vontade*” em Schopenhauer:

⁶⁸ Segundo o pensador alemão, o mundo é dividido em duas realidades: a numênica, a coisa em si, uma força cega, denominada *Vontade*; e a fenomênica, as representações subjetivas realizadas pelo sujeito cognoscente. (SILVA, 2011, p. 7)

Tomou as 'Idéias' (*sic*) e a 'Coisa em si'. Mas, com esta, ousou temerária tentativa, quase interdita, cuja necessidade, porém, sentia, profundamente, com o ardor de possante convicção: definiu-a, chamou-a por seu nome, afirmou - posto que após Kant fosse impossível saber qualquer coisa a respeito - que sabia o que ela é: a Vontade.

Enquanto Kant privilegia a razão, no sentido de objeto, representação, Schopenhauer sinaliza a Vontade como força primária, que domina a razão. Aqui, percebemos o germe do que se tornará a teoria pulsional em Freud, pois a Vontade em Schopenhauer é “impulso cego, irracional, indomável, sem fundamento, *grundlos*, que move o mundo” (PASTORE, 2014, p. 152), também descrita por *Trieb*, termo encontrado em Freud (1985) e que posteriormente se desenvolve na teoria das pulsões, elucidando um dos pontos de convergência entre os autores. Todavia, o conceito de Vontade do filósofo tem abrangência universal, enquanto a teoria pulsional Freudiana se limita a tratar das pulsões humanas.

Schopenhauer pretende desvendar a verdade cosmológica e existencial, ao passo que Freud se preocupa, primordialmente, com o mundo psíquico, a partir de sua clínica psicanalítica orientada para o tratamento de neuróticos. (PASTORE, 2014, p. 151)

Dessa forma, observando a primariedade da *Vontade*, temos a *Representação* em situação secundária, subjugada à primeira, moldando-se perante a *Vontade* de cada indivíduo, pois a *Representação* surge da *Vontade*, ou seja, é a intuição, em seu ímpeto insaciável e indomável, que faz a razão.

Schopenhauer (1995, p. 41-42), traduz o conceito de *Representação* como sendo “objeto”, no sentido de “ser o objeto para o sujeito”:

Nossa consciência cognitiva, aparecendo como sensibilidade externa e interna (receptividade), como entendimento e como razão (*Vernunft*), é divisível em sujeito e objeto, e não contém nada mais. Ser objeto para o sujeito e ser nossa representação é a mesma coisa. Todas as nossas representações são objetos do sujeito, e todos os objetos do sujeito são nossas representações.

Logo, observa-se com maior clareza que a Representação é dependente da Vontade, desta forma, se por verdade assume-se aquilo que é cognoscível através de *Representação*, ora a verdade é também sujeita à *Vontade*, conforme o próprio Schopenhauer (1788-1860/2005, p. 43) elucida em sua obra magna ao dizer que:

Verdade alguma é, portanto, mais certa, mais independente de todas as outras e menos necessitada de uma prova do que esta: o que existe para o conhecimento, portanto o mundo inteiro, é tão somente objeto em relação ao sujeito, intuição de quem intui, numa palavra, representação.

Assim, é possível constatar que os conceitos de *Vontade* e *Representação* discutidos por Schopenhauer, os quais apontam no sentido da *Representação* ser espelho da *Vontade*, que *apenas é*, e molda a primeira pelos impulsos irracionais do sujeito, estão presentes nos trabalhos de Freud, no que o psicanalista trata por *Pulsão*.

Outro ponto de convergência está presente nas elucubrações de não-consciente em Schopenhauer e inconsciente em Freud, que apontam no sentido de que a força principal de *Vontade*, *pulsão*, ocorre fora das formas racionais da consciência, que para o filósofo não passam de aparências. Neste sentido, o não consciente schopenhaueriano seria compreendido por aquilo que “[...] é essencialmente uma fúria implacável, intratável, incontrolável que se apraz em atrair a nossa própria destruição, em devorar tudo e todos sem nenhuma racionalidade.” (PASTORE, 2014, p. 152), o que se representa através de seu conceito de *Vontade*, um ímpeto que não é de origem consciente.

Mann (1951/1992, p. 19), estudioso schopenhaueriano, nos ajuda a elucidar o conceito de *Vontade* para o filósofo, como “a causa primeira e irreduzível do ser, sua base mais profunda, a fonte de todos os fenômenos, a potência presente e operante em cada um deles, a criadora de todo o mundo visível e de toda a vida, porque seria o querer viver”.

Deste modo, tanto a *Vontade* quanto a *pulsão* teriam sua origem no inconsciente, o que ocasionaria o sofrimento do humano, este impossível de ser racional. Ambas forças agem fora do controle racional, impulsionando o humano a satisfazer desejos infindáveis, os quais repousam em um domínio destituído do conhecimento da razão. Todavia, essas forças encontram formas de libertação, onde em Schopenhauer é a loucura e Freud identifica como a neurose.

Portanto, podemos perceber que, apesar de convergirem em diversos pontos fundamentais de seu pensamento filosófico, divergem na categorização final de seus conceitos.

4.3 SIGMUND FREUD (1856-1939) E FRIEDRICH WILHELM NIETZSCHE (1844-1900)

Freud e Nietzsche são autores quase contemporâneos, com apenas doze anos de diferença entre seus nascimentos. A psicanálise Freudiana e a filosofia nietzscheana experimentam diversas semelhanças e dessemelhanças, que são também notoriamente influenciadas por outros autores e pelo campo filosófico vigente em que estão inseridos. Um destes autores é Schopenhauer, que impressiona tanto Freud quanto Nietzsche, os quais o tem em alta conta. Outra semelhança entre os autores é a influência dos escritos de Dostoiévski (1821-1881/2009), onde Freud pontua o romance *Os Irmãos Karamázov* como “o mais grandioso romance jamais escrito” (1928[1927]/1996, p.187) e Nietzsche (1889/2006, p. 974) como “Dostoiévski, o único psicólogo, diga-se de passagem, do qual tive algo a aprender: ele está entre os mais belos golpes de sorte de minha vida [...]”. Além do paralelo filosófico, intelectual e cultural, Assoun (1989/1991, p.12) aproxima também temporalmente os autores quando escreve:

[...] no período de sobrevivência física de Nietzsche que se realiza o nascimento da psicanálise. Quando Nietzsche morre, *A Interpretação dos Sonhos* acaba de ser publicada, enquanto termina precisamente a correspondência com Fliess, que libera Freud e marca-lhe o acesso à própria identidade (1901). Alguns meses após a morte do filósofo é que se forma o primeiro grupo psicanalítico (1902). Freud tem então com 46 anos.

Descobre-se, neste trecho que o autor se refere a uma possibilidade de Freud definir sua identidade somente após a morte de Nietzsche, o que pode se subentender como uma certa preponderância do pensamento nietzscheano, que poderia marginalizar a psicanálise. Enquanto Nietzsche finaliza sua obra com sua morte, Freud está adentrando a explanação da psicanálise. “O caso objetivo da história quer que no início do novo século sejam descobertos, portanto, a psicanálise e o fenômeno Nietzsche”. (ASSOUN, 1989/1991, p. 12)

Apesar desta proximidade, em 1908 Freud declara que “não conhece a obra de Nietzsche” (SANTOS; ULHOA, 2019, p. 346-368) desenvolvendo a noção de que nunca avançou nos estudos da filosofia nietzschiana, não por não a conhecer, mas por não conseguir “ir além de meia página”. Em duas, das diversas declarações (1914/2001d, 1925-1926/1992c) Freud, exprime a evitação da leitura dos textos de Nietzsche.

Freud se dirige a Nietzsche na esperança de aí encontrar palavras para muitas coisas que permanecem mudas nele. [...] Ele pressente neste uma linguagem que lhe *diz respeito* profundamente, mas por meio do paradoxo de que o que Nietzsche diz supostamente expressa o que, em Freud, permanece obstinadamente mudo. Toda a estranheza da relação reside nisso. (ASSOUN, 1989/1991, p. 39)

Como descrito, a relação de Freud e Nietzsche passa por inúmeras obscuridades, principalmente no que condiz a apropriação ou não de conceitos presentes na filosofia nietzscheana pelo psicanalista, ou na confluência do pensamento, mas com teores diferentes. Contudo, apesar das aproximações e de conceitos substancialmente similares, esses dois autores possuem pontos de divergência bem demarcados.

Em seu escrito intitulado *Ecce Homo*, Nietzsche fala de si mesmo referindo-se a um psicólogo “Que nos meus escritos fala um psicólogo, que não tem igual, eis porventura a primeira discriminação a que chega um bom leitor, tal como eu o mereço, que me lê como os bons velhos filólogos liam o seu Horácio.” (NIETZSCHE, 1995, p. 49)

Um dos pontos centrais de confluência entre os dois autores também é encontrado na semelhança ao pensamento schopenhaueriano, onde trata a questão do instinto. Se para Schopenhauer (1818-1844/2005) o instinto adentra a complexa seara do que classificou como Vontade, na filosofia nietzschiana o instinto tem um caráter misto, uma diversidade de impulsos multifários e divergentes em ação à uma mesma demanda, tal elaboração permite o entendimento de que existe uma aparência de congruência no homem, mas que em seu âmago suporta forças de caráter heterogêneo, descrito como uma “hostilidade de instintos fundamentais mantidos juntos (*zusammengefasst*) sob o nome de filologia, e no entanto não fundidos” (ASSOUN, 1989/1991, p. 96). Ao longo de sua obra, o filósofo vai centralizando a conceituação do instinto e fazendo um paralelo com a tragédia grega, onde critica o culto ao apolíneo e pontua a necessidade do dionisíaco, uma insuficiência da estética proporcional e a manifestação do caótico, “isto exprime o caráter essencial do instinto, de realizar-se até em suas negações.” (ASSOUN, 1989/1991, p. 98). Ao longo de sua elaboração, Nietzsche conceitua o instinto, efetivamente definido como “a força criadora-afirmativa” (ASSOUN, 1989/1991, p. 98) indicando o caráter independente dos instintos em Nietzsche, que vem se assimilar a Freud. Esta realização efetiva do instinto nietzschiano vai além da

regulação da moral cristã, do bem e do mal, postulando a necessidade do homem de tornar-se o que se é “que alguém se torne o que é pressupõe que não suspeite sequer remotamente o que é” (NIETZSCHE, 1995, p. 48), neste trecho percebe-se a relação inconsciente do homem com o instinto “[...] em sua maior parte, o pensamento consciente de um filósofo é secretamente guiado e colocado em certas trilhas pelos seus instintos [...]”. (NIETZSCHE, 1992, p. 11)

Pode-se afirmar que em Freud (1915-1916/1963, s/p) os impulsos também são centrais em suas teorias, na obra *As pulsões e seus Destinos*, (*Triebe Und Triebchicksale*), o psicanalista aponta que “Um conceito fundamental, convencional a essa maneira e até agora bastante obscuro, mas do qual não podemos abrir mão na Psicologia, é o da pulsão” (*Ein solcher konventioneller, vorläufig noch ziemlich dunkler Grundbegriff, den wir aber in der Psychologie nicht entbehren können, ist der des Triebes*). Percebe-se neste trecho em alemão que a tradução pontua o TRIEBE como pulsão, ao passo que em sua língua nativa também pode ser designado como instinto. Neste texto, Freud (1915-1916/1963, p. 30) elabora o conceito do esquema do arco reflexo, e pontua semelhanças e diferenças entre o estímulo e o que nomeou de pulsão:

[...] um estímulo trazido de fora e que atinge o tecido vivo (a substância nervosa) é descarregado para fora por meio da ação. Tal ação está de acordo com seus fins, se ela afasta a substância estimulada da influência do estímulo, se a retira de seu raio de atuação [...] a pulsão seria um estímulo para o psíquico [...] A pulsão, por sua vez, jamais atua como uma força momentânea de impacto, mas sempre como uma força constante. Como ela não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga é eficaz contra ela.⁶⁹ (Tradução nossa)

Posto isto, é de condição notória a semelhança com o instinto em Nietzsche, pois o psicanalista, assim como o filósofo, percebe um caráter independente no que um caracterizou como instinto e o outro como pulsão, algo que atravessa a vontade consciente e que possui nuances deterministas na relação do homem com as suas representações dos objetos do mundo, “os termos *Trieb* e *Instinkt* preenchem um papel discursivo e funcional central tanto em Nietzsche como em Freud” (ASSOUN,

⁶⁹ “[...] un estímulo extraído del exterior y que llega al tejido vivo (sustancia nerviosa) se libera al exterior mediante la acción. Tal acción está de acuerdo con sus propósitos, se ajusta a la sustancia estimulada por la influencia del estímulo, se retira de su radio de acción [...] el pulso sería un estímulo para el psíquico [...], nunca actúa como una fuerza de impacto momentánea, sino siempre como una fuerza constante. Dado que no ataca desde el exterior, sino desde el interior del cuerpo, ningún escape humano es eficaz contra él”.

1989/1991, p. 93). Ambos adotam a defesa do impulso em sua característica dinâmica e atuante no que coincidiriam como inconsciente.

Outro elo entre os dois teóricos é a inegável presença do conceito de inconsciente, que também pode ser encontrado nas obras de Dostoiévski (1821-1881/2009). Levando em consideração que ambos eram leitores do romancista russo, observa-se que esta instância obscura e perceptível causa fortes impressões que são reproduzidas nas teorias que virão a ser elaboradas por Nietzsche e Freud. No livro *Notas do Subsolo* (1864), Dostoiévski (1821-1881/2009) elucida o conceito de inconsciente, que faz relação com a dualidade com a razão, o que se avizinha às formulações de instinto e pulsão. “E que, como é sabido que nenhum homem é capaz de agir conscientemente contra seus próprios interesses, conseqüentemente, por necessidade, digamos, ele passaria a fazer o bem” (DOSTOIÉVSKI, 1821-1881/2009, p. 18), situando a benevolência humana como um dos interesses do instinto, vincula-se à elaboração nietzschiana do instinto realizar-se sem as regulações da moral. Em outro trecho da mesma obra, Dostoiévski elabora a impossibilidade humana de desejar racionalmente, o que em Freud compreendemos como a predominância da pulsão que advém do inconsciente, lar onde os desejos têm predominância sobre a razão consciente.

Pois, se a vontade um dia coincidir completamente com a razão, nós iremos raciocinar e não querer, propriamente, porque é impossível, por exemplo, conservando a razão, desejar coisas sem sentido, indo, desse modo, conscientemente contra a razão e desejando algo que nos prejudique. (DOSTOIÉVSKI, 1821-1881/2009, p. 22)

A presença do inconsciente nas obras de Nietzsche e Freud tem um tom crítico às formações filosóficas estabelecidas com a consciência, sendo que eles não reconhecem a centralidade desta para o homem, mas fundamentalmente como um produto do inconsciente. Outra crítica abordada por ambos é à regulação dos instintos pelo cristianismo como moral vigente, onde Freud postula em diversos textos como “*Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna* (1908)”, (FREUD, 1906-08/1992h); *Cinco Lições de Psicanálise* (1909), (FREUD, 1906-08/1982i); *Totem e tabu* (1913/1982q); e *Moisés e o Monoteísmo* (1939), (FREUD, 1937-39/1982a); entre outros, a moralidade cristã como solo fértil à neurose. Já Nietzsche (2001) elabora seu famoso conceito de *Deus está morto* com sua primeira aparição no escrito *A Gaia Ciência* (1882). Apesar de possuírem segmentos que se diferenciam, ambos trazem em seu bojo a crítica ortodoxia cristã. Quando evocamos

a *morte de Deus* em Nietzsche, não podemos deixar de aproximar outro conceito fundamental aos dois autores, o que no filósofo se compreende como ressentimento e que no psicanalista vai se conceituar como *pulsão de morte*. É neste ponto que começam a se delinear as divergências entre a filosofia nietzscheana e a psicanálise, diferenças estas em relação às formulações dos destinos dos instintos, das pulsões.

Apesar da concordância entre a existência destas forças dinâmicas no inconsciente, Freud as determina entre duas singularidades, pulsão de vida e pulsão de morte. Em *As Pulsões e seus Destinos* (1915-1916/1963), Freud dividia as pulsões entre pulsões do ego e pulsões sexuais, visando a manutenção do indivíduo e da espécie, respectivamente. Mas é na obra *Além do princípio do prazer* de 1920-1922/1992a, que o autor dá novos contornos e insere o conceito de pulsão de morte, categorizando uma conflitiva entre duas forças antagonistas.

Agora, como a pulsão se entrelaça com a compulsão de repetir? Aqui a ideia de que estamos no rastro de um caráter universal das pulsões (não claramente reconhecido até agora, ou pelo menos não expressamente destacado) e talvez de toda a vida orgânica em geral, não pode deixar de se impor a nós. Uma pulsão seria então um esforço, inerente ao orgânico vivo, para reproduzir um estado anterior que o vivente teve que renunciar sob a influência de forças perturbadoras externas; seria uma espécie de elasticidade orgânica ou, se preferirem, a exteriorização da inércia na vida orgânica.⁷⁰ (FREUD, 1920-1922/1992a, p. 36, tradução nossa)

Em Nietzsche (1998) pode-se dizer que vida e morte são denominações similares, e que o instinto é uma força criativa, o que vem a chamar explicitamente em *Assim Falou Zaratustra* (1883) de *Vontade de Potência*, conceito fortemente influenciado por Schopenhauer, que em Nietzsche possui uma característica neutra e que se manifesta na relação.

E sabeis... o que é pra mim o mundo?... Este mundo: uma monstruosidade de força, sem princípio, sem fim, uma firme, brônzea grandeza de força... uma economia sem despesas e perdas, mas também sem acréscimos, ou rendimento,... mas antes como força ao mesmo tempo um e múltiplo,... eternamente mudando, eternamente recorrentes... partindo do mais simples ao mais múltiplo, do quieto, mais rígido, mais frio, ao mais ardente, mais selvagem, mais contraditório consigo mesmo, e depois outra vez... esse meu mundo dionisíaco do eternamente-criar-a-si-próprio, do eternamente-destruir-a-si-próprio, sem alvo, sem vontade... Esse mundo é a vontade de

⁷⁰ “Ahora bien, ¿cómo se entrelaza la pulsión con la compulsión a repetir? Aquí no puede dejar de imponerse la idea de que estamos tras la pista de un carácter universal de las pulsiones (no claramente reconocido hasta ahora, o al menos no expresamente destacado) y quizás de toda la vida orgánica en general. Una pulsión sería entonces un esfuerzo, inherente al organismo vivo, por reproducir un estado anterior al que el ser vivo tuvo que renunciar bajo la influencia de fuerzas perturbadoras externas; sería una especie de elasticidad orgánica o, si se prefiere, la exteriorización de la inercia en la vida orgánica”.

potência — e nada além disso! E também vós próprios sois essa vontade de potência — e nada além disso! (NIETZSCHE, 1978/1996, p. 405)

Para o filósofo, a *vontade de potência* seria uma força una que visa se afirmar, enquanto em Freud (1920-1922/1992a) a pulsão é conflitiva entre *Eros* e *Thanatos*, faltante.

No centro desta divergência ainda encontramos uma convergência da compulsão à repetição de Freud e do eterno retorno em Nietzsche. O filósofo relaciona o eterno retorno a Vontade de Potência “A ambivalência fundamental da vontade de potência reside, pois, em que ela pode ser também uma vontade para o nada, no sentido em que o sujeito prefere apagar-se lentamente, quietamente, pacificamente, numa vontade de morte.” (ALMEIDA, 2003, p. 35)

Freud (1920-1922/1992a) constata as pulsões sexuais associadas às pulsões de morte e destruição, é no estudo do princípio do prazer que o psicanalista passa a pontuar a compulsão à repetição como algo para além do já posto por ele até então.

Mas o surpreendente fato novo que devemos agora descrever é que a compulsão à repetição também traz de volta experiências passadas que não contêm nenhuma possibilidade de prazer, que também não poderiam ter sido satisfações naquele momento, nem mesmo dos impulsos pulsionais reprimidos desde então.⁷¹ (FREUD, 1920-1922/1992a, p. 20, tradução nossa)

Os neuróticos, para o psicanalista, são aqueles que sofrem desta busca de satisfação da pulsão, satisfação esta que vai além do prazer. Ainda, Almeida (2003, p. 36) equivale a compulsão à repetição com a versão psicanalítica do Eterno Retorno “[...] se exprimem ambos como forças e relações de forças que se renovam e se transformam indefinidamente.”

Como perceptível, as aproximações e distâncias entre Freud e Nietzsche acontecem nos cernes dos conceitos, nos seus desenvolvimentos mais refinados. Um conceito inicialmente denso pode se mostrar afinado de princípio, mas no decorrer de seu requinte, absolutamente díspar. Sendo assim, é necessário pontuar para além do já posto a cisão manifesta dos dois autores.

Se por um lado Freud coloca que “[...]é preciso escavar sob a superfície para descobrir a "verdade" que subjaz, encoberta pelo presente, a fim de extraí-la. [...]”

⁷¹ “Pero el hecho nuevo y asombroso que ahora debemos describir es que la compulsión de repetición devuelve también vivencias pasadas que no contienen posibilidad alguna de placer, que tampoco en aquel entonces pudieron ser satisfacciones, ni siquiera de las mociones pulsionales reprimidas desde entonces”.

(ASSOUN, 1989/1991, p. 301), Nietzsche “acredita mais na diacronia da filiação que na dependência espacial: se ele escava, não chega a aprofundar: sua arte é apreender a continuidade explorando as superfícies.” (ASSOUN, 1989/1991, p. 301)

Assoun (1989/1991, p. 302), ainda assinala a diferença do psicanalista arqueólogo e do filósofo genealogista quando cita:

A genealogia consiste em fazer ver o passado no presente, para revelar o engano deste; a arqueologia tende a ligar o passado perdido ao presente, gerando novamente o presente, a partir do ‘verdadeiro’ passado. Se, então, a viagem vai de um a outro, não é no mesmo sentido nem com a mesma intenção.

Neste sentido, a terapêutica proposta por Nietzsche (1877/2004) a transvaloração dos valores fazendo uma *genealogia da moral*, superando e ultrapassando a historicidade dos valores, estabelecendo uma dieta pulsional, onde, no escrito *Aurora* de 1881, em seu aforismo 109 – *Autodomínio, Moderação e seus Motivos Derradeiros*, o filósofo categoriza maneiras de enfraquecer ou rechaçar o instinto, o que nada se assemelha à psicanálise Freudiana que busca tornar a pulsão parte intrínseca do sujeito “em Nietzsche, o presente só fica doente por acreditar-se distinto da origem; em Freud, o presente adoece por confundir-se com o passado.” (ASSOUN, 1989/1991, p. 302)

Por fim, Nietzsche teve grande influência e correspondência nas teorias de Freud, seja pela aproximação da crítica à moral cristã e de seu fracasso, seja pela elaboração das teorias dos instintos ou pela categorização do *eterno retorno* e da *compulsão à repetição*. Contudo, os autores se afastam em sua terapêutica e na categorização das vias dos instintos, onde no filósofo existe a força una, neutra, e no psicanalista forças proporcionalmente conflitantes, de vida e de morte.

5 AS DEMARCAÇÕES DAS TEORIAS FREUDIANAS

A segunda tópica Freudiana, surge da insuficiência da primeira tópica no trabalho clínico, especificamente no tratamento da psicose. Freud percebe a necessidade de aprofundamento não só de sua teoria como de sua técnica, neste percurso se depara com questionamentos sobre o humano, que adentram conceitos densos, explorados por diversos filósofos desde a origem do pensamento ocidental⁷². Neste sentido, este capítulo visa aproximar conceitos presentes na segunda tópica freudiana, com conceitos filosóficos de pensadores citados anteriormente e que influenciaram direta ou indiretamente Freud. Diretamente pelas suas leituras, indiretamente pelas influências filosóficas de sua época, a saber o idealismo alemão. Ainda, pretende-se perceber as semelhanças entre conceitos filosóficos e psicanalíticos. Por fim, pretende-se pontuar a relevância que a filosofia teve para a construção da teoria psicanalítica.

5.1 A PRIMEIRA TÓPICA E A DELIMITAÇÃO DO INCONSCIENTE

Por sua forte impressão médica, Freud (1900-1915/1982c) percebe a necessidade de uma estruturação do que seria a psique humana e para responder a esta emergência se utiliza do que chamou de aparelho psíquico, organizado em instâncias, interligado e interagente. Nesse sentido baseia-se na ideia grega de *topos* ou lugar. Percebe-se que durante essas elaborações envolve-se uma necessidade Freudiana um tanto cartesiana no objetivo de estudo das partes formadoras do aparato psíquico. Apesar de Freud ser um crítico de René Descartes, principalmente no que diz respeito à concepção de sujeito⁷³ e consciência⁷⁴, a

⁷² Questionamentos que perpassam elaborações de socráticos, platônicos, idealistas e de filósofos modernos. Ao que se refere à metafísica das coisas, a natureza humana e a relação do homem com o mundo.

⁷³ “O sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência uma vez que ambos partem do mesmo fundamento: a certeza. Não se trata então de negar ao momento inaugural do *cogito* o estatuto de pensamento, mas de conferir-lhe a sua especificidade: pensamento sem qualidade, índice do sujeito, ponto comum entre os encaminhamentos cartesiano e freudiano.” (VORSATZ, 2015, p. 263)

⁷⁴ Em Descartes o pensamento como ligado à consciência, ao conhecimento da verdade, em Freud o ‘eu’ consciente submetido a forças psíquicas antagonistas, como “o eu não é mais senhor em sua própria casa”. (FREUD, 1915-1916/1963, p. 295) “Em relação a Descartes, a certeza é o elemento insofismável, extraído da dubitação metodológica. Quanto a Freud, é justamente em relação ao

ciência moderna, da qual o psicanalista fazia parte era demarcada pelo pensamento positivista⁷⁵.

A ideia representativa de “tópica”, surge nos textos de Freud (1900a/2001), especificamente em *A interpretação dos sonhos*, onde o autor determina a ordem de coexistência dessas regiões pertencentes ao aparelho psíquico. Inicialmente estas regiões são duas e se encontram posicionadas fixamente, permitindo que ao ocorrer determinado processo psíquico a energia passe através dos sistemas numa sequência temporal. “Esses dois sistemas estão localizados nas extremidades do aparelho, de forma que uma extremidade é sensorial e a outra extremidade é motora.” (FREUD *apud* GARCIA-ROZA, 1936/2009, p. 78) na qual as extremidades sensível e motora são capazes de se desenvolver dentro desse processo.

É por isso que atribuímos ao aparelho um fim sensorial e um fim motor; na extremidade sensorial está um sistema que recebe as percepções e, na extremidade motora, outro que abre as fechaduras da motilidade. O processo psíquico passa, em geral, do extremo da percepção ao da motilidade. (FREUD, 1990/2001a, p. 531, tradução nossa)⁷⁶

Observa-se que, nesta primeira elaboração os processos se iniciam através de um sistema sensível às percepções e culminam numa descarga motora, um modelo simples, que logo se mostrou insuficiente dada a complexidade dos fenômenos postos em estudo⁷⁷. Em seus estudos, o psicanalista percebe a manutenção de traços mnemônicos deixados pelas excitações que perpassam o aparelho psíquico, logo, vê-se na necessidade de adicionar uma terceira instância, a da memória.

[...] há dificuldades óbvias em se supor que um mesmo sistema possa reter fielmente as modificações de seus elementos e, apesar disso, permanecer perpetuamente aberto à recepção de novas oportunidades de modificação.⁷⁸ (FREUD, 1900/2005, p. 531)

elemento impreciso, indistinto, contido no sonho – em suma, duvidoso –, que ele afirma a existência de um pensamento inconsciente.” (VORSATZ, 2015, p. 251)

⁷⁵ Neste sentido, se refere à formação fisiologista de Freud, onde as ciências naturalistas tinham grande valor; a ciência do que era possível de ser observado e mensurado quantitativamente. Com forte influência da teoria evolucionista de Darwin e nos processos da natureza com ênfase sobre o metafísico e/ou psicológico. “Freud foi sucessivamente zoólogo (com Claus), fisiologista (com Brücke) e psicólogo (com Meynert) antes de criar a psicanálise.” (MENDES, 1996, p. 93)

⁷⁶ Por eso asignamos al aparato un extremo sensorial y un extremo motor; en el extremo sensorial se encuentra un sistema que recibe las percepciones, y en el extremo motor, otro que abre las esclusas de la motilidad. El proceso psíquico transcurre, en general, desde el extremo de la percepción hacia el de la motilidad.

⁷⁷ Vale ressaltar ainda, que a primeira tópica freudiana se fundamenta mediada pela análise dos sonhos e da histeria, esta última com sintomas motores fortemente demarcados.

⁷⁸ “[...] trae consigo manifiestas dificultades suponer que un mismo sistema deba conservar fielmente alteraciones sobrevenidas a sus elementos [...], mantenerse siempre abierto y receptivo a las nuevas ocasiones de alteración”.

E conclui, “[...] assim, de acordo com o princípio que norteia nosso experimento, atribuímos essas duas funções a sistemas diferentes.”⁷⁹ (FREUD, 1900/2001a, pp. 531-532, tradução nossa). Mais adiante em seus estudos sobre os sonhos, o psicanalista percebe que além dos traços mnemônicos retidos pela instância da memória, encontram-se traços mnemônicos que eram intencionalmente banidos da consciência.

Nesta assimetria das definições, delineiam-se os esboços do que viria a ser o inconsciente. O sistema inicial seria denominado como consciência, o qual recebe os estímulos internos e externos, os armazena na memória e demanda a resposta ao sistema motor. O sistema Pré-consciente seria o responsável pelo arquivamento dos registros destes estímulos, como uma espécie de crivo entre conteúdos permitidos ao acesso da consciência. Finalmente a última instância seria descrita pelo inconsciente, que pode acessar a consciência apenas mediante o pré-consciente. Em 1915-1916, Freud (1963) escreve o texto *O Inconsciente*, onde pontua que a expressão deste só é percebida após uma passagem transformada e traduzida pelo consciente, ao passar por este crivo o conteúdo inconsciente sofre modificações não permitindo a expressão original do conteúdo, este crivo será denominado posteriormente como repressão (FREUD, 1905/2006, p. 171). Esta primeira definição, mantém-se até meados de 1920, quando Freud sente a necessidade da elaboração da chamada segunda tópica.

Se a primeira tópica nasce do estudo dos sonhos e da histeria, a segunda dimana de uma resposta aos problemas que eclodem da psicose e da prática clínica. Freud (1923-1925/1961a), nota uma insuficiência de seu esquema descritivo frente a complexidade dos fenômenos que se apresentavam à psicanálise e passa a desenvolver um esquema sistemático. É desta forma que ele vai abandonando a primazia do consciente e vai inserindo a atuação do inconsciente como fundamental em sua teoria.

Em Freud (1900/2001a) pontua sobre o inconsciente “[...] Chamamos o sistema por trás do inconsciente porque ele não tem acesso à consciência senão pelo pré-consciente, por onde passa por onde seu processo de excitação tem que

⁷⁹ “[...] De acuerdo con el principio que guía nuestra búsqueda, distribuiremos entonces estas dos operaciones entre sistemas diversos”

sofrer modificações"⁸⁰ (FREUD, 1900/2001a, pp. 534-535, tradução nossa). É notável que Freud adentra o campo de primazia do inconsciente sob a consciência, esta última não apenas como um sistema, mas como repositório do discernimento moral.

É com a inscrição do inconsciente que Freud insere a conceituação do que Perez (2017, p. 27), vem chamar de *causalidade inconsciente*, uma crítica às causalidades kantianas, “[...] o comportamento não só estaria determinado por sua natureza biológica, como pode mostrar a medicina, ou por sua consciência, como expõe a razão prática, mas também pelo inconsciente”. Isto posto, os elementos filosóficos na segunda tópica freudiana se compõem a partir dos aspectos que dizem respeito a forma que a primeira tópica: inconsciente, pré-consciente atuam entre si, na sua dinâmica, comportamento e função no psiquismo. Doravante, Freud em sua obra *Além do princípio do prazer* (1920-1922/1992a), o psicanalista estabelece a sua concepção do chamado modelo estrutural, destoando da primeira tópica, que se tratava de um método passivo, a segunda tópica surge em um modelo mais ativo e dinâmico. Essa estruturação se fortificou a partir da obra ‘O ego e o id’ de Freud (1923-1925/1996a, p. 04), segundo Riviera na introdução do editor inglês, que escreve:

E este esquema aparentemente simples fundamenta todas as primeiras ideias teóricas de Freud: funcionalmente, uma força reprimida esforçando-se em abrir caminho até a atividade, mas mantida sob controle por uma força repressora, e, estruturalmente, um ‘inconsciente’ a que se opõe um ‘ego’.

O ego e o id é um dos grandes trabalhos teóricos que marcam a trajetória de Freud, além de possuir uma forte descrição detalhada do funcionamento da mente, sendo novo e revolucionário para a teoria psicanalítica. Ainda, escreve:

[...] todos os escritos psicanalíticos que datam de após sua publicação portam a marca inequívoca dos seus efeitos, pelo menos com relação à terminologia. Entretanto, apesar de todas as suas novas compreensões internas (insights) e sínteses, podemos traçar, como tão amiúde acontece com as aparentes inovações de Freud, as sementes de suas novas ideias em trabalhos anteriores e, às vezes, muito anteriores. 1923-1925/1996a p. 04)

Ao estabelecer a diferença entre consciente e inconsciente, Freud nos lembra inicialmente a necessidade dessa divisão para a psicanálise, declarando que

⁸⁰ “[...] Al sistema que está detrás lo llamamos inconsciente porque no tiene acceso alguno a la conciencia si no es por vía del preconscious, al pasar por el cual su proceso de excitación tiene que sufrir modificaciones.”

[...] A divisão do psíquico em o que é consciente e o que é inconsciente constitui a premissa fundamental da psicanálise, e somente ela torna possível a esta compreender os processos patológicos da vida mental, que são tão comuns quanto importantes, e encontrar lugar para eles na estrutura da ciência.⁸¹ (FREUD, 1923-1925/1961a, p. 15)

E afirma que “[...] a psicanálise não pode situar a essência do psíquico na consciência, mas é obrigada a encarar esta como uma qualidade do psíquico, que pode achar-se presente em acréscimo a outras qualidades, ou estar ausente”.⁸² (FREUD, 1923-1925/1961a, p. 15)

Destacando questões voltadas para a filosofia, Freud relembra que o problema da consciência é marca de estudo de diversos filósofos, inclusive na percepção Kantiana do que seria ciência, que neste sentido é marcada pelos fenômenos compreensíveis. Adorno (2018, p. 315), pontua a partir das leituras das *Conferências introdutórias de psicanálise* de 1915-1916 que

[...] tudo o que é psíquico possui um sentido, de que todo ser psíquico se determina de forma regular pelo complexo da consciência pessoal [...] de que todos os fenômenos – toda a nossa ‘consciência’... – são fenômenos de coisas inconscientes,

essa divisão filosófica é uma marca inegável da psicanálise, e Freud (1923-1925/1961a, p. 15) demarca a insuficiência das elaborações do que seria a consciência “[...] a sua psicologia da consciência é incapaz de solucionar os problemas dos sonhos e da hipnose.”⁸³ Em uma definição mais detalhada e descritiva dessa divisão, Freud (1923-1925/1961a, p.16), assegura “[...] um estado de consciência é, caracteristicamente, muito transitório; uma ideia que é consciente agora não o é mais um momento depois, embora assim possa tornar-se novamente, em certas condições que são facilmente ocasionadas”⁸⁴ e enceta o conceito de latência “[...] podemos dizer que esteve latente, (a ideia) e, por isso, queremos dizer que era capaz de tornar-se consciente a qualquer momento. Ora, se dissermos que

⁸¹ “[...] La diferenciación de lo psíquico en conciente e inconciente es la premisa básica del psicoanálisis, y la única que le da la posibilidad de comprender, de subordinar a la ciencia, los tan frecuentes como importantes procesos patológicos de la vida anímica”.

⁸² “[...] El psicoanálisis no puede situar en la conciencia la esencia de lo psíquico, sino que se ve obligado a considerar la conciencia como una cualidad de lo psíquico que puede añadirse a otras cualidades o faltar”.

⁸³ “[...] su psicología de la conciencia es incapaz, por cierto, de solucionar los problemas del sueño y de la hipnosis”.

⁸⁴ “Lo característico, más bien, es que el estado de la conciencia pase con rapidez; la representación ahora conciente no lo es más en el momento que sigue, sólo que puede volver a serlo bajo ciertas condiciones que se producen con facilidad.”

era inconsciente, estaremos também dando uma descrição correta dela”.⁸⁵ (FREUD, 1923-1925/1961a, p. 16). Onde por fim aproxima os conceitos “[...] Aqui ‘inconsciente’ coincide com ‘latente e capaz de tornar-se consciente’.”⁸⁶ (FREUD, 1923-1925/1961a, p.16). É neste momento que o psicanalista visualiza a crítica filosófica sobre seus conceitos:

Os filósofos sem dúvida objetariam: Não, o termo ‘inconsciente’ não é aplicável aqui; enquanto a ideia esteve em estado de latência, ela não foi algo psíquico de modo algum. Contradizê-los neste ponto não conduziria a nada mais proveitoso que uma disputa verbal. (FREUD, 1923-1925/1961a, p. 16)⁸⁷

Portanto, em uma explicação mais profunda acerca do ‘ego’ ou ‘eu’, podemos descrever a consciência como um conceito utilizado pela psicanálise, até a psicologia e a filosofia para definir o ser humano como ‘consciente de si’ e ‘objeto pensante’ ou do pensamento. Em Freud a consciência é uma função de um sistema específico e a relação deste com os processos do pré-consciente. Com o surgimento da conceituação do que seria o inconsciente e de sua característica latente, Freud reformula o papel de cada instância ao perceber o protagonismo inconsciente.

⁸⁵ “[...] podemos decir que estuvo latente, y por tal entendemos que en todo momento fue susceptible de conciencia. También damos una descripción correcta si decimos que ha sido inconsciente”

⁸⁶ “[...] Eso «inconciente» coincide, entonces, con «latente-susceptible de conciencia»”

⁸⁷ “Los filósofos nos objetarán, sin duda: «No, el término "inconciente" es enteramente inaplicable aquí; la representación no era nada psíquico mientras se encontraba en el estado de latencia». Si ya en este lugar los contradijésemos, caeríamos en una disputa verbal con la que no ganaríamos nada.”

6 ELEMENTOS FILOSÓFICOS NA CONSTITUIÇÃO DA SEGUNDA TÓPICA: A FILOSOFIA DO ID, EGO E SUPEREGO

Em 1900/2001a, no texto *A interpretação dos sonhos*, Freud se preocupava com a relação dos processos psíquicos e da materialidade do corpo. É neste ponto também que alça o conceito que lhe aproxima da filosofia da mente e o distancia da neurologia, o supracitado conceito de representação. Vale ressaltar que neste período o psicanalista se valia de seu primeiro modelo do psiquismo, conhecido como tópico. Da compreensão tradicional metafísica cartesiana “[...] a reviravolta que o pensamento psicanalítico operou na compreensão de que, muito mais do que demarcados, os campos da soma e do psiquismo estariam irremediavelmente imbricados, indissociados” (LIONÇO, 2008, p. 117). Assoun (1996/2008) pontua que, o corpo se inscreve na tradição filosófica como o reverso do *cogito*, já na psicanálise o corpo tem como parâmetro o inconsciente e suas elaborações, o corpo como um efeito de linguagem, que mais tarde será ponto de destaque no estudo sobre o sujeito da psicanálise, conceito formulado por Jacques Lacan na leitura das formulações freudianas sobre o sonho, “o eu penso pelo qual vai revelar-se o sujeito” (LACAN, 1964/1988, p. 39, grifo do original), sendo correlato ao que Freud chama de pensamento inconsciente, “ainda que soe paradoxal a ouvidos mais atentos, Freud, afirma com todas as letras que o pensamento é a matéria-prima do sonho, isto é, que o inconsciente **(Isso)** pensa” (VORSATZ, 2015, p. 263, grifo nosso) ainda, “O cogito cartesiano é, para o psicanalista Jacques Lacan, o ponto de passagem pelo qual vão se ordenar as relações da Psicanálise com a Filosofia, com a ciência e com a lógica” (MAGALHÃES, 2015, p. 52). Assim o corpo estaria muito mais articulado do que cindido como conceitua a metafísica, e é neste quesito que Assoun (1996/2008) afirma que a metafísica clássica com seu dualismo mente-corpo é posta em confronto com a noção freudiana de inconsciente, já que este último seria o ponto de indissolubilidade do que é somático e psíquico, sendo profundamente enlaçado. Freud (1923-1925/1961a) na elaboração da segunda tópica, especialmente com a noção de *Isso* ou *Id*, pontua essa relação.

A psicanálise se funda na instituição da compreensão desta imbricação somatopsíquica. Como sabemos, a histeria, até o final do século XIX era tomada, pela medicina, como uma patologia corporalmente aparente, à qual não se conseguia associar nenhuma disfunção orgânica. A cegueira histérica não acompanhava as manifestações correlatas do olho-órgão cego, e mesmo uma paralisia de membros poderia se manifestar apenas

em contextos específicos, o que era um contra-senso. (LIONÇO, 2008, p. 118)

A divisão ego e id é a categorização Freudiana do que é consciente e inconsciente em níveis; subvertendo as atividades nobres do psiquismo à consciência e a moral, marcando a existência de uma inteligência inconsciente capaz de anteceder qualquer atributo consciente, para que as articulações complexas e eficazes sejam devidamente realizadas. A partir da segunda tópica, do surgimento do superego e do id, o ego se torna um mediador entre estas duas instâncias, que além de responsável pelos comportamentos conscientes, também preserva aspectos inconscientes. “[...] Se retornarmos mais uma vez à nossa escala de valores, teremos de dizer que não apenas o que é mais baixo, mas também o que é mais elevado no ego, pode ser inconsciente.”⁸⁸ (FREUD, 1923-1925/1961a, p. 29)

Também, pode-se encontrar semelhanças entre a segunda tópica de Freud (1923-1925/1961a) e a alma tripartite de Platão. Essa divisão da alma é apresentada por Platão no texto *A República* (428-347 a.C.), onde argumenta que a alma é dividida em três partes: racional, irascível e apetitiva.

Platão menciona os desejos ilícitos reprimidos pela lei, com a ajuda da razão, que se tornam, assim, reduzidos a vestígios. Porém, esses desejos reprimidos aparecem nos sonhos de forma irracional, como o desejo de unir-se à mãe. De fato, essa passagem em *A República* descreve o conflito central do complexo de Édipo e o mecanismo de repressão da teoria psicanalítica, uma vez que, Freud entende os sonhos como atos psíquicos, cuja força propulsora, é o desejo que busca realizar-se (conteúdo latente). (MANDAI, 2018, p. 4).

A seguir serão descritas as diferentes instâncias estruturadas por Freud na segunda tópica e elementos filosóficos presentes nas mesmas.

6.1 DAS ES OU O ID

O id, como descreve Freud (1923-1925/1961a, p. 43), foi produto do estudo da patologia que privilegiou o reprimido. Nesta direção, seria a estrutura mais inconsciente, que só pode ser conhecida através de seu acesso à consciência “[...] a

⁸⁸ “Si queremos volver a adoptar el punto de vista de nuestra escala de valores, tendríamos que decir: No sólo lo más profundo, también lo más alto en el yo puede ser inconciente.”

superfície do aparelho mental.” (FREUD, 1923-1925/1961a, p. 21)⁸⁹. O *id*, então, seria o lar dos impulsos reprimidos:

A experiência clínica [...] nos demonstra que esse ‘algo’ se comporta como um impulso reprimido. Ele pode exercer força impulsiva sem que o ego note a compulsão. Somente quando se dá resistência a esta, uma detenção na reação de descarga, é que o ‘algo’ se torna consciente como desprazer. Assim como as tensões que surgem de necessidades físicas podem permanecer inconscientes, também o pode o sofrimento – algo intermediário entre a percepção externa e interna, que se comporta como uma percepção interna, mesmo quando sua fonte se encontra no mundo externo. (FREUD, 1923-1925/1961a, p. 24)⁹⁰

O *id* é visto por Freud como o “animal instintivo” dos seres humanos. É a primeira estrutura psíquica que desenvolvemos desde o nosso nascimento. O termo *id* foi escolhido, de acordo com Zimmerman (2007, p. 117), para caracterizar a instância psíquica que sedia as pulsões, pelo fato de que *id*, em alemão (*das Es*), termo introduzido por Georg Groddeck em 1923, designa um artigo neutro, sem gênero nem número, caracterizando a maneira impessoal, biológica, de como as pulsões instintivas agem sobre o ego.

Neste sentido, é possível perceber a confluência filosófica do que anteriormente impulsionou Freud (1923-1925/1961a) a descrever o inconsciente, mais especificamente sobre o que já foi posto anteriormente em Schopenhauer (1819/2005) e Nietzsche (1886/2002). Sendo assim, a conceituação e delimitação da nova tópica vem dar novas nuances à teoria psicanalítica, visto a insuficiência de abrangência do termo inconsciente e das novas elaborações em desenvolvimento da prática terapêutica da psicanálise. Quando Freud pontua que o inconsciente pensa, ele formula o que Lacan chamou de “*revolução copernicana*” (LACAN, 1985, p. 14), pois coloca os processos de pensamento do inconsciente como centrais e independentes da consciência. Se há um sujeito dividido em Freud é neste ponto, pois não se encontra centrado nos processos de pensamento conscientes, ao contrário, experimenta uma descentralização radical.

Em relação ao termo *das Es*, cabe esclarecer quem foi Groddeck (1866-1934). Médico que ficou conhecido pela sua abdicação das noções de divisão entre

⁸⁹ “[...] la superficie del aparato anímico”.

⁹⁰ “La experiencia clínica [...] Muestra que eso otro se comporta como una moción reprimida. Puede desplegar fuerzas pulsionantes sin que el yo note la compulsión. Sólo una resistencia a la compulsión, un retardo de la reacción de descarga, hace consciente enseguida a eso otro. Así como las tensiones provocadas por la urgencia de la necesidad, también puede permanecer inconsciente el dolor, esa cosa intermedia entre una percepción externa y una interna, que se comporta como una percepción interior aun cuando provenga del mundo exterior.”

corpo e alma, negava fortemente o conceito cartesiano e se aproximava da filosofia de Hipócrates, “[...] tradição na qual a enfermidade pode ser concebida como uma reação do enfermo às condições de sua existência. Doença e doente não se opõem, ambos são parte de um todo” (GRODDECK, 1921/2008, p. 227). Ainda, Groddeck (1921/2008, p. 227) pontua o médico no papel de cuidador, e dá primazia ao indivíduo frente sua doença “[...] não é o médico que derrota a doença, mas o doente”, “[...] para ele, a doença tem um propósito criador do *Isso*” (MADEIRA; JORGE, 2019, p. 241). Apesar de Groddeck não ser um discípulo de Freud, compartilhava cartas com o psicanalista, e, muitas vezes, chegava a antecipar conceitos freudianos. Assim como Freud, Groddeck também era um leitor de Goethe, onde colhe de sua teoria o conceito de *Deus-Natureza*⁹¹ e “Vê simbolicamente o mundo todo numa flor, num animal, num seixo [...] investiga as coisas sem as decompor, mas as vê em sua totalidade.” (GRODDECK, 1909/2001, p. 27)

Ao contrário de Freud, Groddeck escrevia sem o intuito de parecer cientista, “Groddeck escrevia para seus pacientes, de maneira livre e associativa, pois temia que a palavra matasse o pensamento.” (MADEIRA; JORGE, 2019, p. 239). Partilhava com Freud o entendimento de que os sintomas poderiam ser lidos e interpretados como símbolos dentro da especificidade de cada paciente, e é de Groddeck que Freud absorve o termo *Das Es*, (*o Isso*).

Todos nós recebemos {geramos} essas mesmas impressões, mesmo que elas não nos tenham dominado a ponto de excluir todas as outras, [...]. Proponho dar conta disso chamando de ‘eu’ a essência que parte do sistema P e que é a primeira prcc, e ‘isso’, por outro lado, de acordo com o uso de Groddeck, o outro psíquico no qual é continuado e isso se comporta como icc. (FREUD, 1923-1925/1961a, p. 25, tradução nossa).⁹²

Segundo Madeira e Jorge (2019), a diferenciação do *Id* de Freud e do *Isso* de Groddeck reside na conceituação tópica Freudiana do *Id* como contraposição do *Eu* e do princípio de realidade deste último, onde faz valer a influência do mundo

⁹¹ [...] Na observação da estrutura do mundo, sua plena dimensão, sua última divisibilidade, não podemos evitar que no todo jaz uma ideia de fundamento, através da qual Deus na Natureza, a Natureza em Deus, desde a Eternidade e por toda a Eternidade quer criar e agir. Intuição, observação e meditação conduzem-nos a este mistério. Criamos ideias e conceitos que seguem análogos a este princípio primordial. (GOETHE, 2000, p. 115).

⁹² “Todos hemos recibido {engendrado} esas mismas impresiones, aunque no nos hayan avasallado hasta el punto de excluir todas las otras, [...]. Propongo dar razón de ella llamando «yo» a la esencia que parte del sistema P y que es primero prcc, y «ello», en cambio, según el uso de Groddeck, a lo otro psíquico en que aquel se continúa y que se comporta como icc”.

externo se opondo ao princípio de prazer, reino do *Id*. Na teoria Freudiana o *Eu* é capaz de conduzir o *id*, mesmo este sendo mais forte que o *Eu*. Em Groddeck (2011), o *Isso* permite mais universalidade, abarcando as fronteiras que encontramos delimitadas em Freud “Perante o *Isso* não há uma fronteira demarcando o físico e o psíquico. Ambos são manifestações do *Isso*, formas de apresentação” (GRODDECK, 2011, p. 118). Ainda para o médico, o *Isso* não se expressa somente por palavras, mas por diversas manifestações:

De fato, todos nós já tivemos a impressão de sermos ‘vividros’ por tais forças [...] Proponho, assim, denominarmos [...] seguindo Groddeck, aquele outro psíquico, no qual o *Eu* se prolonga e que se comporta de forma inconsciente, de *Isso*. (GRODDECK, 2011, p. 118-119)

O *id* é carregado de pulsões que representam o mundo interno e as experiências emocionais primitivas do indivíduo. O *id* busca constantemente o prazer e não tolera o desprazer. Zimmerman (2007, p. 117) citando Freud pontua que a “pulsão implica a existência de quatro fatores que lhe são imanentes: uma fonte, uma força, uma finalidade e um objeto.” E além destas se desenvolve com “[...] o deslocamento da pulsão de uma zona corporal para outra, o intercâmbio entre as distintas pulsões, a compulsão à repetição e as transformações das pulsões.” (ZIMMERMAN, 2007, p. 117). Freud (1923-1925/1961a), determinou que o *id* constitui o polo pulsional da personalidade, ou seja, seus conteúdos são expressões psíquicas das pulsões, sendo elas inconscientes, inatas e até hereditárias. Mas, o desenvolvimento do ego e do superego é essencial para manter os impulsos do *id* recalçados.

Como supracitado, o interesse pelo o inconsciente remonta à época de Platão no que podia ser chamado de estudo da alma, contudo é com a psicanálise freudiana que ele passa a ser estudado com maior afinco. Ainda que muitos filósofos, como Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche, tenham se debruçado sobre os problemas da consciência e dos processos não conscientes antes da psicanálise, é Freud quem nomeia esta instância e lhe traz as características estruturais e dinâmicas. É necessário considerar que o inconsciente freudiano difere do inconsciente filosófico, pois o primeiro surge da necessidade de compreender as perturbações mentais, já o filosófico se detém nas necessidades conceituais que cada filósofo experimenta. Portanto, a noção do inconsciente psicanalítico tem suas

raízes na filosofia e na literatura, mas se desenvolve na psicanálise de forma particular.

O conceito de inconsciente por muito tempo esteve batendo aos portões da psicologia, pedindo para entrar. A filosofia e a literatura quase sempre o manipularam distraidamente, mas a ciência não lhe pôde achar uso. A Psicanálise apossou-se do conceito, levou-o a sério e forneceu-lhe um novo conteúdo. (FREUD, 1923-1925/1961a, p. 306)⁹³

Em retorno ao *id*, a elaboração na teoria psicanalítica se dá na grande reformulação que Freud faz da psicanálise entre os anos 1920 e 1923. Tal reformulação surgiu a partir das teorias das pulsões, a nova psicologia do ego, defendendo as questões voltadas para o inconsciente, recalque e defesa e da função da libido, onde o autor começa a formular o conceito de ego proveniente de suas formulações sobre o narcisismo. Assim, na definição dessa nova tópica, o *id* passou a ser o que anteriormente era chamado de inconsciente. Em Schopenhauer, *Vontade universal* se assemelha a um grande inconsciente do mundo, de onde todas as coisas surgem, mas que se mantém inacessível e não delimitado ao indivíduo como em Freud.

Em Kant (1788/2003), o conceito de *Id* pode ser relacionado à condição negativa da “autonomia da vontade”, em sua versão negativa também conhecida como conceito prático da liberdade, ser livre é ser independente, não se subordinar a nada que seja externo ao indivíduo, não haveria, portanto, uma necessidade de normatização do agir. Entretanto, Kant ressalta que a noção negativa da liberdade se constitui como infecunda em sua essência, mas é de suma importância, pois ela se inscreve como o pressuposto para o conceito positivo, que é tanto mais “rico” e “fecundo” (NODARI, 2005, p. 226). Em seu conceito positivo, podemos citar a similaridade com a noção de *superego* de Freud, que será melhor desenvolvido na seção 6.2

6.2 ICH OU O EGO

⁹³ “El concepto de inconsciente lleva mucho tiempo llamando a las puertas de la psicología, pidiendo que lo dejen entrar. La filosofía y la literatura casi siempre lo han manipulado distraídamente, pero la ciencia no ha sabido encontrarle utilidad. El psicoanálisis se apoderó del concepto, lo tomó en serio y lo dotó de nuevo contenido.”

Freud (1923-1925/1961a) estruturou sua nova tópica a partir da necessidade das experiências clínicas, chegando à conclusão de que partes constituintes do ego e superego também pertenciam ao inconsciente. O *id*, a partir da reestruturação da teoria, surgiu como um reservatório de pulsões desorganizadas, sendo representado como um grande caos repleto de desejos que, sem intervenção do ego, seria um descontrole de aspirações pulsionais, e levaria o indivíduo à completa perdição.

O ego, a partir desse contexto, perde sua autonomia pulsional, sendo as pulsões de vida ou de morte controladas agora pelo *id*. Reformula-se a precisão de divisão entre o inconsciente e consciente visto na primeira tópica, sendo agora uma relação mais dinâmica entre o *id* e o *ego*, onde parte do ego também se encontra inconsciente, e o *id* totalmente. Neste trecho é possível citar Platão como proximidade conceitual no que formula da divisão tripartite da alma.

Não é, portanto, sem razão que consideraremos que são dois elementos, distintos um do outro, chamando àquele pelo qual ela raciocina, o elemento racional da alma, e aquele pelo qual ama, tem fome e sede e esvoaça em volta de outros desejos, o elemento irracional e da concupiscência, companheiro de certas satisfações e desejos. [...] também na alma a terceira servia este elemento irascível, auxiliar do racional por natureza, quando não foi corrompido por uma má educação? (A REPÚBLICA, 2000, p. 186)

É possível perceber a similaridade da divisão tripartite da alma de Platão com os conceitos de ego, id e superego em Freud, onde podemos salientar a importância de uma educação não-viciosa para constituição do “terceiro elemento”, auxiliar da razão, que pode ser correlacionado ao superego freudiano, especificamente na entrada da lei paterna instaurada no *complexo de Édipo*.

Em Freud (1923-1925/1961a), o ego foi estruturado basicamente como um grupo de funções e representações concomitantes, podendo ser divididos em ego função, que está mais ligado ao consciente, e o ego representação, que processa o inconsciente.

O ego cria, autocraticamente, um novo mundo externo e interno, e não pode haver dúvida quanto a dois fatos: que esse novo mundo é construído de acordo com os impulsos desejosos do id e que o motivo dessa dissociação do mundo externo é alguma frustração muito séria de um desejo, por parte da realidade - frustração que parece intolerável.⁹⁴ (FREUD, 1923-1925/1961a, pp. 156-157).

⁹⁴ “[...] El yo se crea, soberanamente, un nuevo mundo exterior e interior, y hay dos hechos indudables: que este nuevo mundo se edifica en el sentido de las mociones de deseo del ello, y que el motivo de esta ruptura con el mundo exterior fue una grave frustración {denegación} de un deseo por parte de la realidad, una frustración que pareció insoportable”.

Na tida como “virada” de 1920, Freud, a partir dos seus estudos da neurose, identificou o ego como agência da defesa, o superego como sistema de interdições, e o *id* como polo pulsional. Mesmo que o ego seja visto como sinônimo de consciência por muitos autores, Freud o entendia como uma parte do conjunto psíquico pertencente aos dois lados.

Platão, ao descrever como se dão os processos íntimos da alma no *Fedro*, a coteja como uma junta composta por um cavalo virtuoso e um vicioso, ambos dirigidos por um cocheiro, ilustrando a *psykhé* enquanto um elemento racional, que comanda tendências antagônicas. (MANDAI, 2018, p. 4)

A reformulação da tópica Freudiana mostrou seus traços iniciais na obra que introduziu o narcisismo em 1914/2001d, trazendo o ego para um primeiro plano. Freud a princípio estabeleceu a libido ao ego, até que determinasse que era uma questão predominante do *id*.

[...] Bem no início, toda a libido está acumulada no *id*, enquanto o ego ainda se acha em processo de formação ou ainda é fraco. O *id* envia parte desta libido para catexias objetivas eróticas; em consequência, o ego, agora tornado forte, tenta apoderar-se dessa libido do objeto e impor-se ao *id* como objeto amoroso. O narcisismo do ego é, assim, um narcisismo secundário, que foi retirado dos objetos.⁹⁵ (FREUD, 1923-1925/1961a, p. 257)

Freud 1923/1925/1961a, p. 136) também estabelece maiores conceitos acerca do narcisismo, o deixando ainda mais relacionado com o *Id*, afirmando que:

[...] humanidade deveria contentar-se em conhecer que o fato da deformação nos sonhos, [...] de sonhos de ansiedade e sonhos de punição, fornece uma prova tão clara de sua natureza moral quanto a interpretação de sonhos proporciona da existência e força de sua natureza má.⁹⁶

O ego então é marcado por três características fundamentais. A primeira característica está ligada a um ‘sentimento inconsciente de culpa’, acerca disso Freud descreve “[...] num grande número de neuroses um sentimento inconsciente de culpa [...] desempenha um papel econômico decisivo e coloca os obstáculos mais

⁹⁵ “[...] Al principio, toda libido está acumulada en el ello, en tanto el yo se encuentra todavía em proceso de formación o es endeble. El ello envía una parte de esta libido a investiduras eróticas de objeto, luego de lo cual el yo fortalecido procura apoderarse de esta libido de objeto e imponerse al ello como objeto de amor. Por lo tanto, el narcisismo de! yo es un narcisismo secundario, sustraído de los objetos”.

⁹⁶ “[...] debería contentarse [...], en los sueños de angustia y de punición, tiene documentos tan claros de su ser moral como los que la interpretación de los sueños le proporciona acerca de la existencia e intensidad de su ser malo”.

poderosos no caminho do restabelecimento”⁹⁷ (FREUD, 1923-1925/1961a, p. 29). Sendo assim, entendemos que esse sentimento gera uma forte autocrítica, que no processo analítico se manifesta de maneira consciente e inconsciente, produzindo efeitos de maior e menor importância.

A natureza inconsciente da consciência moral reduz o papel da consciência enquanto sistema privilegiado do ego e define deste modo o ego consciente como sendo “[...] que ele é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal.”⁹⁸ (FREUD, 1923-1925/1961a, p. 29). A consciência, a percepção a ela vinculada e o acesso à motilidade formarão o núcleo do ego e o modo privilegiado pelo qual ele se diferencia do id. Esses aspectos farão do ego a instância responsável pelo teste de realidade. Temos então, no que se refere à ligação entre o ego e a consciência, uma definição mais precisa, na medida em que o ego consciente se define como um ego corporal, e em sua estrutura geral se define como uma projeção psíquica do ego corporal.

A segunda característica do ego foi nomeada por Freud (1923-1925/1961a, p. 31) como ‘caráter’, que para ele, “[...] e torna possível supor que o caráter do ego é um precipitado de catexias objetivas abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto.”⁹⁹ Em seus estudos sobre a melancolia Freud (1923-1925/1961a, p. 31) percebe que “[...] O ego, que inicialmente ainda é fraco, dá-se conta das catexias do objeto, e sujeita-se a elas ou tenta desviá-las pelo processo de repressão.”¹⁰⁰ Melhor contextualizando, podemos entender que o investimento narcísico é um processo de retirada do investimento que antes se direcionava aos objetos, promovendo a substituição do investimento por identificação do próprio caráter de defesa, que é o ponto chave do ego. Ao se identificar com tais objetos, o ego inibe esse real investimento, oferecendo ao id si mesmo como um substituto, mas ainda assim continua a receber a exigência pulsional. Onde é “[...] através da formação do ideal, [...] é assumido pelo ego e reexperimentado em relação a si

⁹⁷ “[...] un sentimiento inconsciente de culpa [...] desempeña un papel económico decisivo en gran número de neurosis y levanta los más poderosos obstáculos en el camino de la curación”.

⁹⁸ “[...] a saber, que es sobre todo un yo-cuerpo”.

⁹⁹ “[...] y puede dar lugar a esta concepción: el carácter del yo es una sedimentación de las investiduras de objeto resignadas, contiene la historia de estas elecciones de objeto”.

¹⁰⁰ “[...] El yo, todavía endeble al principio, recibe noticia de las investiduras de objeto, les presta su aquiescencia o busca defenderse de ellas mediante el proceso de la represión”.

próprio como indivíduo.”¹⁰¹ (FREUD 1923-1925/1961a, p. 38), esta formação do ideal de ego possui “[...] os vínculos mais abundantes com a aquisição filogenética de cada indivíduo - a sua herança arcaica”.¹⁰² (FREUD, 1923-1925/1961a, p. 38)

Finalmente, a terceira característica observada do ego, se trata da identificação, que Freud (1928[1927]/1996) descreve como uma “identificação simultânea”, isto é, casos em que a alteração no caráter ocorre antes de o objeto ter sido abandonado. Em tais casos, a alteração no caráter pôde sobreviver à relação de objeto e, em certo sentido, conservá-la. Acerca desse tema, também pontua que “[...] trata-se de uma identificação direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia de objeto.”¹⁰³ (FREUD, 1923-1925/1961a, p. 33)

As três características que fundamentam o ego são capazes de estabelecer um dinamismo elevado, sendo a base para o desenvolvimento da segunda tópica Freudiana. Ao se retratar sobre o superego, Freud (1923-1925/1961a, p. 36) resgata a idealização do complexo de Édipo, trazendo a conexão entre o conceito e a nova tópica, apontando que, “[...] O superego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas.”¹⁰⁴

O que demarca a característica tirânica do superego, marcado pela ambiguidade da identificação e da proibição “[...] esse aspecto duplo do ideal do ego deriva do fato de que o ideal do ego tem a missão de reprimir o complexo de Édipo; em verdade, é a esse evento revolucionário que ele deve a sua existência”.¹⁰⁵ (FREUD, 1923-1925/1961a, p. 36)

6.3 ÜBER-ICH OU SUPEREGO

O conceito de superego foi apresentado em 1923-1925/1961a, mesmo que tenha dado indícios de sua existência em 1914/2001d, Freud conseguiu entender

¹⁰¹ “[...] el yo toma sobre sí mediante la formación de ideal, y lo que es revivenciado en él individualmente”.

¹⁰² “[...] el más vasto enlace con la adquisición filogenética, esa herencia arcaica, del individuo”.

¹⁰³ “[...] es una identificación directa e inmediata {no mediada}, y más temprana que cualquier investidura de objeto”.

¹⁰⁴ “[...] Empero, el superyó no es simplemente un residuo de las primeras elecciones de objeto del ello, sino que tiene también la significatividad {Bedeutung, «valor direccional»} de una enérgica formación reactiva frente a ellas”.

¹⁰⁵ “[...] esta doble faz del ideal del yo deriva del hecho de que estuvo empeñado en la represión del complejo de Edipo; más aún: debe su génesis, únicamente, a este ímpetu subvirtiente”.

que o superego carrega uma noção de ideal, um substituto do narcisismo infantil e seria o instrumento que o ego usa para se autoanalisar.

Em 1933, após apresentar a instância do superego em sua obra sobre o “mal-estar da cultura”, Freud (1927-1931/1982o) apresentou o quadro de formação das funções do superego.

Teoricamente, com efeito, temos dúvidas quanto a se devemos supor que toda a agressividade que retornou do mundo externo é ligada pelo superego e, por conseguinte, voltada contra o ego; ou se devemos supor que uma parte dela está exercendo sua atividade muda e sinistra, sob forma de instinto destrutivo livre, no ego e no id. Uma distribuição segundo a última forma citada é a mais provável; porém, não sabemos nada mais a esse respeito.¹⁰⁶ (FREUD, 1932-1936/1964, p.101)

Freud (1932-1936/1964, p.101) também complementa tal raciocínio afirmando que inicialmente o superego se valeria de parte da agressividade infantil dirigida contra os pais, impossibilitada de uma descarga externa em vias da fixação erótica e das dificuldades externas “[...] e, por esse motivo, a severidade do superego não corresponde necessariamente à rigidez da criação da criança.”¹⁰⁷

Baseado no complexo de Édipo, o superego surge no papel de gerar a identificação e criar as restrições mentais do sujeito sobre ele mesmo. No menino pode surgir de maneira rigorosa e feroz, provindo da castração vivida durante o Édipo, e na menina o complexo de castração já havia sido instaurado bem antes, observando o superego feminino menos opressivo e implacável.

Pensar o superego unicamente a partir do complexo de Édipo não torna esclarecida a sua função e a sua incidência, já que essa comparativa o força a ser visto como uma identificação com o pai como lugar da lei, ou da interdição, que por razões obscuras torna-se pulsional. Freud (1923-1925/1961a, p. 36) propõe que a sua incidência parte de um contexto externo, já que são as leis que regem o ambiente exterior que vão indicar como deve agir no psiquismo

[...] se considerarmos mais uma vez a origem do superego, tal como a descrevemos, reconheceremos que ele é o resultado de dois fatores altamente importantes, um de natureza biológica e outro de natureza histórica. [...] onde a duração prolongada, no homem, do desamparo e dependência de sua infância, e o fato de seu complexo de Édipo, cuja

¹⁰⁶ “En cuanto a la teoría, en verdad dudamos sobre si debemos suponer que toda la agresión que regresa desde el mundo exterior es ligada por el superyó y vuelta así contra el yo, o bien que una parte de ella ejercita, su actividad muda y ominosa {unheimlich} como pulsión de destrucción libre en el yo y el ello. Más probable es una distribución como la indicada en último término, pero no sabemos nada más sobre esto”.

¹⁰⁷ “[...] por eso no necesariamente la severidad del superyó se encontrará en una correspondencia simple con el rigor de la educación”.

repressão demonstramos achar-se vinculada à interrupção do desenvolvimento libidinal pelo período de latência, e, assim ao início bifásico da vida sexual do homem.¹⁰⁸ (Tradução nossa)

Com referência na hipótese de base psicanalítica, tal conceito, que parece ser voltado majoritariamente ou unicamente ao sexo masculino, acompanha uma herança provinda do desenvolvimento cultural formado a partir das necessidades desenvolvidas na época glacial, sendo assim, essa diferença entre superego e ego, de acordo com Freud (1923-1925/1961a, p. 37), não é uma situação provinda do acaso e representa “[...] as características mais importantes do desenvolvimento tanto do indivíduo quanto da espécie; em verdade, dando expressão permanente à influência dos pais, ela perpetua a existência dos fatores a que deve sua origem”.¹⁰⁹ Esta perspectiva mais arcaica e não relacionada ao complexo de Édipo permite a compreensão do aspecto pulsional do superego, tomado pelo papel da lei ou proibição internalizada pelo indivíduo. O superego é constituído pelo precipitado de introjeções e identificações que a criança faz com aspectos parciais dos pais, com as proibições, exigências, ameaças, mandamentos, padrões de conduta e o tipo de relacionamento desses pais entre si. (ZIMERMAN, 1999)

Freud (1923-1925/1961a, p. 34) identifica que a semelhança final do Édipo com a identificação do ego pode ser vista na diferenciação aos referidos objetos de amor, nos dizendo que “[...] essas identificações não são o que esperaríamos pela descrição anterior, visto que não introduzem no ego o objeto abandonado.” (Tradução nossa) Expandindo a relação entre o complexo de Édipo adquirido pelo superego e o ego, Freud (1923-1925/1961a, p. 37) nos diz que “[...] O ideal do ego é, portanto, a herança do complexo de Édipo e, assim, a expressão dos movimentos mais poderosos e dos destinos libidinais mais importantes do id [...] o complexo de Édipo e [...] ele mesmo, ao id.”¹¹⁰ Freud (1923-1925/1961a, p. 37), destas sujeições

¹⁰⁸ “[...] si volvemos a considerar el origen del superyó, tal como lo hemos descrito, reconoceremos que es el resultado de dos factores sumamente importantes, uno de carácter biológico y otro de carácter histórico. [...] donde la duración prolongada, en el hombre, del desamparo y la dependencia de su infancia, y el hecho de que su complejo de Edipo, cuya represión hemos demostrado que está ligada a la interrupción del desarrollo libidinal por el período de latencia, y por lo tanto al inicio bifásico de la vida sexual de un hombre”.

¹⁰⁹ “[...] los rasgos más significativos del desarrollo del individuo y de la especie y, más aún, en la medida em que procura expresión duradera al influjo parental, eterniza la existencia de los factores a que debe su origen”.

¹¹⁰ “[...] El ideal del yo es, por lo tanto, la herencia del complejo de Edipo y, así, expresión de las más potentes mociones y los más importantes destinos libidinales del ello [...] el yo se apodera del complejo de Edipo y [...] él mismo, al ello.”

surtem conflitos, pois “[...] o ego é essencialmente o representante do mundo externo, da realidade, o superego coloca-se, em contraste com ele, como representante do mundo interno, do id.”¹¹¹ e estes conflitos refletem “[...] a oposição entre o real e o psíquico, o mundo externo e o mundo interno”.¹¹² (FREUD, 1923-1925/1961a, p. 36-37, tradução nossa)

Em uma visão mais panorâmica, pode-se ser entendido que o superego é o núcleo do ego, assim como dito por Freud (1927-1931/1961b, p. 162) em seu estudo sobre o humor, “E finalmente, se o superego tenta, através do humor, consolar o ego e protegê-lo do sofrimento, isso não contradiz sua origem no agente paterno.”¹¹³ (Tradução nossa). Destarte, o superego se caracteriza nas entranhas conceituais do ego, na sua pulsão e identificação. Porém, o ego afetado pelo superego passa por um forte sentimento de culpa, uma forte e inegável incidência da pulsão.

Outras duas tônicas trabalhadas na segunda tópica Freudiana são os conceitos de pulsão de morte e o narcisismo. O conceito de *pulsão de morte* é bastante complexo e carrega um forte problema, pois gera uma ruptura radical do ponto de vista epistemológico, se desfazendo da ordem biológica, de adaptação. Ele propôs tal teoria como algo especulativo, ou como ele mesmo disse, “[...] uma tentativa de acompanhar uma ideia sistematicamente, só por curiosidade de ver até onde ela levará.”¹¹⁴ (FREUD, 1920-1922/1992, p. 24, tradução nossa). A pulsão tem a ver com os instintos primários do ser humano, sendo a agressividade uma força autônoma originária e independente da sexualidade. (GUTIÉRREZ-TERRAZAS, 2002, p. 99)

O que está influenciando agora o superego é, por assim dizer, uma cultura pura do instinto de morte e, de fato, ela com bastante frequência obtém êxito em impulsionar o ego à morte, se aquele não afasta o seu tirano a tempo, através da mudança para a mania.¹¹⁵ (FREUD, 1923-1925/1961a, p. 70).

Em relação ao narcisismo, “[...] não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autopreservação, que, em certa medida, pode

¹¹¹ “[...] el yo es esencialmente representante del mundo exterior, de la realidad, el superyó se le enfrenta como abogado del mundo interior, del ello”.

¹¹² “[...] la oposición entre lo real y lo psíquico, el mundo exterior y el mundo interior”.

¹¹³ “Y, por último: si mediante el humor el superyó quiere consolar al yo y ponerlo a salvo del sufrimiento, no contradice con ello su descendencia de la instancia parental”.

¹¹⁴ “[...] un intento de explotar consecuentemente una idea, por curiosidad de saber adonde lleva”.

¹¹⁵ “Lo que ahora gobierna en el superyó es como un cultivo puro de la pulsión de muerte, que a menudo logra efectivamente empujar al yo a la muerte, cuando el yo no consiguió defenderse antes de su tirano mediante el vuelco a la manía”.

justificavelmente ser atribuído a toda criatura viva.”¹¹⁶ (FREUD, 1914-1916/1991, p. 71, tradução nossa), portanto Freud descreve o Ego como uma instância que vai se formando, que não se encontra pronta. O narcisismo então está ligado a um conjunto de pulsões sexuais e auto preservativas que surgem junto ao ego fornecendo uma escolha analítica de objeto. Na segunda tópica, esse dualismo pulsional e radicalismo de pulsão de morte, além do esclarecimento de identificação, acaba impondo uma dívida permanente ao ego.

O ego tem caráter narcisista pois busca retirar a libido dos objetos, gerando uma libido não sexualizada, que só se faz possível através da pulsão sexual “onde é fácil observar uma certa indiferença quanto ao caminho ao longo do qual a descarga se efetua, desde que se realize de algum modo”¹¹⁷ (FREUD, 1923-1925/1996a, p.45, tradução nossa). Essa libido é marcada pelo abandono dos objetivos sexuais diretos, porém, mantendo a possibilidade de satisfação, o ego pode ser gerado. A dessexualização da libido exigida pelo narcisismo impõe a ruptura em relação à sua dependência ao investimento objetual, e o superego é a instância de cobrança dessa dívida do ego.

A relação do superego com as alterações posteriores do ego é aproximadamente semelhante à da fase sexual primária da infância com a vida sexual posterior, após a puberdade. Embora ele seja acessível a todas as influências posteriores, preserva, não obstante, através de toda a vida, o caráter que lhe foi dado por sua derivação do complexo paterno - a saber, a capacidade de manter-se à parte do ego e dominá-lo. Ele constitui uma lembrança da antiga fraqueza e dependência do ego, e o ego maduro permanece sujeito à sua dominação. Tal como a criança esteve um dia sob a compulsão de obedecer aos pais, assim o ego se submete ao imperativo categórico do seu superego.¹¹⁸ (FREUD, 1923-1925/1996a, p. 49, tradução nossa)

Observa-se neste trecho a menção à uma noção proposta por Kant (1788/2003, p. 103) que se relaciona ao imperativo categórico que, segundo o filósofo, é a expressão moral e “age de tal modo que a máxima da tua vontade possa valer sempre ao mesmo tempo como princípio de uma legislação universal.”

¹¹⁶ “[...] no sería una perversión, sino el complemento libidinoso del egoísmo inherente a la pulsión de autoconservación, de la que justificadamente se atribuye una dosis a todo ser vivo”.

¹¹⁷ “En esto es innegable cierta indiferencia en cuanto al camino por el cual acontezca la descarga, con tal que acontezca”.

¹¹⁸ “En cierta medida es a las posteriores alteraciones del yo lo que la fase sexual primaria de la infancia es a la posterior vida sexual tras la pubertad. Es accesible, sin duda, a todos los influjos que puedan sobrevenir más tarde; no obstante, conserva a lo largo de la vida su carácter de origen, proveniente del complejo paterno: la facultad de contraponerse al yo y dominarlo. Es el monumento recordatorio de la endebles y dependencia en que el yo se encontró en el pasado, y mantiene su imperio aun sobre el yo maduro. Así como el niño estaba compelido a obedecer a sus progenitores, de la misma manera el yo se somete al imperativo categórico de su superyó.”

Ainda, o imperativo categórico refere-se às máximas que cada um carrega consigo, contanto que comportem a capacidade de uma aplicação universal. Sendo assim, referem-se à moral em seu último estágio, na condição de ética. Caso não esteja ao alcance universal de todos, a moral passa a ser da ordem do imperativo hipotético, singular e situacional para o sujeito.

O imperativo categórico não está interessado no conteúdo, mas apenas na forma da lei e no princípio que a rege. Nesse caso, o conteúdo da ação não está em questão, ou seja, nenhum fim específico pode ser delimitado. O imperativo categórico faz referência a tudo o que 'deve ser' e não necessariamente àquilo que 'é'. (XAVIER, 2009, p. 36)

Em relação ao superego, Freud (1923-1925/1961a) aproxima a noção de imperativo categórico kantiano com a característica tirana do superego. Assim, o superego freudiano operaria por um imperativo categórico fantasístico, visto que traria como lei universal às outras estruturas (ego e id) sua máxima.

Como descrito na seção dedicada ao *id*, o *superego* aproxima-se da condição positiva da “autonomia da vontade” pois “o conceito positivo aparece [...], enquanto propriedade da vontade de ser lei de si mesma. Assim, num primeiro momento a liberdade se caracteriza pelo agir conforme o dever e a lei que se exprimem no dever ser” (OLIVEIRA, 2015, p. 17). Neste quesito, seu conceito positivo prevê uma autonomia da vontade, uma liberdade. “[...] a vontade é em todas as ações uma lei para si mesma, ela designa apenas o princípio de não agir segundo outra máxima senão aquela que também possa ter por objeto a si mesma como uma lei universal” (KANT, 2009, p. 348). É nesta formulação que Kant pontua o imperativo categórico o qual aproximamos do conceito freudiano de *superego*, pois o imperativo categórico atua como princípio básico da lei moral, sendo assim única e mesma coisa. Ainda sobre a moral, Kant (2009) sinaliza a origem da moralidade na autonomia da vontade, aplicada a entes racionais finitos, dando origem ao imperativo categórico.

Contudo em Freud, ao contrário de Kant, quanto mais o homem se submete às questões morais menos elevado se sente, pois o superego é detentor do conhecimento dos desejos inconscientes e quanto menos satisfeitas tais pulsões agressivas no mundo externo, mais agressivo é o retorno destas ao eu/ego. Ainda, mesmo que estas pulsões agressivas não sejam efetivamente realizadas, a condenação feroz do superego se dá pela fantasia desta realização. No entanto, Freud rompe as similaridades do superego com o imperativo categórico na justa medida em que submete esta instância ao Complexo de Édipo, tornando-o condicionado, como bem explica Alemán (*apud* MILLER, 2000, p. 20):

[...] Freud transforma o superego em imperativo categórico, os fazem equivalentes. Não menciona qual é seu procedimento de leitura, mas o resultado é gravíssimo: é um ponto de catástrofe em toda ética construída por Kant. Com efeito, se o imperativo categórico era precisamente autônomo, incondicional, absoluto e procedia apenas da boa vontade que brilhava como uma joia e, por isso, não devia nada a nenhuma instância empírica, a nenhuma inclinação pessoal, colocá-lo em relação de dependência, colocá-lo como herdeiro é introduzir uma heteronomia catastrófica.

Pode-se dizer que Freud (1923-1925/1961a) quando menciona o Imperativo Categórico kantiano, visa demonstrar o funcionamento psíquico do superego, este que se ordena pela lei herdada da dissolução do complexo de Édipo, no sentido de ordem moral universal, ou seja, o sujeito que se submete às ordens morais da sociedade internalizadas de forma individual, portanto os dois conceitos se aproximam no que diz respeito ao agir conforme a ordem das leis, demonstrando a impossibilidade do sujeito de agir conforme ambas. Neste sentido, quando se trata da incapacidade do Ego em dar conta das exigências do Superego, surge a culpa manifestada nas neuroses clínicas estudadas por Freud.

Cabe aqui também relacionar o conceito de superego com a formulação da *má consciência* em Nietzsche, pois confluem no sentido em que são instâncias que resultam das pressões da sociedade e de suas demandas, demarcadas pelo sentimento de culpa, quando o sujeito vai de encontro às postulações morais. A *má consciência* nietzschiana é definida no aforismo 16 do texto *Genealogia da Moral*, Nietzsche (1887/1999, p. 67):

[...] Aqueles terríveis bastiões com que a organização do Estado se protegia dos velhos instintos de liberdade - os castigos, sobretudo, estão entre esses bastiões fizeram com que todos aqueles instintos do homem selvagem, livre e errante se voltassem para trás, contra o homem mesmo. A hostilidade, a crueldade, o prazer na perseguição, no assalto, na mudança, na destruição - tudo isso se voltando contra os possuidores de tais instintos: esta é a origem da má consciência. [...] Com ela, porém, foi introduzida a maior e mais sinistra doença, da qual até hoje não se curou a humanidade, o sofrimento do homem com o homem, consigo: como resultado de uma violenta separação do seu passado animal, como que um salto e uma queda em novas situações e condições de existência, resultado de uma declaração de guerra aos velhos instintos nos quais até então se baseava sua força, seu prazer e o temor que inspirava.

Em Nietzsche, a *má consciência* concerne a um evento evolutivo da sujeição do indivíduo à lei social e do rebaixamento dos instintos violentos a esta lei, resultando no sentimento de culpa. O filósofo pontua o homem como sujeito aos “velhos instintos de liberdade”, um contraponto à vida em sociedade, ainda que

caracterize como importante esta evolução humana. Nietzsche desenvolve a ideia de que a humanidade estaria em dívida com seus ancestrais, sendo honrada pelos rituais, o que vai permitir a existência do conceito de Deus e da dívida como culpa moral.

Este é o primeiro sentido da má consciência: um evento evolutivo da espécie humana que decorre diretamente da sujeição do indivíduo à lei comunitária e da supressão de seus instintos de violência, de forma que estes são direcionados para o próprio indivíduo, resultando no sentimento de culpa. (SISNANDO; GOMES, 2020, p.127)

A partir disso pode-se ler uma aproximação com o conceito de culpa, que surgiria desta violenta separação do estado animalesco do homem em prol da vida gregária. Tal sentimento culposo, para o filósofo, é propulsor do adoecimento moral, da submissão e escravidão, enquanto em Freud a sociedade seria adoecida pela escolha da repulsa e renúncia das pulsões constituintes da natureza humana¹¹⁹.

Já em seu segundo sentido, equivale ao que Nietzsche compreende como *sinistra doença*, onde o sentimento de culpa, esta dívida com os velhos instintos, desencadeia um aspecto de negação à vida. É este o raciocínio que aproxima Nietzsche e Freud, o desenvolvimento de uma instância exterior a si que promove a tendência à autocontenção e à autoflagelação, que causa adoecimento, sofrimento. Nota-se aqui uma proximidade com o que Freud vai chamar de pulsão de morte em *Além do princípio do prazer* (1920-1922/1992), um conceito que traz diversas problemáticas e divergências, conduz-se pela estrada conceitual freudiana da diferenciação entre instinto e pulsão, mas antagonicamente volta-se à esta junção endogenista, uma trajetória dupla e contraditória que colocará a pulsão de morte no domínio instintivo.

Porém, ao contrário do filósofo, o psicanalista percebe a repressão como fundante da civilização e conseqüentemente do mal-estar, propondo então a investigação do inconsciente como possibilidade de libertação e manifestação das limitações humanas sem romper radicalmente com a moral vigente, enquanto Nietzsche (1886/2002) propõe a *transvaloração* da sociedade, não do indivíduo.

Os elementos filosóficos encontrados nas diferentes instâncias que integram a segunda tópica foram pontuados separadamente na descrição de cada uma

¹¹⁹ A natureza humana em Freud dá-se a partir da dinâmica pulsional do aparelho psíquico, tendo em vista suas formas de obtenção de prazer na descarga libidinal parcial e seu acúmulo de tensão do conteúdo recalçado, tendo em vista a função de censor desempenhada pelo recalque.

dessas instâncias. Cabe ainda ressaltar de forma sintetizada as similaridades filosóficas desta elaboração Freudiana em seus conceitos mais basilares, como o inconsciente e a pulsão.

No que tange a ciência, encontramos a base neokantiana como o alicerce das formações acadêmicas na época que Freud empreende seus primeiros estudos, e isto norteou os entendimentos de ciências e de qualidades científicas, questões, como vimos, importantes para Freud na apresentação e desenvolvimento da psicanálise. Quando Freud (1923-1925/1961a) inicia a elaboração da segunda tópica, como dito anteriormente, pela necessidade emergente na prática clínica e no tratamento das psicoses, o cenário filosófico e científico já conta com o irracionalismo de Schopenhauer e o niilismo nietzschiano, mesmo que ainda não conhecidos por tais definições, e causam forte impressão principalmente sobre inconsciente e pulsão.

Pontos importantes de confluência se encontram especialmente no que concerne à conceituação do *id*, onde percebemos uma similaridade ao que se refere ao instinto ou *trieb* em Schopenhauer (1818-1819/2005) na definição de *vontade*. É na conceituação do *Id* que também se encontram muitas semelhanças com Nietzsche (1885/2011), principalmente no que se referem aos conceitos de *Trieb* e *Instinkt*, posto que Freud isso virá a ser designado como pulsão e em Nietzsche será conceituado como *força de potência*, como visto anteriormente. O psicanalista pontua a pulsão de morte e a pulsão de vida, o filósofo elucida a *vontade de potência* que pode tender para o nada e para a destruição. O entendimento de Inconsciente é encontrado nos dois autores supracitados e claramente influenciaram o pensamento Freudiano, sendo este um conceito também visto em Dostoiévski (2009) tanto por Freud quanto por Nietzsche, e de grande atenção à ambos.

Muitas questões filosóficas, como o dualismo mente e corpo, objeto de diversos estudos filosóficos, encontram implicação na teoria psicanalítica. A psicanálise postula o corpo e a mente como profundamente imbricados, onde um atua em relação ao outro. Inicialmente percebe-se em Freud uma angústia biologicista, em seus primeiros escritos o autor procura compreender essa relação do psiquismo com o biológico, as conexões neurais, mas conforme seus estudos vão se desenvolvendo e refinando, esta relação fica cada vez menos dividida e mais emaranhada. Na atualidade, o exercício da psicanálise necessita ser fundamentado

no desenvolvimento da filosofia que a sustenta, capaz de fazer alicerces em sua epistemologia e história, Freud, assim como Nietzsche, reflete sua época e suas condições de pensamento e é preciso revê-lo em diversos âmbitos inclusive no que diz respeito à sua teoria tópica. Neste sentido Jacques Lacan traz novas considerações e desenvolvimentos acerca do método Freudiano, por sua vez Alfredo Eidelsztein propõe uma nova perspectiva em relação à Lacan e assim por diante; o pensamento psicanalítico firmado em sua base filosófica pode prosperar.

Questões fundamentais para Freud, como a culpa e o conflito interno, ganham campo no sentido da individualidade no caso a caso, e talvez este seja o legado da psicanálise quando se trata de sua filosofia, a particularidade daquilo que não pode ser universal, pois há o atravessamento da cultura e principalmente da linguagem que atua de forma singular em cada sujeito.

Em Freud (1923-1925/1961a) o livre arbítrio adentra o problema da consciência, pois Ego, que seria o princípio da consciência, em sua segunda tópica, se torna sujeito às relações entre Id e Superego, ainda que o ego possua a sensação de delimitação entre o eu e um não-eu, os limites vão se tornando cada vez mais difusos, como a pensar o apaixonamento e os estados patológicos tal qual a psicose. Neste sentido a teoria freudiana entra em embate com o sujeito cartesiano, que reside na razão e comanda sua vontade; no sentido psicanalítico, o sujeito, o eu, seria um pseudo-sujeito, o sujeito do inconsciente de Lacan.

Desta forma, as escolhas, as decisões, estariam postas tanto ao sujeito que é onde não pensa (inconsciente), quanto no sujeito que é onde pensa (consciente), assim a liberdade de escolha não é simples prática da vontade, já que ela está sujeita à diversas repressões, tanto morais em vista do superego, quando do princípio de realidade, mediado pelo Ego. Cabe ressaltar que o tema do livre arbítrio é um dos mais polêmicos e paradoxais de todos os tempos, possui questões morais, religiosas e filosóficas profundamente entranhadas e, no que tange à psicanálise e ao livre-arbítrio, há a inclinação em face da teoria tópica freudiana de outorgar certo determinismo psíquico relativo ao inconsciente, próximo do entendimento de desresponsabilização, já que tal questão concerne à algo que não se tem consciência, vale desta forma pontuar que o homem é tão responsável pelo seu inconsciente quanto pelo seu consciente, adverte Lacan (1998, p. 873) “por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis”.

Isto posto, Freud se distancia da filosofia pela sua terapêutica ou método psicanalítico. Enquanto os conceitos filosóficos são elaborações do campo científico, a psicanálise vai se estabelecer em sua prática e nas elaborações da experiência clínica. A segunda tópica é um claro exemplo desta diferença, pois é nela que Freud institui a dinâmica psíquica e a interação das instâncias que elabora, categoriza e demarca suas funções. Se Freud se aproxima dos filósofos de sua época e anteriores, se nos é possível encontrar elementos filosóficos fortemente demarcados em sua teoria, podemos elucidar o profundo impacto que a inserção da cultura tem na formação da subjetividade de cada sujeito e além, na elaboração da teoria psicanalítica.

A filosofia sempre foi vasto manancial para a conceituação da teoria psicanalítica, como também para sua crítica e talvez o fator essencial que a distancie das psicologias. A psicanálise está sempre articulada à cultura e as manifestações desta, sendo a filosofia, neste sentido, grande aliada para o pensamento do humano e das expressões das diversas esferas que compõem o ser humano.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a dinâmica elíptica do pensamento Freudiano ao longo de sua construção prática-teórica entre as bases do fazer científico e as observações filosóficas, são evidentes as articulações feitas por Freud na manufatura da psicanálise como uma ciência temperada em técnicas semelhantes às constatações filosóficas. Assim, como a vida e obra de Sigmund Freud como médico psiquiatra, neurologista, psicanalista e pensador são indivisíveis, suas influências filosóficas e contatos com colegas, amigos, pacientes e outras personalidades influentes da época também o são.

O cumprimento deste trabalho faz-se a partir da análise não decomposta das observações freudianas de sua clínica e dos estudos filosóficos e literários os quais o autor se dedicou ao longo do tempo, ou seja, contemplando a dialética presente na práxis psicanalítica (teoria, pesquisa, observação, discussão com pares), reiterando e ratificando a psicanálise freudiana como uma ciência, em nenhum momento estática com caráter conclusivo. Isso se faz também no desenvolvimento da psicanálise em si a partir dos colaboradores ativos contemporâneos de Freud no meio psicanalítico.

Tendo em vista os diversos momentos evolutivos na construção da psicanálise, a fase Estrutural, ou Segunda Tópica, veio com a proposta de abarcar os fenômenos psíquicos por uma ótica mais ativa e interativa entre o inconsciente, pré-consciente e consciente a partir das instâncias do id, ego e superego. Essa dinâmica pode emergir no pensamento Freudiano da sua experiência clínica e a necessidade de encontrar novas respostas enquanto desbravava o continente inconsciente.

A partir das constantes “expedições Freudianas” na psique humana, o pai da psicanálise deparou-se cada vez mais com os enigmas do inconsciente. A incorporação de novos conceitos em seu modelo topográfico, culminando na teoria estrutural, revelaram a Freud a iminência gravitacional do inconsciente nas demais demarcações do aparelho psíquico. Com a conceituação de id, ego e superego, foi possível compreender e pautar os processos psíquicos como interatuantes, evidenciando que as antigas demarcações consciente e pré-consciente, mantinham

uma relação de vassalagem com o inconsciente. Sendo assim, id, ego e superego são tanto conscientes, quanto pré-conscientes e inconscientes.

Para além disso, ao criar um método científico com possibilidade de adentrar o desconhecido inconsciente, Freud, a partir da psicanálise, pauta uma nova visão desse elemento amplamente discutido por diversas escolas filosóficas. O inconsciente passa a ser um elemento presente no cotidiano, podendo ser de certo modo observado, não apenas em um trabalho de análise, mas suas nuances, como chistes e atos falhos. O valor impessoal e distante atribuído até então ao inconsciente, passa a ser algo da ordem do cotidiano, ao invés de ser algo apreendido de um movimento externo, passa a ser compreendido e incorporado no pensamento do sujeito moderno a partir do novo paradigma científico, o qual avançava em passos largos no fim do século XIX e início do século XX.

Sendo assim, o sujeito moderno ocidental passa a ser uma unidade indivisível entre alma, consciência e indivíduo a partir do conceito psicanalítico de inconsciente. Essa ideia provocou efeitos na cultura que ecoam até os dias de hoje, rompendo de forma gradativa com as convenções sociais da época em que surgiu. A concepção do inconsciente Freudiano confronta os conceitos filosóficos acerca da existência humana em primazia da experiência singular de cada sujeito. Tal percepção confere à psicanálise o status de uma práxis do singular, do individual. Apesar de fazer uma leitura social, o trabalho do um-a-um permite visualizar cada neurose, perversão ou psicose como manifestações únicas na realidade.

Esta investigação evidencia a influência cartesiana na formação de Freud, aliado aos questionamentos kantianos acerca da consciência. A etiologia do inconsciente Freudiano distancia-se da proposta de Schopenhauer, porém sua influência esteve marcada na cultura moderna. O mesmo pode ser recorrido acerca de Nietzsche em suas considerações acerca dos instintos, semelhantes e divergentes da *trieb* abordada por Freud. Nos aspectos gerais, assim como Freud havia enunciado, ele mesmo não havia descoberto o inconsciente, tarefa essa atribuída aos filósofos e romancistas, porém creditava os louros da cientificidade da investigação a si. Independente disso, podemos destacar que o inconsciente Freudiano não é o mesmo inconsciente abordado pelas filosofias, pois suas etiologias divergem drasticamente quando incluimos o Complexo de Édipo na equação, algo estritamente psicanalítico.

Vale ressaltar, que as confluências teóricas com os filósofos citados neste texto, abarcam outros nomes importantes do idealismo alemão, da filosofia clássica, da medicina, da arte etc. É de condição notória que a psicanálise verte de diversas fontes, ainda que seja a da filosofia sua maior nascente e fundamento. Isso é perceptível através dos autores citados, que onde encontramos semelhanças específicas e basais para o que a psicanálise constrói como campo de seu conhecimento; Schopenhauer e Nietzsche são demarcados pelo que foi chamado de pessimismo e a psicanálise herda a mesma chancela; ainda é necessário pontuar que toda crítica evidencia aquilo que avalia, só é possível a negação à lógica cartesiana se há também o estudo e conhecimento desta. Portanto, Freud se dedica ao estudo da filosofia e traz elementos da tragédia grega, a saber a conceituação do complexo de Édipo, *Eros* e *Tanathos* (pulsão de vida e de morte), entre outros presentes nos escritos Freudianos.

Freud pautou as bases da psicanálise, uma construção contínua empregada ao longo de dois séculos pelos mais diversos campos do saber com seus colaboradores, contribuições teóricas, conceituais e suas culturas. A baila entre psicanálise e filosofia ainda se faz presente, desde articulações como esta, presente no trabalho, quanto em searas como a esquizoanálise e sua crítica ao Édipo, proposições mais alinhadas à filosofia do que à psicanálise, tendo seus expoentes em Nietzsche e Spinoza. Outro sentido da psicanálise, Jacques-Marie Émile Lacan, volta-se em uma releitura crítica à Freud, na qual evoca um diálogo com a filosofia Georg Friedrich Hegel e a linguística Ferdinand de Saussure, cabe mencionar as elaborações sobre a angústia que dialogam com Martin Heidegger. É importante trazer à memória tais menções, mesmo que não pormenorizadas neste estudo, a fim de elucidar os correlatos da teoria psicanalítica com a filosofia, evidenciando que para a psicanálise a filosofia sempre foi, e ao que tudo indica será sustentáculo.

Em relação à psicanálise em seu método prático, ainda que tenha inúmeras influências filosóficas, não é apenas teoricamente que ela se faz, mas sim na prática clínica. O percurso Freudiano na psicanálise denota um cuidado e responsabilidade ética em seu trabalho clínico e enunciações científicas sobre tais. Além disso, Freud não ignorava a importância de um estilo pessoal no psicanalista, seja em sua atuação clínica quanto em sua produção cultural, algo presente nos textos

Freudianos, imbuídos pela arte literária, que lhe era tão cara em Goethe (2000) e Dostoievski (2009).

Ainda, vale ressaltar que a psicanálise não está pronta e nunca estará visto que, abrange não só o indivíduo em sua transmutação genuína, mas a cultura, um produto de outro. Neste trabalho elaborou-se um pequeno recorte das nascentes filosóficas da psicanálise em pontos específicos da teoria, que não se esgotam por aqui e nem se esgotarão, os contemporâneos de Freud como a exemplo de Lacan que criticam e reescrevem a psicanálise, pois é necessário aprimorar-se ao seu tempo. Por fim, é necessário pontuar que enquanto estudiosos conhecemos pouquíssimo do homem e dele deveríamos nos dedicar a conhecer muito mais e com afinco, pois é desta tempestade perfeita que deriva o bem e o mal e, talvez, seja este o estudo mais importante para a evolução e manutenção do humano, ponto primordial impossível de dissociar psicanálise e filosofia.

REFERÊNCIAS

- A REPÚBLICA. 15ª ed. Tradução do texto grego: IIAA TQNO~ IIOAITEIA. A edição utilizada foi a de J. Bumet *Platonis Opera*, T. IV Oxonii e typographeo Clarendoniano, 1949. Tradução e notas: Maria Helena da Rocha Pereira. Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. (IV 439d – 441a)
- ADORNO, T. W. O conhecimento do inconsciente e o método psicanalítico. In: _____. **Primeiros escritos filosóficos**. Tradução: Verlaine Freitas. São Paulo: Unesp, 2018.
- ALMEIDA, R. M. de Nietzsche e o eterno retorno. **Rev. Reflexão**, Saint Vincent College, PA, EUA Universidade Gregoriana de Roma, Itália, Campinas, n. 83 e 84, pp. 23-36, jan./dez., 2003. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br>. Acesso em: 20 maio 2023.
- ARNAO, M. A distinção entre representação de palavra e representação de coisa na obra freudiana: mudanças teóricas e desdobramentos filosóficos. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 11, n. 2, pp. 187-201, dez. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982008000200002>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- ASSOUN, P. L. **Freud e Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças**. Tradução M. L. Pereira. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Original publicado em 1989)
- _____. **Metapsicologia freudiana**. Uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (Original publicado em 1996)
- AZEVEDO, G. M. G. de; AMARAL, H. U. do. O nascimento da psicanálise: das influências de Charcot e Breuer à autonomia. **Cad. Psicanál.**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 44, pp. 87-109, jun. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952021000100007&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 15 fev. 2023.
- BREUER, Josef; FREUD, Sigmund. **Estudios sobre la histeria**. Obras completas de Sigmund Freud. Traducción: J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu. 1992. (v. 1, Original publicado em 1893-1895)
- BROOK, A. "Kant and Freud". In: CHUNG, M. C.; FELTHAM, Colin (eds.). **Psychoanalytic Knowledge**. Nova York, NY: Palgrave Macmillan, 2003. pp. 20-39
- CAMPOS, Érico Bruno Viana. Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise. **Rev. Psicol. UNESP**, Assis, v. 12, n. 1, pp. 13-24, jun. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442013000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 maio 2023.
- CHINALLI, Myriam. A chegada da peste: cem anos da viagem de Freud aos EUA (1909-2009) **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**. Belo Horizonte, v. 4, n. 7, out. 2010. ISSN: 1982-3053.

CONTERATO, L. S. V. **O conceito de coisa em si na Crítica da Razão Pura e as origens da polêmica que o envolve**. 90 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/20456/2/Luis%20Sergio%20Vieira%20Conterato.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2023.

CUNHA, Peterson Kenji da. **A noção de representação na Crítica da Razão Pura**. 2021 Monografia (Trabalho de Pesquisa em Filosofia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

DARWIN, C. R.; MOREIRA, J. de O.; CÂMARA, T. C. C. Freud e Fliess: considerações sobre uma supervisão imaginária. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, Belo Horizonte, v. 37, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/16291>. Acesso em: 17 fev. 2023.

DOSTOIÉVSKI, F. M. **Notas do subsolo**. Tradução: Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. Porto Alegre: L&PM, 2009. (Original publicado em 1821-1881)

FERRO, M.; TAVARES, M. **Análise da obra Introdução à história da filosofia de Hegel**. O pensamento de Hegel Vocabulário Hegeliano. 1ª ed. Lisboa: Presença, 1995.

FILLA, Munique Gaio. Reflexões sobre o Eu na teoria freudiana: limites de aproximações entre Kant e Freud. **Cadernos de Filosofia Alemã: crítica e modernidade**, São Paulo, Universidade Federal de São Carlos, v. 24, n. 2, pp. 29-52, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/158182/158271>. Acesso em: abr. 2022.

FREUD, S. "**Projeto para uma Psicologia Científica**". Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975. (livro XII, Original publicado em 1895)

_____. "**Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna (1908)**". Obras completas Sigmund Freud. El delirio v los sueños en la «Gradiva» de W. Jensen y otras obras (1906-08). Traducción: José L. Etcheverry. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992h. (v. 9, Original Publicado em 1906-08)

_____. **A dinâmica da transferência (1912)**. Obras completas Sigmund Freud. Traducción: José L. Etcheverry. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. Sobre un caso de paranoia descrito autobiograficamente Trabajos sobre técnica psicoanalítica y otras obras. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1982k. (v. 12, Original publicado em 1911-13)

_____. **Algunas lecciones elementales sobre psicoanálisis (1940)**. Obras completas de Sigmund Freud. Traducción: J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 2001. (v. 23, Original publicado em 1940)

_____. **As pulsões e seus destinos (1856-1939)**. Edição bilíngue. Obras Completas de Sigmund Freud. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (v. 2, Original publicado em 1856-1939).

_____. **Atos obsessivos e práticas religiosas (1907)**. Obras completas Sigmund Freud. Traducción: José L. Etcheverry. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. El delirio v los sueños en la «Gradiva» de W. Jensen y otras obras. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1982i. (v. 9, Original publicado em 1906-08)

_____. **Carta sobre o bacharelado (para Emil Fluss)**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992e. (Original Publicado em 1873 [1941])

_____. **Cinco conferencias sobre psicoanálisi Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci y otras obras [1910]**. Obras completas de Sigmund Freud. Traducción: J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu. 1992. (v.11, Original publicado em 1910)

_____. **Conferencias de introducción al psicoanálisis. Partes I y II [1915-1916]**. Obras completas de Sigmund Freud. Traducción: J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1963. (v. 15, Original publicado em 1915-1916)

_____. **Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico (1900-1915)**. Obras completas Sigmund Freud. Traducción: José L. Etcheverry. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. Trabajos sobre metapsicología y otras obras. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1982c. (v. 14, Original publicado em 1914-15)

_____. **Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico (1900-1916)**. Obras completas Sigmund Freud. Traducción: José L. Etcheverry. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. Trabajos sobre metapsicología y otras obras. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1982d. (v. 14, Original publicado em 1914-16)

_____. **Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico [1914]**. Obras completas de Sigmund Freud. Traducción: J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 2001. (v. 14, Original publicado em 1914)

_____. **Dostoiévski e o parricídio (1927 [1928]1996)**. Obras completas Sigmund Freud. Traducción: José L. Etcheverry. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. El porvenir de una ilusión El malestar en la cultura y otras obras. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1982o. (v. 21, Original publicado em 1927-31)

_____. **Dostoiévski e o Parricídio 1928 [1927]**. Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (v. XXI, Original publicado em 1928 [1927])

_____. **El delirio v los sueños en la «Gradiva» de W. Jensen y otras obras**. Obras completas Sigmund Freud. Traducción: José L. Etcheverry Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1982e. (v. 9, Original publicado em 1906-08)

_____. **El porvenir de una ilusión El malestar en la cultura y otras obras [1927-31]**. Obras completas de Sigmund Freud. Traducción: J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1961b. (v. 21, Original publicado em 1927-1931)

_____. **El yo y el ello y otras obras [1923-25]**. Obras completas de Sigmund Freud. Traducción: J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1961a. (v. 19, Original publicado em 1923-1925)

_____. **Em cartas a Fliess (1887-1904)**. Obras completas Sigmund Freud. Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud. Traducción: José L. Etcheverry. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey, Alan Tyson y Angela Richards. Buenos Aires: Amorrortu. 1982b. (v. 1, Original publicado em 1886-1899)

_____. **Fragmento de análisis de un caso de histeria (Dora) Tres ensayos de teoría sexual y otras obras [1901-1905]** Obras completas de Sigmund Freud. Traducción: J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 2001. (v. 7, Original publicado em 1901-1905)

_____. **La interpretación de los sueños [1900]**. Obras completas de Sigmund Freud. Traducción: J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 2001. (v. 5, Original publicado em 1900)

_____. **La interpretación de los sueños**. Obras Completas de Sigmund Freud Traducción: J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 2005. (primera parte, v. 4, Original publicado em 1900)

_____. **Lições Introdutórias à Psicanálise (1915-7 [1916-7])**. Obras completas Sigmund Freud. Traducción: José L. Etcheverry. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. Conferencias de introducción al psicoanálisis (Partes I y II). Buenos Aires: Amorrortu editores, 1982m. (v. 15, Original publicado em 1915-16)

_____. **Más allá del principio de placer Psicología de las masas y análisis del yo y otras obras. (1920-22)**. Obras completas de Sigmund Freud. Traducción: J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. (v. 18, Original publicado em 1920-1922)

_____. **Memórias de Infância de Leonardo da Vinci (1910)**. Obras completas Sigmund Freud. Traducción: José L. Etcheverry. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. Cinco conferencia sobre psicoanálisis, un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci y otras obras. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1982j. (v. 11, Original publicado em 1910)

_____. **Moisés e o Monoteísmo (1939)**. Obras completas Sigmund Freud. Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. Moisés y la religión monoteísta Esquema del psicoanálisis y otras obras. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1982a. (v. 23, Original Publicado em 1937-39)

_____. **Moisés y la religión monoteísta [1937-39]**. Obras completas de Sigmund Freud. Traducción: J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Esquema del Psicoanálisis y otras obras, Amorrortu Editores, 1975. (v. 23, Original publicado em 1937-1939)

_____. **Neurastenia e neurose de angústia (1894 [1895])**. Obras completas Sigmund Freud Traducción: José L. Etcheverry. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. Estudios sobre la histeria (Josef Breuer y Sigmund Freud) Buenos Aires: Amorrortu editores, 1982f. (v. 2, Original publicado em 1894-95)

_____. **Novas lições introdutórias à psicanálise (1932 [1933])**. Obras completas Sigmund Freud. Traducción: José L. Etcheverry. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis y otras obras. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1982p. (v. 22, Original publicado em 1932-36)

_____. **Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis y otras obras [1932-36]**. Obras completas de Sigmund Freud. Traducción: J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1964. (v. 22, Original publicado em 1932-1936)

_____. **O Inconsciente (1915)**. Obras completas Sigmund Freud. Traducción: José L. Etcheverry. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. Sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente Trabajos sobre técnica psicoanalítica y otras obras. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1982l. (v. 12, Original publicado em 1911-13)

_____. **Obras completas Sigmund Freud**. Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico Trabajos sobre metapsicología y otras obras (1914-1916). Traducción: José L. Etcheverry. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1991. (v. 14, Original Publicado em 1914-1916)

_____. **Obras completas**. El chiste y su relación con lo inconsciente (1905). Traducción: José L. Etcheverry. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2006. (v. 8, Original publicado em 1905)

_____. **Presentación autobiográfica Inhibición, síntoma y angustia ¿Pueden los legos ejercer el análisis? y otras obras [1925-26]**. Obras completas de Sigmund Freud. Traducción: J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. (v. 20, Original publicado em 1925-1926)

_____. **Presentación autobiográfica**. Ordenamiento, comentarios y notas de James L. Strachey, Buenos Aires: Amorrortu, 1992g.

_____. **Primeras publicaciones psicoanalíticas (1893-1899)**. Obras completas de Sigmund Freud. Traducción: J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1962. (v.3, (Original publicado em 1893-1899)

_____. **Psicanálise e Teoria da Libido**. Dois artigos da enciclopédia (1922 [1923]). Obras completas Sigmund Freud. Traducción: José L. Etcheverry. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. Más allá del principio de placer *Psicología de las masas* y análisis del yo y otras obras. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1982n. (v. 18, Original publicado em 1920-22)

_____. **Psicopatologia da vida cotidiana (1900-1)**. Obras completas Sigmund Freud. Traducción: José L. Etcheverry. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. Primeras publicaciones psicoanalíticas. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1982h. (v. 3, Original publicado em 1893-1999)

_____. **Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-99)**. Obras completas de Sigmund Freud. Traducción: J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1982a. (v.1, Original publicado em 1886-1899)

_____. **Sexualidade na etiologia das neuroses (1898)**. Obras completas Sigmund Freud. Traducción: José L. Etcheverry. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. Primeras publicaciones psicoanalíticas. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1982g. (v. 2, Original publicado em 1893-1995)

_____. **Sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente (Schreber) Trabajos sobre técnica psicoanalítica y otras obras [1911-1913]**. Obras completas de Sigmund Freud. Traducción: J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. (v. 12, Original publicado em 1911-1913)

_____. **Totem e tabu (1913)**. Obras completas Sigmund Freud. Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. El delirio y los sueños en la «Gradiva» de W. Jensen y otras. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1982q. (v. 11, Original Publicado em 1906-08)

_____. **Tótem y tabú (1913)**. Obras completas de Sigmund Freud. Traducción: J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 2001. (v.13, Original publicado em 1913)

_____. **Trabajos sobre metapsicología, presente em Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico**. Ordenamiento, comentarios y notas de James L. Strachey. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.

_____. **Cinco Lições de Psicanálise (1909)**, Obras completas Sigmund Freud. Traducción: directa del alemán de José L. Etcheverry. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. El delirio y los sueños en la «Gradiva» de W. Jensen y otras obras. Buenos Aires: Amorrortu editores: 1992i. (v. 11, Original Publicado em 1906-08)

_____. **Tratamiento psíquico (tratamiento del alma) [1890]**. Obras completas de Sigmund Freud. Traducción: J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 2001. (v. 1, Original publicado em 1890)

FULGENCIO, L. Comentários críticos das referências textuais de Freud a Kant. **Psicol. USP**, v. 12, n. 1, pp. 49-87, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psup/a/LnX9j6ZjK7k99pRCHxQnzXg/?lang=pt#>. Acesso em: 15 fev. 2023.

_____. Comentários críticos das referências textuais de Freud a Kant. **Psicologia USP**, v. 12, n. 1, pp. 49-87, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psup/a/LnX9j6ZjK7k99pRCHxQnzXg/?lang=pt#>. Acesso em: 15 fev. 2023.

_____. Fundamentos kantianos da psicanálise freudiana e o lugar da metapsicologia no desenvolvimento da psicanálise. **Psicol. USP [online]**. v.18, n.1, pp. 37-56, mar. 2007a. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772007000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 abr. 2023.

_____. O kantismo de Freud. **Revista Mente e Cérebro: Filosofia: fundamentos para a compreensão contemporânea da psique**. São Paulo, v. 3, pp. 64-73, 01 jan. 2007b. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epos/v3n1/09.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. [Original publicado em 1936]

GAY, Peter. **Freud: Uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GOETHE, J. W. **Máximas e reflexões**. Tradução e notas: José M. Justo. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2000.

GRODDECK, G. **Estudos psicanalíticos sobre psicossomática**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2011.

_____. **Escritos Psicanalíticos sobre Literatura e Arte**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2001. (Trabalho original publicado em 1909)

_____. **O Livro disso**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2008. (Trabalho original publicado em 1921)

GUTIÉRREZ-TERRAZAS, J. O conceito de pulsão de morte na obra de Freud. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, jun. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982002000100007>. Acesso em: 10 fev. 2022.

HESSEN, J. **Teoria do conhecimento**. Coimbra: Arménio Amado, 1987.

HONDERICH, T. **The Oxford companion to Philosophy**. Oxford: Oxford Unversity Press, 1995.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

JONES, Ernest. **A vida e a obra de Sigmund Freud Part I**. Tradução: Júlio Castafion Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1989. (v. 3, Original publicado em 1879-1958). Disponível em: <https://doceru.com/doc/s1c0081>. Acesso em: 15 mar. 2023.

KANT, I. Carta de I. Kant a Marcus Herz. Tradução: Paulo Roberto Licht dos Santos. **O que nos faz pensar**, v. 21, n. 32, dez. 2012. Disponível em: <https://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/oqfnf/article/view/373/372>. Acesso em: 15 mar. 2023.

_____. **Crítica da faculdade do juízo**. Tradução: Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993. (Original publicado em 1790)

_____. **Crítica da razão prática**. Tradução: Valerio Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Original publicado em 1788)

_____. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (v. I, Os pensadores)

_____. **Crítica da Razão Pura**. Tradução e notas: Fernando Costa Mattos. 4. ed. Petrópolis RJ: Vozes. Editora Universitária São Francisco, 2015. (Original publicado em 1781)

_____. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução e notas: Guido Antônio de Almeida. São Paulo: Discurso Editorial: Barcerolla, 2009.

LACAN, J. M. E. A ciência e a verdade. *In*: **SEMINÁRIO 13: O objeto da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. **O Seminário de Jacques Lacan, livro 4: as relações de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. (Seminário de 1964)

_____. **O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LEARY, D. **Immanuel Kant and the development of modern psychology**. Woodward, W. R.; Mitchell, Letras, 2006.

LIONÇO, T. Corpo somático e psiquismo na psicanálise: uma relação de tensionalidade. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 11, n. 1, pp. 117-136, jun. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982008000100008>. Acesso em: 21 abr. 2023.

LONGUENESSE, B. **I, Me, Mine: Back to Kant and Back Again**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

LOPARIC, Z. De Kant a Freud: um roteiro. **Nat. hum.** [online], São Paulo, v. 5, n. 1, pp. 231-245, jun. 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302003000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 abr. 2023.

MADEIRA, M. O. M.; JORGE, M. A. C. O encantador do Isso - um retorno a Groddeck. **Rev. Latinoam. Psicopatol. Fundam.**, v. 22, n. 2, Apr./Jun. 2019. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2018v22n2p238.5>

MAGALHÃES, N. M. **O limite constitutivo entre o *cogito* cartesiano e o sujeito da psicanálise construído no texto *A Ciência e a verdade***. 2015. 89 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 25 mar. 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/3679>. Acesso em: 21 abr. 2023.

MANDAI, S. S. R. As influências teóricas do Platonismo sobre a Psicanálise. **Primordium – Rev. Filos. e Est. Cláss.**, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, v. 3, n. 5, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/primordium/article/view/44610>. Acesso em: 20 abr. 2023.

MANN, T. **O pensamento vivo de Schopenhauer**. Tradução: P. F. do Amaral. São Paulo: Martins Souza; São Paulo: Companhia das Letras, 1992. (Original publicado em 1951)

MARCHON, P. Viena nos tempos de Freud. **Rev. Reverie**, Fortaleza, v. IX, n. 1, p. 16-26, mar. 2016. Disponível em: http://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/REVERIE_2016_1-3.pdf. Acesso em: 21 fev. 2023.

MASSON, J. M. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess [1886-1904]**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MENDES, E. G. Freud e a fisiologia. **Estud. Avan.**, v. 10, n. 27, pp. 79-93, ago.1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141996000200004>. Acesso em: 17 mar. 2023.

MENDES, E. R. P. Sigmund Freud e as interseções entre psicanálise e cultura. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 28, n. 53, pp. 23-28, set. 2006. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952006000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 fev. 2023.

MEZAN, R. **Figuras da teoria psicanalítica**. 2.ed. Belo Horizonte: Casa do Psicólogo, 2010.

_____. **Tempo de muda: ensaios de psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MILLER, J. A. **El hueso del problema**. Barcelona: ELPCF, 2000.

NETTO, N. K. P.; CARDOSO, M. R. Sexualidade e pulsão: conceitos indissociáveis em psicanálise? **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 17, n. 3, pp. 529-537, set. 2012.

NIETZSCHE, F. W. **Assim Falou Zaratustra**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **A gaia ciência**. Tradução: Paulo César Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

_____. **Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro [1886]**. Tradução: Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2002. (Original publicado em 1886)

_____. **Assim falou Zaratustra**. Tradução: Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. **Crepúsculo dos ídolos**. Tradução: Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (Original publicado em 1889)

_____. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é**. Tradução: Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Genealogia da Moral**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. (Original publicado em 1887)

_____. **Obras incompletas**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores, Original publicado em 1978)

_____. **Aurora**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das letras, 2004.

_____. **Para além de bem e mal**. 1ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

NODARI, Paulo César. O Sumo Bem e a relação moralidade e felicidade na Crítica da Razão Pura de Kant. **Veritas – Revista de Filosofia da Pucrs**, v. 50, n. 2, pp. 125-153, 2005.

OLIVEIRA, A. R. de. **O pensamento a partir do mecanismo do inconsciente na primeira tópica freudiana**. 2015a. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2015a. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1626181>. Acesso em: 19 de fev. 2023.

OLIVEIRA, L. R. de. O conceito de liberdade em Kant. **Rev. Ágora**, Vitória. n. 21. 2015b. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/11244>. Acesso em: 25 abr. 2023.

PAIM, F. F; IBERTIS, C. M. A hipnose e o método catártico como primeiros caminhos à descoberta da associação livre. **Disciplinarum. Scientia**, Série: Ciências da Saúde, Santa Maria, v. 7, n. 1, 2006.

PASTORE, J. A. D. Schopenhauer e Freud: um elo inegável. **Rev. Bras. Psicanál.**, São Paulo, v. 48, n. 4, set./dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2014000400014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 fev. 2023.

PEREZ, D. O. **O inconsciente: onde mora o desejo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

PRUDENTE, R.; RIBEIRO, M. A. Psicanálise e ciência. **Psicol.: ciênc. e profis.**, Brasília, v. 25, n. 1, pp. 58-69, jan./mar. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000100006>: Acesso em: 15 fev. 2023.

ROCHA, Z. Freud e a filosofia alemã na segunda metade do Século XIX. **Rev. Síntese**, Belo Horizonte, v. 31, n. 99, 2004. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/361/678>. Acesso em: 15 fev. 2023.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SADE, M. **A filosofia na alcova**. Tradução: Eliane Robert de Moraes. Salvador: Ágalma, 1995. (Original publicado em 1795)

SANTOS, W.; ULHOA, J. L. S. Freud e a Filosofia: Incidências de Friedrich Nietzsche. **Sapere Aude**, v. 10, n. 19, pp. 346-368, 2 jun. 2019.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação I e II (1881)**. 2. ed. Tradução: Jair Barboza. Reeditada duas vezes (1844 e 1859). São Paulo: Editora da UNESP, 2005. (Original publicado em 1788-1860).

_____. **Quádrupla raiz do princípio de razão suficiente**. 6. ed. Tradução: E. F. J. Payne; Introdução: Richard Taylor. La Salle: Open Court, 1995.

SILVA, A. F. da. **Os conceitos de vontade e representação no entendimento do mundo segundo Arthur Schopenhauer**. 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5613?locale=pt_BR. Acesso em: 10 mar. 2023.

SIMANKE, R. T.; CAROPRESO, F. S. O conceito de consciência no Projeto de uma psicologia de Freud e suas implicações metapsicológicas. **Trans/Form/Ação**, v. 28, n. 1, 2005.

SISNANDO, A. U.; GOMES, I. de A. O Conceito de Má consciência na Filosofia de Nietzsche versus o Conceito de Superego na Metapsicologia de Freud. **Aufklärung: Rev. Filos.**, v. 7, n. esp., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/arf/article/view/56771>. Acesso em: 15 abr. 2023.

SOUZA, P. C. **Uma visita à casa de Freud**. In: SOUZA, P. C. et al. (Orgs.). **Sigmund Freud e O Gabinete do Dr Lacan**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

STEIN, E. **Melancolia**: Ensaio sobre a finitude no pensamento ocidental. Porto Alegre: Movimento, 1976.

TREVISAN, D. K. Sentidos de metafísica na filosofia crítica de Kant. **Studia Kantiana**, v. 12, n. 17, 2014. Disponível em: <http://www.sociedadekant.org/studiakantiana/index.php/sk/article/view/182>. Acesso em: 11 mar. 2023.

VASCONCELOS, F. A. de. A questão da Metafísica como tema no pensamento de Kant: Breves considerações. **Kínesis - Rev. Estud. dos Pós-Graduandos em Filosof**, Marília, v. XII, n. 31, jul. 2020. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/10627>. Acesso em: 11 mar. 2023.

VORSATZ, I. O sujeito da psicanálise e o sujeito da ciência: Descartes, Freud e Lacan. **Psicol. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, pp. 249-273, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652015000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 mar. 2023.

WEISS, L. C.; BRÄSCHER, M. Organização do conhecimento e kant: uma análise do debate epistemológico sobre realismo e idealismo. **IRIS - Rev. Inform., Memó. e Tecnol.**, v. 3, n. Especial, pp. 56-71, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/93423>. Acesso em: 22 abr. 2023.

XAVIER, L. A. F. **Kant a Freud - o imperativo categórico e o Super ego**. 1. ed. Curitiba: Juruá Editora, 2009.

ZILLES, U. **Filosofia da religião**. São Paulo: Paulus, 2009.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos psicanalíticos: Teoria, técnica e clínica**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

_____. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artmed, 2007.